



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO

**DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA NEGRITUDE FEMININA, NO
TERRITÓRIO AMERICANO:**

Uma leitura psicossocial e analítica do processo de individuação em mulheres negras.

FERNANDA CORRÊA DE PAULA

Seropédica,

RJ 2021



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO

DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA NEGRITUDE FEMININA, NO TERRITÓRIO AMERICANO:

Uma leitura psicossocial e analítica do processo de individuação em mulheres negras.

FERNANDA CORRÊA DE PAULA

Mestranda

Sob a orientação do Professor Nilton
Sousa da Silva

Dissertação submetida à Banca
Interna e Externa do programa
PPGPSI da UFRRJ, como requisito
parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia, no Programa
de Pós - Graduação em Psicologia
(PPGPSI) da UFRRJ.

Seropédica,

RJ 12/2021



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C324d Corrêa de Paula, Fernanda, 1990 -
DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA
NEGRITUDE FEMININA, NO TERRITÓRIO AMERICANO:
Uma leitura
Psicossocial e Analítica do Processo de Individuação em Mulheres
Negras. / Fernanda Corrêa de Paula. - Volta
Redonda, 2021.
170 f.: il.

Orientador: Nilton Sousa da Silva.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, PPGPSI, 2021.

1. Racismo Estrutural. 2. Feminismo Negro. 3. Psicologia
Analítica. 4. Memórias Atávicas. 5. Ancestralidade. I. Sousa
da Silva, Nilton, 1958-, orient. II Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro. PPGPSI III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO
DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

FERNANDA CORRÊA DE PAULA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), Área de Concentração: Psicologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 14 / 12 / 2021.

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC.

Identificação dos Membros da Banca:

Prof. Dr. Nilton Sousa da Silva
Presidente e Orientador

Prof^a. Dr^a. Sônia Maria Bufarah Tommasi
Banca Externa UNIPAZ / Goiás

Prof^a. Dr^a Viviane Conceição Antunes
Banca Interna IM / UFRRJ



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 96/2021 - DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 16/12/2021 13:08)

NILTON SOUSA DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)
Matrícula: 1226849

(Assinado digitalmente em 16/12/2021 15:26)

VIVIANE CONCEICAO ANTUNES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptL/IM (12.28.01.00.00.89)
Matrícula: 1306112

(Assinado digitalmente em 17/12/2021 08:59)

SONIA MARIA BUFARAH TOMMASI
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 030.901.488-38

(Assinado digitalmente em 17/12/2021 12:40)

FERNANDA CORRÊA DE PAULA
DISCENTE
Matrícula: 20191008575

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrj.br/documentos/> informando seu número: **96**, ano: **2021**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **16/12/2021** e o código de verificação: **432b62472f**

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa às minhas filhas, a que está no mundo e a que carrego no ventre, pois as carrego comigo em pensamento e sentimento, integralmente. É meu legado de resistência e poesia, para que vocês não se esqueçam, das infinitas possibilidades de vir-a-Ser no mundo. É por nós! Porque nossos passos vêm de longe e, continuarão através de seus pés.

AGRADECIMENTO

Ao recordar da menina assustada e desconectada que entrou no Programa de Pós Graduação PPGPSI e, perceber a mulher que se constituiu nesta trajetória. É muito gratificante e emocionante!

Sem sombra de dúvidas o mestrado foi um divisor de águas em minha vida. Entre fins de ciclos e inenarráveis outras possibilidades que se vislumbraram para mim, sem o total e integral apoio de meus familiares, pais e irmã, no cuidado cotidiano comigo e com minha filha –meu raiozinho de sol –não teria sido possível vivenciar esta história.

Ao meu orientador, que desde o início se fez presente, acompanhando todas as fases deste percurso incitando autonomia e responsabilidade sobre as escolhas tomadas sem, contudo, desamparar. Aos meus amigos de classe, pelas trocas infinitas e companheirismo genuíno que pude vivenciar nestes anos, minha eterna gratidão!

E, um dos maiores presentes em acolhimento, respeito e representatividade, que a UFRuralRJ me deu foi a professora Viviane Conceição. Não caberá em palavras todo afeto e apoio que recebi dela desde o momento em que nos conhecemos e, o quanto ela foi fundamental na construção e solidificação da mulher que me tornei. Com toda certeza ela um grande referencial para minha trajetória de vida! Para além da academia.

Por tudo que aprendi e vivenciei neste Mestrado ele representa muito mais que um título acadêmico. No coração apenas gratidão por ter persistido e acolhido tudo que o Cosmos me propôs. Com toda memória intangível que esta experiência me permitiu viver!

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. Todas as experiências que tive me conduziram a reconexão com minha ancestralidade e ao legado de minha escrivência no mundo. O primeiro passo registrado, de minha militância negra e, meu lugar mais que sagrado, minuciosamente lapidado de fala!

LISTA DE FIGURAS

página

Figura 1- Crítica à Escravidão	68
Figura 2- Crítica à Igreja	68
Figura 3- Crítica ao sexagenário	68
Figura 4- Quadro intitulado castigo de escravo	69
Figura 5- Cartão postal da década de 1900, intitulado Negrinha.....	71
Figura 6- Escritora Carolina de Jesus.....	77
Figura 7- Mãe Maga, Parteira da comunidade quilombola Conceição das Crioulas,.....	77
Figura 8- Laudelina Melo, Primeira líder sindical na década de 1930.....	96
Figura 9- Eulália Santos, chefeou a Cia das Fadas, no grupo dos Bandeirantes na década de 1920.	96
Figura 10- Elza Soares, cantora condecorada com o prêmio milênio de música popular brasileira na década de 2000.....	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1

página

População brasileira associando índice de pobreza ao fenótipo.....	53
--	----

Tabela 2

página

População brasileira associando acesso às profissões ao fenótipo.....	53
---	----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - O NEGRO NAS AMÉRICAS, CORPO SEM ALMA, OBJETO ETNOCÊNTRICO.....	24
1.1. Uma releitura teórico metodológica da colonização americana com <i>locus</i> do viés africano.....	24
1.2 Saberes em tessitura, intersecção de classe, raça e gênero.....	40
CAPÍTULO 2 - HERANÇAS ATÁVICAS EM MULHERES NEGRAS	57
2.1 O lugar histórico/simbólico delegado à mulher negra, do colonialismo à contemporaneidade	57
2. 2. Duas faces de uma mesma moeda.....	72
CAPÍTULO 3 - EMPODERAMENTO FEMININO.....	82
3.1 Compreender os nuances sociais e singulares que atravessam o conceito de empoderar-se.	82
3.2 O que cabe às mulheres africanas para empoderar-se na práxis.	89
CAPÍTULO 4 - EXPOENTES NEGRAS NAS AMÉRICAS: DO NORTE, CENTRAL E DO SUL.....	100
4.1 Especificidades da militância feminista negra, uma pauta ainda necessária de se enfatizar	100

4.2 Mulheres negras em marco, como representante na América do Norte: Ângela Davis...	105
4.3 Mulher negra em marco, como representante, na América Central: Audre Lorde.....	111
4.4 Mulher negra em marco, como representante, na América do Sul: Lélia Gonzalez.....	118
CAPÍTULO 5 - RETORNO ÀS RAÍZES.....	129
5.1 Indivíduoar-se, ser no processo em entrega genuína.	129
5.2 Mulheres negras, retorno às raízes em processo de individuação	134
5.3 O desafio de viver a ciclicidade feminina em uma estrutura patriarcal	141
5.4 Indivíduoar-se enquanto movimento <i>unus mundi</i>	153
CONCLUSÃO.....	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	162

RESUMO

CORRÊA de Paula, Fernanda. **Desconstrução e reconstrução da negritude feminina, no território americano: Uma leitura psicossocial e analítica do processo de individuação em mulheres negras.** 2021. 170p. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Processos sociais) Instituto de Educação Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

Esta pesquisa parte de uma perspectiva etnográfica e etnopsicológica, do viés de uma pesquisadora negra imbuída em seus processos pessoais e, sociais. Sob a perspectiva da abordagem teórica e prática da Psicologia Complexa de Carl Gustav Jung e incursões ao movimento pós-Junguiano. Visa contextualizar efeitos da escravatura no Brasil, no primeiro quarto do século XXI, para correlacionar com bloqueios sociais do processo de individuação. Processo que deve ser uma conquista cidadã à luz dos direitos humanos. Neste sentido, a pesquisa direciona o olhar para os corpos femininos negros de todas as faixas etárias, todavia, guiado pela história de vida de três mulheres negras com idade acima de 75 anos, para ilustrar lutas de gênero, raça e classe social; no translúcido mosaico cultural da Europa que ainda está presente no Novo Mundo - América- com estigmas sociais, a partir da aculturação do patriarcado, do cristianismo e da diáspora africana. As três mulheres que irão ilustrar o corpo desta dissertação são: Ângela Davis, da América do Norte; Audre Lorde, da América Central, e Lélia Gonzales, da América do Sul, para embasar a superação de obstáculos pessoais e sociais sobre o racismo, com dados autobiográficos, biográficos dentre outros documentos históricos, para vislumbrar um processo de individuação étnico cultural. Por se tratar se uma pesquisa etnográfica, a construção desta narrativa traz entrelaçada à história de vida dessas três expoentes negras, fragmentos que perpassam a vida da autora da presente proposta de dissertação, para interseccionar com outros intelectuais, tendo em vista tecerem as tramas e atravessamentos do processo de individuação em mulheres negras nas sociedades americanas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras, cultura, feminilidade consciente, processo de individuação.

ABSTRACT

CORREA de Paula, Fernanda. **Deconstruction and reconstruction of female blackness in the American territory: A psychosocial and analytical reading of the individuation process in black women.** 2021. 170p. Dissertation (Master in Psychology, Social Processes)

Institute of Education Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021 .

This research starts from an ethnographic and ethnopsychological perspective, from the perspective of a black researcher imbued with her personal and social processes. From the perspective of Carl Gustav Jung's theoretical and practical approach to Complex Psychology and incursions into the post-Jungian movement. It aims to contextualize the effects of slavery in Brazil, in the first quarter of the 21st century, to correlate with social blocks of the individuation process. A process that should be a citizen's achievement in the light of human rights. In this sense, the research focuses on looking at black female bodies of all age groups, however, guided by the life story of three black women over the age of 75, to illustrate struggles of gender, race and social class; in the translucent cultural mosaic of Europe that is still present in the New World - America - with social stigmas, from the acculturation of patriarchy, Christianity and the African diaspora. The three women who will illustrate the body of this dissertation are: Angela Davis, from North America; Audre Lorde, from Central America, and Lélia Gonzales, from South America, to support the overcoming of personal and social obstacles about racism, with autobiographical and biographical data, among other historical documents, to envision a process of ethnic cultural individuation. As it is an

KEYWORDS: Black women, culture, conscious femininity, individuation process.

RESUMEN

CORREA de Paula, Fernanda. **Deconstrucción y reconstrucción de la negridad femenina en territorio americano: Una lectura psicosocial y analítica del proceso de individuación en mujeres negras.** 2021. 170p. Disertación (Maestría en Psicología, Procesos Sociales) Instituto de Educación Universidad Federal Rural de Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

Esta investigación parte de una perspectiva etnográfica y etnopsicológica, desde la perspectiva de una investigadora negra imbuida de sus procesos personales y sociales. Desde la perspectiva del enfoque teórico y práctico de la Psicología Compleja de Carl Gustav Jung y las incursiones en el movimiento post-Junguiano. Busca contextualizar los efectos de la esclavitud en Brasil, en el primer cuarto del siglo XXI, para correlacionarlos con los bloques sociales del proceso de individuación. Un proceso que debe ser un logro ciudadano a la luz de los derechos humanos. En este sentido, la investigación se enfoca en observar los cuerpos femeninos negros de todos los grupos de edad, sin embargo, guiados por la historia de vida de tres mujeres negras mayores de 75 años, para ilustrar luchas de género, raza y clase social; en el traslúcido mosaico cultural de Europa que aún está presente en el Nuevo Mundo - América - con estigmas sociales, de la aculturación del patriarcado, el cristianismo y la diáspora africana. Las tres mujeres que ilustrarán el cuerpo de esta tesis son: Ángela Davis, de Norteamérica; Audre Lorde, de Centroamérica, y Lélia Gonzales, de Sudamérica, para apoyar la superación de obstáculos personales y sociales sobre el racismo, con datos autobiográficos y biográficos, entre otros documentos históricos, para vislumbrar un proceso de individuación cultural étnica. Al tratarse de una investigación etnográfica, la construcción de esta narrativa

PALABRAS CLAVE: Mujeres negras, cultura, feminidad consciente, proceso de individuación.

DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA NEGRITUDE FEMININA, NO TERRITÓRIO AMERICANO:

Uma leitura psicossocial e analítica do processo de individuação em mulheres negras.

APRESENTAÇÃO

Sou uma mulher descobrindo/tornando-me negra, frente a inúmeros processos de aniquilação e segregação de minha essência. Uma mulher no caminho de Si Mesma! Direcionando-se enquanto auxilia outros sujeitos a encontrarem seus caminhos no fazer profissional, enquanto psicóloga clínica, pela orientação da Psicologia Complexa de Carl Gustav Jung, especialista em Neuropsicologia com ênfase de pesquisa sobre A Psicogênese das Doenças Mentais Em Crianças, pela perspectiva Psicanalítica, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGSI-UFRJ) imbuída nos processos de racismo estrutural e seus atravessamentos em corpos femininos negros.

Para compor minha polifonia, há inúmeros fragmentos de mim, todos em constante, quando não em simultâneo, processo de (re)construção de si, como mestranda, mãe, filha, irmã, *et al.* O caminho até aqui, embora a aparente pouca idade, foi longo. E dentro de três gerações de ambos os clãs—ao menos até onde pude inteirar-me—sou a exceção em diversos aspectos, a única (entre os irmãos) de fenótipo negro em uma família de genitores híbridos, a única que não aderiu expressar-se em caráter religioso pela perspectiva judaico cristã, a primeira do clã [ainda que com árdua luta e muita força de vontade] que teve a possibilidade em adquirir ensino de pós graduação, por ter recebido as mínimas condições que permitam qualquer sujeito ocupar-se de si e seus processos, sem haver de escolher entre instruir-se ou alimentar-se para (sobre)viver.

Com consciência plena de que esta exceção a três gerações antecessoras não foi mera casualidade e sim uma quebra de paradigmas, um bradar de insurgência ante a um sistema que trabalha ininterruptamente para manter suas fortes e precisas estruturas, inatingíveis.

Hoje, muitos anos e choros depois pude compreender que as durezas e preconceitos à que a vida me incutiu, enquanto mulher negra eram reverberações que não estavam endereçadas a minha essência singular e sim, ao meu fenótipo! E, o racismo enquanto estrutura é tão cruel, que consegue capturar as subjetividades das personificações de seus

afetos mais próprios, utilizando-se por vezes do lugar de fala do próprio clã. O que exigiu um trabalho árduo, longo e intenso para que eu pudesse compreender esta estratégia social e notar que os sujeitos não falavam por eles, ou não apenas por eles; todavia pude notar o quanto todos os contextos históricos e psicossociais que atravessaram nossas estruturas falavam através deles!

Notei então que se eu quisesse uma história diferente para mim e para meus descendentes eu teria muito trabalho pela frente, logo, rupturas, cisões com construções, ideais e identificações que me facultavam pertencer — a atual estrutura familiar e/ou social — necessitavam ser banidos ou reformulados, acrescidos de novas perspectivas e possibilidades, para de fato Vir — a — Ser.

Estas escolhas não foram e permanecem não sendo sempre fáceis ou agradáveis, por vezes implicam renúncias e, sempre, passa pela via de sustentar uma postura de lealdade genuína a si mesmo, mas a esta altura da trajetória, eu já não cabia mais naqueles lugares previamente demarcados e meu *Self* se fez notar nas necessidades mais viscerais.

Deste modo, se fez nítido que minha trajetória, contornaria outros rios e, sigo forjando ferramentas para desbravar este caminho, entre empunhar a espada e inebriar-se com o perfume das flores pela encosta! E, esta obra transita neste compasso, ora espada afiada, ora o néctar sutil da poesia, sustentando os afetos que atravessam esta alma negra. Então sigo procurando manter vívido, o pulsar que em minhas veias pretas corre em um sangue de resistência e esperança que pulsa e, pulsa forte!

Assim sendo, há uma força/dívida que reverbera no peito, um desejo em amplificar extramuros das academias a magnitude dos saberes Africanos, que constitui em sororidade genuína, bem como a simbologia psíquica que atravessa todo e qualquer sujeito, para além das culturas e em caráter atemporal pelo universo. E, o caminho escolhido para traçar a interseccionalidade, desta rota quilombola contemporânea, dando lugar de fala a esta pesquisa é, através da perspectiva do médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), fundador da teoria Psicologia Analítica dentro da qual os conceitos Junguianos abordam a vida humana, transitando entre conteúdos inconscientes e conscientes, para circundar e descrever a dinâmica da psique, sua relevância frente à construção individual do sujeito.

É utilizada, nesta narrativa para compreender e amplificar, como uma das vias de acesso aos conteúdos inconscientes, à compreensão da mitologia e, todo o arcabouço que esta comporta. Inevitavelmente, me apaixonei pela mitologia e, ao estudá-la, foi possível notar as correlações e formas de atuação desta sob a vida cotidiana, quer percebamos conscientemente

ou não. Deste modo, a atual proposta preconiza trazer uma amplificação em correlações de conceitos sócio-políticos e culturais ao que tange feminismo e racismo, à luz da Etnopsicologia e Etnografia, em interseccionalidade com a perspectiva da Psicologia Analítica.

Psicóloga que sou, optei por lidar com meus processos conscientizando-me deles, na medida do possível. E, as reverberações destes questionamentos, estudos, observações e práxis cotidiana compõem o corpo desta pesquisa, interseccionando o olhar da Psicologia Analítica com os processos civilizatórios do continente americano, em específico sobre corpos femininos negros.

INTRODUÇÃO

A proposta de utilizar-se com propriedade e, propósito, do lugar de fala¹ faz com que se coadunem os atravessamentos éticos e/ou singulares aos sociais. E para se efetivar esta proposta, a narrativa desta pesquisa perpassa por uma releitura da construção do processo civilizatório do território americano – a priori como um todo – tendo em vista resguardar suas polifonias e disseminações, todavia enaltecer as ressonâncias do processo de colonização com base escravocrata africana e rememorar os elos, que são os conectores culturais e, chave de compreensão das estruturas atuais vigentes.

Para compor a releitura aqui proposta, se traz a perspectiva teórica do médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), fundador do termo Psicologia Analítica dentro da qual os conceitos Junguianos abordam a vida humana, transitando entre conteúdos inconscientes e conscientes, para circundar e descrever a dinâmica da psique. É importante ressaltar que no ato de circundar um determinado campo de ação da psique — individual ou coletiva —, este campo não é hermeticamente fechado e mantém constante porosidade com o meio externo para, justamente, retratar polaridades na dinâmica e compensação energética do universo humano (interno e externo).

Para explicitar os conceitos e aplicabilidades relatadas nesta narrativa, foi utilizado o viés da etnografia, bem como da etnopsicologia, com base na obra de José Francisco Miguel Henriques Bairrão e Maria Thereza Ávila Dantas Coelho. *Etnopsicologia no Brasil: Teorias, procedimentos, resultados*. Que permite apreender, com a análise de um acervo, que contém estudos de casos e análises de obras com caráter etnográfico, bem como de críticas e construções a cerca da cientificidade de tais obras frente às implicações do pesquisador; que nestas perspectivas, etnográficas e etnopsicológicas; tem por primazia o pesquisador ser parte imbuída no contexto ao qual pesquisa.

¹ Djamila Ribeiro compreende por lugar de fala, uma possibilidade determinada pela hierarquia social do sujeito e das matrizes estruturais de dominação civilizatória, de tal modo, que ao negro, cabe em detrimento do racismo estrutural, sempre sofrer opressão racista e, ao privilegiado por mais que se tenha consciência, desfrutar dos privilégios. Questiona-se deste modo, com tal expressão, a legitimidade que é conferida ao grupo localizado no poder. (RIBEIRO, 2020, p 68.)

A obra acima citada, traz a conotação de outros antropólogos precursores que se debruçaram neste viés de estudos, tal qual Silva (2005) *et al.* com a validação dos dados coletados bem como das fases que compõem uma pesquisa, exatamente pela apropriação de causa que cabe ao pesquisador adepto ou parte envolta no conteúdo pesquisado. Conforme acresce Bairrão e Coelho (2015):

A falência da “racionalidade científica como caminho unívoco” marcou as ciências humanas nas últimas duas décadas e criou terreno para que pudéssemos pensar nossas próprias experiências para além de um apelo egóico e emocional. Quanto mais avançamos no tema, mais percebemos quanto o “antropólogo de carne e osso” não precisa aparecer apenas em notas de rodapé, pois o nativo que surge nas páginas principais é também o próprio autor. [...] De fato a neutralidade era um item de desejo na construção de uma boa etnográfica, mas a muito já se atesta esta impossibilidade.

[...] Quando são questionadas as condições de produção do trabalho de campo e a implicação do pesquisador no lugar dos sujeitos nos dados colhidos, do sujeito que investigou e, mais especificamente, a participação desses sujeitos no processo de construção do conhecimento. Não é descartado o “abandono de si mesmo” para apreender o outro em seus próprios termos, mas, na impossibilidade de abandonar-se por completo, o antropólogo passa a se assumir naquela relação. Abre-se espaço para que as etnografias não sejam construídas por um discurso monofônico que separa o “nós” do “eles”, mas por um discurso “polifônico”, destacando o trabalho de campo como um espaço de troca de experiências e da inter-comunicabilidade entre os modelos culturais dos quais fazem parte o observador e o observado (BAIRRÃO & COELHO, 2015, p. 467, *apud*, SILVA, 2005, p.145).

De tal modo, se permite contextualizar recortes historiográficos, iconografias, confrontar práxis e estruturas desenvolvidas e cristalizadas, no território que se delega Novo Mundo, ou capitania das Américas, como parte desta construção. Sem estar passível a desvalidação e aculturação de um saber, pelo fato de se fazer parte deste.

Uma vez que, se analisadas minuciosamente, para além dos desejos e motivações, os elos que atravessam e norteiam quaisquer sujeitos aos seus objetos de estudos, em alguma instância os conectam, ainda que de maneira indireta, ou inconsciente. E utilizar desta implicação a favor da possibilidade de reconstruções, de viabilizar, ser conector de fragmentos historiográficos adulterados – como na história das etnias africanas na construção social americana – é em alguma, ou em várias instâncias, utilizar do lugar de fala da ciência, da academia em prol da possibilidade de verdadeira integração do sujeito em suas polifonias.

Deste modo se faz relevante em simultâneo ao olhar historiográfico tangível, adentrar na construção simbólica cultural e suas esferas de atuação psíquicas. Para tal, Henderson (1990) nos traz o conceito de complexo cultural:

“[...] Uma área da memória histórica que está entre o inconsciente coletivo e manifesta parte da cultura. Pode incluir ambas dessas modalidades, consciente e inconsciente, mas é uma identidade que surge dos arquétipos do inconsciente coletivo, que auxilia na formação de mitos e rituais, e, além disso, promove o processo do desenvolvimento individual.” (HENDERSON, 1990, p. 103, tradução nossa).²

Ao partir, desta perspectiva, Samuel Kimbles (2014), analista Junguiano, que narra em sua obra *Narrativas fantasmas: As contribuições invisíveis da cultura para a psique um pouco de seu percurso e de seus atravessamentos pessoais*, ao que diz respeito em se tornar membro do Instituto Junguiano, a partir do lugar de fala, de um afro-latino-americano, se comprometeu internamente a não desonrar/desvalidar este lugar e seus atravessamentos; postula assim, a conceituação de complexo cultural, em que, segundo Kimbles (2014), os complexos culturais consistem em potências operantes através das expectativas dos grupos, correlacionando-se diretamente com as condições singulares dos membros, ao que remetia sua definição de si mesmo, seu destino e seu senso de sua singularidade. Assim sendo, eles operam através dos medos do grupo, dos seus inimigos e suas atitudes em relação a outros grupos (KIMBLES, 2014, p. 67)³.

O que permite perceber o contexto mítico/cultural dos complexos dos grupos, em outra passagem ibidem, explicita em minúcias seus mecanismos de atuação.

Podemos facilmente perceber que a memória cultural não pertence apenas aos indivíduos que residem na cultura, mas também à própria cultura, esta gera seus próprios campos emocionais. Esses campos, é claro, operam através da psique dos indivíduos para alcançar seus efeitos. A memória cultural usa a psique dos indivíduos para canalizar a libido, propagar o afeto e constelar ideologias, molda valores, expectativas, prescrições, proscricões, rituais e história do grupo. Particularmente, a forma como as culturas imaginam sua dívida com o passado e os processos reparadores que vão exigir do futuro são quase inteiramente moldados por complexos culturais (KIMBLES, 2000 p.42).

²“[...] Na area of historical memory that lies between the collective unconscious and the manifest pattern of a culture. It may include both these modalities, conscious and unconscious, but it has identity arising from the archetypes of the collective unconscious, which assists in the formation of myth and ritual and also promotes the process of development in individuals (HENDERSON, 1990, p. 103).

³ I will not attempt to answer all of these questions, I pose them as prods to deepen reflections on intergenerational processes, group traumas, and group shadows. Our ongoing relationship to group life and our experience within it contain vital issues related to our collective and individual survival, vulnerability, and continuity (p.67)

Outro viés digno de nota, que aborda esta pesquisa, é a perspectiva dos ideais feministas em sua abordagem historiográfica, em correlação com as esferas psíquicas do sujeito imbuído nesta cultura. Ressalta-se ainda sobre o empasse, transvestido de necessidade de validação, ou supremacia masculina à que se está sujeita as produções científicas realizadas por mulheres -e este também é um dado histórico -conforme salienta Arruda (2019) *et al.* na obra *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*.

Seu poder de conferir representatividade à narrativa nacional foi forjado e mantido pelo esquecimento de memórias subterrâneas, recalçadas pela submissão ao apagamento das diferenças em nome do “caráter uniformizador e destrutivo da memória coletiva nacional”, agenciada pelo aparato do estado, incluindo-se aqui a própria instituição literária e suas agendas político-ideológicas. Se a memória nacional é a forma mais acabada da memória coletiva, e se o cânone literário é a narrativa autoriza dessa memória, pode-se dizer que o resgate da autoria feminina do século XIX traz à tona, de forma explosiva, aquilo que a memória recalçou, ou seja, outras narrativas do nacional que não só deixam visíveis as fronteiras internas da comunidade imaginada como refiguram a questão identitária nos interstícios das diferenças sociais de gênero, classe e raça, reconceitualizando a nação como espaço heterogêneo, mais concreto e real, atravessado por tensões e diferenças (ARRUDA, 2019, p. 77).

A intersecção desta obra perpassa pelo afofo dos movimentos e ondas feministas e traz como parâmetro o reconhecimento das precursoras, bem como, o desejo em continuidade deste legado. Não ambiciona esgotar ou abranger todas as especificidades em um único compilado, mas propõe quiçá amplificar pensamentos outrora iniciados, todavia, sem respaldo para serem direcionados e/ou aplicados. A proposta é (re) pensar o que vem a ser o feminino e, suas possibilidades de ser, nos moldes de uma sociedade direcionada por estigmas patriarcais. Conforme elucida Arruda (2019).

[...] São surpreendidas pela entrada maciça de pesquisadoras particularmente interessadas nas questões da desconstrução das noções de gênero e sexualidade, a diversidade dos feminismos – agora sempre usado no plural –, colocando em pauta o debate sobre “lugar de fala”, ou seja, o direito de autorrepresentação dos diversos segmentos feministas. Discute-se, de forma acirrada, teorias decoloniais, *queer*, a desconstrução da noção de gênero. Além disso, a ideia de sexo biológico é duramente interpelada. Essa efervescência, bastante apoiada na bibliografia internacional e em novas revisões feministas das teorias marxistas, é bastante visível na academia. Movida por este momento de redescoberta do feminismo (ARRUDA, 2019, p. 22).

Ao sustentar este viés, se faz notar a necessidade de compreender o feminismo enquanto uma luta por equidade social e, conseqüentemente, política. Ainda que em uma estrutura social de regência patriarcal seja difícil, a priori, compreender esta ordem de funcionamento, que passe por vias outras, que não a da ordem e poder central de algo. O que

se compreende na maioria das vezes, equivocadamente, que a busca dos movimentos feministas seja pela polarização oposta ao patriarcado [mulheres no centro do poder].

O esclarecimento desta perspectiva se faz de veres relevante, para se compreender que os conteúdos contidos nesta pesquisa não são um ataque segregado ao sujeito, mais precisamente aos homens, como ocorre em perspectivas feministas intituladas como radicais. E sim, uma militância secular, por emancipação e os princípios de equidade, respeito e igualdade para todos — de fato — tal qual preconiza a Constituição Federal! Em uma releitura e proposta de reinserção de um feminino [em especial olhar, voltado às especificidades do feminino negro] desde o fenômeno da colonização relegado à sombra!

Em intersecção com os construtos psicológicos, traz um viés sócio-político e historiográfico, narrativas sobre o racismo, pelas perspectivas de alguns precursores como Djamilia Ribeiro, Joice Berth, Laurentino Gomes, Audre Lorde, Ângela Daves, Lélia Gonzalez dentre outros. Com especial olhar voltado ao corpo feminino negro. Conforme assegura Gonzalez (2020) em sua obra *Por Um Feminismo Afro Latino Americano* “Para nós negros, para nós índios, para nós mulheres jamais houve democracia neste país. Então, não venham me falar de redemocratização, porque para nós nunca houve democracia.” (GONZALEZ, 2020, p. 218).

E, outro viés que contempla e coaduna-se a esta proposta, é o da militante negra estadunidense Glória Jean Watkins, conhecida mundialmente por seu pseudônimo, Bell hooks —que opta em assinar suas obras com este grifo singular, de manter seu sobrenome em minúsculo, valendo-se do posicionamento, que deseja manter o foco de suas obras em seu conteúdo, não em seu nome—Bell Hooks(2018) reforça ainda, como os veículos de mídia [enquanto porta vozes do poder dominante] são manipuladores intencionais para promover este caos com enfoque em gênero, subvertendo, inclusive dos homens o direito em expressar sua verdade e consonância com o princípio de feminilidade, impondo em nome de um reconhecimento social de masculinidade, a violência e necessidade de dominação como características essenciais para a construção do que vem a ser o homem em uma sociedade patriarcal (HOOKS, 2018, p. 80).

A dissociação das atitudes do que vem a ser o produto final, em um processo de construção de civilidade sob os estigmas patriarcais, se faz um dos maiores entraves para a construção e propagação eficaz das ideias e propostas feministas, uma vez que requer atuação contra o fluxo naturalizado — instaurado como natural — de funcionamento social e, está-se a falar de todos os aspectos e recursos que se necessita para conscientização social o que, se

instaura no desafio de pensar o contemporâneo [seu próprio contexto e infinitas outras formas de pertencer] enquanto o vivencia. Com a proposta de formular estratégias de embate e insurgências sociais que de fato sejam plurais. Conforme elucida Hooks (2018):

Até o momento não produzimos um *corpus* de teoria feminista visionária em uma linguagem acessível nem compartilhamos isso por comunicação oral. Hoje, em círculos acadêmicos, grande parte das muito celebradas teorias feministas são escritas em um jargão sofisticado que somente as pessoas com alto nível de educação conseguem ler. A maioria das pessoas em nossa sociedade não tem uma compreensão básica sobre o feminismo; não pode adquirir esse conhecimento através de uma grande quantidade e diversidade de material, como cartilhas de nível escolar, e outros, porque eles não existem. Precisamos criá-los, se quisermos reconstruir um movimento feminista que seja verdadeiramente para todo mundo (HOOKS, 2018, p. 119).

Com base nas colocações acima sobre a urgência em integrar ao cânone científico, as perspectivas do feminino, transcritos por mulheres esta pesquisa traz em caráter etnográfico e etnopsicológico [por se tratar de uma pesquisadora negra a pesquisar o próprio território e sua historicidade transgeracional] o desejo em reivindicar e se fazer cumprir este espaço. Segundo aponta-nos Bairrão e Coelho (2015) sobre a metodologia do campo etnopsicológico e etnográfico preconizam ter em lócus aspectos sociais e as interseccionalidades que compõe o sujeito e, não avaliar suas características isoladas em um aspecto reducionista do conceito de centralidade de personalidade (BAIRRÃO E COELHO, 2015, p.45).

Ao deslocar o lugar de etnógrafo, do antropólogo para o psicólogo, cabe fazer a analogia quanto à epistemologia que os aproxima. Em que ambos têm as sobreposições (sociais, culturais, religiosas) dentre outras, como redes constituintes e influenciadoras sobre a construção do sujeito, com relevância, ao fato de o psicólogo levar a cabo a instância psíquica e a singularidade do indivíduo. Deste modo, aparecerá nas entrelinhas, ora de maneira implícita, ora de maneira explícita, em narrativas desta pesquisa, os atravessamentos vivenciados pela pesquisadora enquanto mulher negra em movimento de diáspora no contemporâneo. Em que coaduna-se haver relevância à linha de pesquisa qualitativa e os atravessamentos sociais que a compõem serem observados junto às releituras das possibilidades de composições subjetivas e simbólicas que também constituem os sujeitos civilizados.

Ao se propor uma narrativa sobre o feminino [com ênfase nos corpos negros] em território americano e as reverberações destes aos sujeitos africanos é necessário retomar a mentalidade da colonização do Brasil quanto à estrutura do patriarcado europeu, que chegou ao Novo Mundo com a visão de mundo extrativista para além de retirar e aqui, produzir, mas

nada deixar para os seus cidadãos. Principalmente, para a população autóctone que ainda hoje luta para ser de fato inserido na sociedade brasileira, para além das margens sociais à que foi delegada a estas etnias, conforme elucida Gonzalez (2020):

Estamos cansados de saber que nem na escola nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que é que fica? A impressão de que só os homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir este país. A essa mentira tripla se dá o nome de: sexismo, racismo e elitismo (GONZALEZ, 2020, p. 186).

Etnias indígenas e africanas destituídas de suas expressividades e representatividades culturais em que os negros vieram a sofrer, com acréscimo a este fato, foi o fenômeno da escravização enquanto ferramenta de construção do Novo Território colonizado. Onde capturados em caráter diásporo⁴ para ser utilizados como propriedades em lugares diversos do território brasileiro, pontua-se assim uma das principais estratégias de segregação à influenciar a formação cultural, tendo a diáspora dos africanos como parte de uma estrutura, intencional, frente a constante tentativa de silenciar no contexto cultural brasileiro, a escravidão como base do processo de uma exploração e corpos [vistos etnocentricamente como sem alma] para colonizar o Novo Mundo.

Consequente fruto de mais de três séculos de escravidão, tem-se como herança na sociedade brasileira um complexo cultural, onde Samuel Kimbles (psicólogo e negro), e Thomas Singer (2014) ambos os analistas do Instituto Junguiano da cidade de São Francisco, Califórnia (EUA). Em que o primeiro, conforme discriminado acima, ao beber das fontes de Henderson (1990) amplifica o conceito Junguiano de complexo ao elucidar o conceito de complexo cultural, que consiste em acrescer ao inconsciente pessoal os conflitos oriundos dos diversos grupos sociais tendo com princípios motivacionais classe, gênero, raça e étnicos. (KLIMBER 2000, p. 157).

Kimbles (2014) traz uma inquietação que lhe acomete:

É, possível, fazer crescer, no âmbito coletivo, nos indivíduos de nossa cultura, a capacidade emocional de manter uma tensão criativa e generativa em nossas necessidades nacionais de sobrevivência e de integridade do

⁴Diáspora

Dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica. O termo diáspora define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de muitas grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas. O termo "diáspora" é usado com muita frequência para fazer referência à dispersão do povo hebreu no mundo antigo, a partir do exílio na Babilônia no século VI a.C. e, especialmente, depois da destruição de Jerusalém em 70 d.c. (HOUAISS, 2009).

mundo como um todo, de modo que, na parte de perceber os opostos podemos nos tornar o que o complexo cultural insiste - um sistema único, unido e interdependente? (KIMBLES, p.68)⁵.

E, deste lugar de sujeito ativo, entretanto imbuído em sistemas símbolos de atuação autônoma nas teias dos processos civilizatórios, convida-se a problematizar o lugar de atuação possível em meio à (re) significação dos traumas, bem como da propagação dos legados ancestrais que, em paralelo, também compõem o simbólico cultural coletivo.

Ao interseccionar teorias e aplicabilidades metodológicas voltados aos corpos femininos negros, se faz relevante reconhecer as influências de tais aspectos mitológicos na psique feminina, conforme consolida Jean Shinoda Bolen, Psiquiatra e analista Junguiana, que realiza décadas de trabalho, correlacionando a influencia dos arquétipos aos comportamentos sociais em mulheres, Bolen (2015) em sua obra *As Mulheres e as Deusas*, afirma que as influências mitológicas, bem como as influências culturais, *a priori* externas, que dado os reforços, torna-se introjeções sob os papéis a que se destina a expectativa do cumprimento de uma mulher na sociedade, pode adoecer ou mesmo aniquilar certos aspectos, quando não contemplados no contexto cotidiano pela via da consciência (BOLEN, 2015, p. 16)

Como a proposta desta pesquisa passa por uma releitura das influências e dissociações que acometem às mulheres, em especial às descendentes de etnias africanas, em seus processos de individuação, a intersecção dos discursos visa contextualizar este cenário / mosaico cultural que compõe o território americano – com ênfase no Brasil – sem, contudo, deixar de direcionar o olhar para a proposta de Jung, referente ao que conceituou de processo de individuação.

Para Jung (2012) individuar-se não é formar-se com uma finalidade ou em rumo a algo, é ser no processo! Exatamente sentir-se e notar-se neste. E o desafio é exatamente este, contemplar-se contemporaneamente (enquanto se faz). Para tal, não há outro modo que não, a integração dos opostos, sendo estes compostos por elementos externos— no cosmos, bem como em seu próprio ego — e elementos internos (JUNG, 2012, OC 6, p.591-92, §854-855.).

O que leva a crer, que um sujeito em dissociação com seu propósito singular de vida — o processo de individuação — não desfrutam de viver, logo apenas existe! E pensar tal colocação em nível de temporalidade regressiva é deveras assustador, pois remete a seguinte

⁵ In short, if the personal unconscious can be understood through personal complexes, the cultural unconscious can be understood through cultural complexes. Both personal and cultural complexes arise out of archetypal aspects of the psyche and provide affect, image, structure, and dynamism to individual and group life. Cultural complexes function between the personal and archetypal psyche by linking the two realms in group and individual life. KIMBLES, p.68.

reflexão: Quantas gerações de nossos ancestrais podem ter passado pelas suas vidas sem de fato ter tido esta experiência enquanto potência de vida, vítimas que foram de um processo histórico cultural cruel, de escravização, aculturação e segregação?

Rememorar tal processo de construção civilizatório em território americano requer trazer a consciência esta mesma dialética entre a cultura— etnocêntrica— e o processo de aculturação — africano — em que, para haver um equilíbrio nesta estrutura, será necessário capturar com igual ênfase o outro polo e, ao que cabe a etnia africana, outrora reduzida em suas potências, resgatar suas origens ancestrais e realinhar, com as realidades vivenciadas na contemporaneidade.

Para amplificar estas temáticas descritas acima, o capítulo um vem apresentar em caráter teórico metodológico, as intersecções simbólicas e tangíveis imbuídas na temática da colonização e construção americana, analisadas por uma perspectiva psicológica e também por um viés feminista. Em uma releitura do processo de colonização, com ênfase na perspectiva da etnia africana, os dados historiográficos permitem perceber e contextualizar a dinâmica utilizada — reforçada até a atualidade — para reduzir uma etnia [a africana] a objeto etnocêntrico.

O capítulo dois aborda as manifestações de heranças atávicas⁶ em mulheres negras em um recorte historiográfico do período da colonização à contemporaneidade. Parti da perspectiva simbólica de afetos e potências, referidas à etnia africana, reprimidas nestes corpos, por séculos de civilidade patriarcal em terras colonizadas por europeus. Propõe pela perspectiva da compensação— conceito este que compreende a capacidade autorreguladora da psique— para equiparar os meandros das relações de autoimagem da mulher negra, bem como das relações interpessoais de sexismo e misoginia, pois conforme aponta Gambini (1999) se em um polo há (nos princípios do masculino) o desbravador, potente e fálico, em oposto a este eixo, noutro polo, encontra-se a desapropriação e minoração do princípio do feminino e, todos os atributos que visam abarcar esta natureza, em seus constantes reforços culturais(GAMBINI, 1999)

O capítulo três traz a temática da necessidade em se trabalhar o empoderamento feminino negro, aborda o termo na íntegra, sem as deturpações intencionalmente subvertidas, para mais uma vez, despotencializar a consciência feminina. Tendo-se em vista que, ao perpassar pela consciência, os jogos de forças estruturais e patriarcais da atuação imperativa

⁶**Atávismo:**

Propriedade de os seres reprodutores comunicarem aos seus descendentes, com intervalo de geração, qualidades ou defeitos que lhe eram particulares. Semelhança com os antepassados. (HOUAISS 2009)

do racismo e sexismo enquanto estruturas em uma sociedade, pode-se o indivíduo trabalhar em prol de possibilitar a ressignificação desta realidade factual e, adotar um novo posicionamento ante ao que outrora consistia em uma realidade distante e encoberta pela sombra da colonização e todo arcabouço simbólico que ela comporta no inconsciente de todo Brasileiro.

Aborda ainda quanto à necessidade imprescindível, em se notar a relevância de atuação dos complexos e o vínculo direto destes com a possibilidade de atuação sob os corpos negros em nome de um movimento de resistência social contra o racismo. Cabe frisar, que não se pretende com esta colocação colocar em voga a seriedade e/ou urgência dos movimentos sociais contra o racismo, sexismo, feminismo, dentre outras frentes de insurgência militante e, sim, compreender de que lugar e em que instância, se instaura estes discursos. Esta pesquisa traz relevância da responsabilização pessoal do sujeito em seus processos singulares, logo, os convidará a questionarem esta primazia a qualquer frente social que este venha a ocupar.

O capítulo quatro, neste contexto, apresenta três expoentes negras em alguns de seus marcos vivenciados nas Américas, sendo do Norte Ângela Davis, Central Audre Lorde e do Sul Lélia Gonzáles. Demonstra, com fragmentos de suas obras, bem como de relatos biográficos, cada uma com seus recursos e ferramentas, mas ambas em embate com o racismo enquanto estrutura social e suas repercussões nos corpos femininos negros em que elas encontraram suas maneiras de militar. E ao assumir suas posturas e, seus lugares de fala, tornaram-se referência na luta contra o racismo. A narrativa ao contemplar estas expoentes tece as sobreposições no tocante da singularidade de cada uma delas, bem como às comuns ao gênero e raça, bem como suas observações, contribuições e legado para a militância feminista negra na contemporaneidade.

O capítulo cinco, após este arcabouço teórico e prático, sob a perspectiva psicossocial traz uma proposta em ressignificação, frente à influência do racismo bem como do sexismo dentre outros atravessadores na caminhada das mulheres americanas. Compila as possíveis repercussões destes no processo de individuação feminino e os equipa aos feitos percorridos e exemplificados pelas expoentes em corpos femininos negros por todo continente americano. Propõe um retorno aos princípios matrilineares, difundidos em África, logo, parte dos conteúdos atávicos inerentes aos povos americanos.

Traz ainda perspectiva de autores pela abordagem Junguiana, que visam contribuir através da atuação mítica e da (re) conexão da sacralidade do princípio feminino no cotidiano

da mulher contemporânea, como uma ferramenta disponível no elo desta mulher consigo e com o universo, para além da cultura patriarcal vigente.

Assim sendo, reposicionar-se no contemporâneo, suscitar memórias, ir ao encontro de tais conceitos, já é um caminho esperado em se trilhar qualquer brasileiro envolto em compreender suas origens; mas ao se tratar de uma cadeira mestranda ocupada por uma pesquisadora negra, de classe média, produto clássico das margens sociais em todos os nuances; torna-se um dever! E, os conteúdos aqui expressos, mais que informações são dados historiográficos, tecidos com o cuidado de quem esculpe a história da própria alma! Deste modo; resistir faz-se uma práxis; frente à atualização destes traumas na cultura brasileira, contudo, necessário se faz aderir, ao seu lugar neste movimento, sob a luz da consciência.

CAPÍTULO 1 O NEGRO NAS AMÉRICAS, CORPO SEM ALMA, OBJETO ETNOCÊNTRICO.

1.1. Uma releitura teórica metodológica da colonização americana com lócus do viés africano.

Analisar as relações de poder estabelecidas desde os primórdios, do que intitula-se como clonização, socilita algumas releituras e amplificações de ângulos. O primeiro a se (re) pensar é sobre o próprio conceito de terra a ser colonizada, haja vista que não se coloniza um território já ocupado, deste modo à expressão que mais adequaria ao fenômeno vivenciado na América como colonização, seriam sobreposição e aculturação atroz.

Simone Gibran Nogueira (2020) pesquisadora sobre processos socioculturais traz uma proposta de descoloniadade em sua obra *Liberdade, descolôniação e africaniação da psicologia: Breve introdução à psicologia africana*. Acresce o pensamento pautado acima, com o construto da organização e viés etnocentricos:

[...] A problemática aparece quando esta visão de mundo é informada pelo modelo ideológico etnocentrista e racista da supremacia racial branca, ou seja, a perspectiva de que a Europa é o centro do mundo e este é o único modelo válido para normatizar a realidade. A partir deste ponto, projeta e impõe à força suas premissas culturais a outros povos, atacando, desqualificando e

desumanizando as visões de mundo tradicionais/indígenas (NOGUEIRA, 2020, p. 28).

Jung (2015) traz esta problemática descrita acima para a esfera psíquica, de maneira bem próxima, quando acresce à condição psíquica, inerente ao sujeito Americano estas negações projetadas:

Se os senhores se aprofundarem no estudo das raças, como eu o fiz, farão descobertas interessantes. O americano, pelo fato de viver numa terra virgem, tem o índio dentro de si; ele também é um pele vermelha. Tanto o indígena (que provavelmente ele nunca viu), como o negro (apesar de viver na condição de pária, e dos veículos coletivos, reservados apenas para os brancos), entram no americano, e descobriremos que ele pertence a uma nação mestiça. Tal fato é totalmente inconsciente, e apenas podemos falar a esse respeito com pessoas realmente esclarecidas. É igualmente difícil falar a alemães e franceses quando se quer explicar-lhes por que vivem constantemente em divergência (JUNG, 2015, OC 18/1, p.62, §94).

Ao crescer tais conceitos ao fato de lidar com uma sociedade de estrutura social capitalista, recorre-se o pensamento empírico de poder dominante associado a determinados núcleos ou determinados momentos, por assim dizer. Foucault salienta que não é possível deter o poder, que este paira sobre os jogos de forças existentes nas relações, que onde há relações sociais, há poder e corpos sendo docilizados com a finalidade de serem úteis. (FOUCAULT, 1990, p. 29).

Para acrescentar ainda à ideia da colonização, peculiar descrição trazida por Gilberto Freire na clássica obra *Casa Grande e Senzala* referente aos negros e aos indígenas, em roupagens ainda bem estereotipadas, delega aos corpos negros a ideia de produto mais vantajoso, aos olhos dos colonizadores, em se possuir em relação aos indígenas. “O negro tem um espírito alegre, vivo, loquaz, plástico, adaptável, em contraste com o caráter introvertido, tristonho, duro, hirto, inadaptável do silvícola brasileiro: soberbo como uma grande Espanha” (FREIRE, 2000 p.39).

Este direito foi capturado principalmente após o século XVIII, uma vez que os corpos então disciplinados, docilizados, são privados destes direitos, em nome de um ideal massificador de produção de vida. O que outrora se tratava de uma relação monárquica para com seus súditos, bem como de seus senhores para com seus vassallos, do estado para com seus membros e populares, adquire então nova roupagem. Conforme traz Foucault.

A partir do século XVIII, a vida se faz objeto de poder, a vida e o corpo. Antes existiam sujeitos jurídicos dos quais se podiam retirar os bens, e até a vida. Agora existem corpos e populações. E o poder materializa-se. Deixa de ser essencialmente jurídico. Agora se deve lidar com essas coisas reais que são o corpo, a vida. (FOUCAULT, 2005, p. 33).

Em uma grande ampliação, a biopolítica percebe que ao subjetivar os corpos em seus conteúdos pessoais, passa-se a produzir vidas em um processo emancipatório, com isto a

economia vai sendo pautada em lugares de privilégios, elitista, potencialmente marcada por classes de uma minoria no comando de uma massa, [massa esta majoritariamente negra] reforçada em cada nova geração esta engrenagem. Assegurando-se que a parte negada, minorada da sociedade permaneça sem acesso à educação e não possa obter conscientização de tal realidade com vista a continuar a ser como o é, o continente dos primórdios. Com os lugares já bem estipulados para cada sujeito, onde romper com estes quererem trabalho árduo e estar disposto a lutar contra todo um sistema.

Ao adentrar nesta ceara de insurgência, Lélia González (2020) traz uma observação que a autora transferiu ao campo da linguagem, o conceito cunhado por ela e, abordado nesta pesquisa, que é o termo Amefricanidade para descrever a categoria político-cultural do termo e o atrelar ao mito da democracia racial:

Este texto resulta de uma reflexão que vem se estruturando em outros que o antecederam e que se enraíza na retomada de uma ideia de Betty Milan desenvolvida por M. D. Magno.⁷ Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: América Ladina (não é por acaso que a neurose cultural brasileira tem no racismo o seu sintoma por excelência). Nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os “pretos” e os “pardos” do IBGE) são ladino-amefricanos. Para um bom entendimento das artimanhas do racismo acima caracterizado, vale a pena recordar a categoria freudiana de denegação (Verneinung): “Processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença”. Enquanto denegação de nossa ladino-amefricanidade, o racismo “à brasileira” se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer (“democracia racial” brasileira) (GONZALEZ, 2020, p. 115).

O que González explicita acima como sendo um mito no Brasil, sobre a democracia racial, pode-se estender em todo território americano, conforme salienta Silveira e Gordon (2008) com a colocação da problemática da colonização como para além das intersecções focadas em um objetivo dominador e sua historiografia, mas para a condição patológica, compensatória, - pela perspectiva trazida por Adler - inerente aos sujeitos colonizadores (SILVEIRA e GORDON, 2008, p. 84).

O que Fanon e Adler sugerem como uma compensação, Jung (2016) amplifica, ao demonstrar o caráter equilibrador/autorregulador do inconsciente, que este atua independente do desejo consciente, conforme demonstra abaixo:

⁷A citação encontra-se na obra. M.D. Magno, América Ladina: Introdução a uma abertura.

Normalmente a colaboração do inconsciente com o consciente ocorre sem atritos e perturbações, de modo que a existência do inconsciente nem é percebida. Se o indivíduo ou o grupo social se desvia demasiado do fundamento instintivo, vivenciará todo o impacto das forças inconscientes. A colaboração do inconsciente é sábia e orientada para a meta, e mesmo quando se comporta em oposição à consciência, sua expressão é sempre compensatória de um modo inteligente, como se estivesse tentando recuperar o equilíbrio perdido (JUNG, 2016, OC 9/1, p.396, § 505).

Ao se corroborar este movimento de homeostase psíquica aos processos de consolidação simbólica do povo trazido em diáspora e de seus descendentes, convida-se para uma melhor compreensão, uma visita da historiografia do processo de racismo enquanto estrutura da formação sociocultural. González (2020) frisa sobre a importância em se compreender o processo subliminar de embranquecimento e seu caráter teleológico, ocorrido no Brasil:

Sabemos que o Brasil foi o único país das Américas que se negou a receber imigrantes não brancos. Mesmo nos Estados Unidos, considerados um país extremamente racista, receberam os indianos, chineses, enfim, todos os grupos não brancos; como vamos encontrar no Peru, também no Caribe etc. O Brasil foi o único país que rejeitou o imigrante não branco, porque o propósito fundamental era transformar este país num país capaz de chegar à civilização. O que significa isso? Significa que a ideologia dominante na sociedade brasileira, no final do século XIX até os anos 1930, embora essa ideologia se perpetue até os dias de hoje, era justamente embranquecer a sociedade brasileira, dar uma injeção muito grande no sentido da transformação física da população brasileira. E daí termos o período conhecido como o período da grande imigração. Por ironia da história, a grande imigração se baliza por duas datas, uma delas se coloca dois anos após a famosa abolição da escravatura no Brasil (GONZÁLEZ, 2020, p. 227).

Ainda em consonância ao pensamento de Lélia, que aponta para a sutileza das manobras racistas no campo inconsciente, anterior às suas manobras na esfera prática em contexto externo, porque ao reforçar aos negros e indígenas o lugar de base em uma pirâmide social de ascensão, este sistema se retroalimenta e, este movimento se inicia nas ideologias, tal qual a do embranquecimento, do seu posto de verdade universal. “Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que produz: o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue” como se diz no Brasil) é internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura” (GONZALEZ, 2020, p. 130).

Com esta observação, remete-se a construção simbólica da imagem a que foi consolidada socialmente e é reforçada nas vivências cotidianas, quanto a atribuir ao sujeito negro a automatização de vinculá-lo a imagem de ser escravo e, em toda memória arquetípica que esta expressão traz abarcada; subalterno, sem conteúdos e desprezível; dentre tantas

outras. Deste modo, cabe exatamente nesta sutileza da linguagem uma força de expressão que, enquanto energia psíquica, permite tecer o racismo tanto na via de perpetuá-lo quanto da de desemaranhá-lo.

Ao se debruçar sobre este prisma da miscigenação e suas atribuídas hierarquias sociais, raciais e sexuais, Gonzalez (2020) traz um dado relevante “Estratificadas racialmente, elas (as Américas) apresentam um tipo contínuo de cor que se manifesta em um verdadeiro arco-íris classificatório (no Brasil, por exemplo, existem mais de cem denominações para designar a cor das pessoas)” (GONZALEZ, 2020, p. 130).

Ao coadunar, o pensamento descrito por Lélia às ideias da psicologia analítica e a realidade simbólica, do sujeito, alerta-se sobre a necessidade de questionar o posicionamento automatizado de repetições destes conceitos do embranquecimento, sem passar pelo critério de autoavaliação, induzidos à reprodução tendo em vista ser reconhecido com natural, mas o fato é que foram naturalizadas devido às consecutivas reproduções, gerações após outra. A partir deste pressuposto, o posicionamento ético/crítico do cidadão negro solicita - após a conscientização deste processo de embranquecimento implícito nas ideias do cidadão brasileiro - trabalho em prol de expandir esta constatação antirracista, disseminar este ideal, de (des)colonialidade, em prol de desconstruir esta narrativa de naturalização etnocêntrica.

Naturalização esta que Silveira e Gordon (2008) denominaram de “Negrofobia. Esta fobia se situa no plano instintual, biológico. Indo às últimas consequências, diríamos que, através do seu corpo, o preto atrapalha o esquema postural do branco, e isto, naturalmente, quando surge no momento fenomênico do branco.” (SILVEIRA e GORDON, 2008, p. 140). Com esta passagem Silveira e Gordon traz pela perspectiva lacaniana, a desestruturação na ordem do corpo, em que a presença do negro instaura na fobia - a título de corpo dos sujeitos brancos- uma imagem refletida, ao que Jung atribuiria de conteúdo sombrio projetado. O negro se torna então o receptáculo das máculas sociais reprimidas e também das herdadas através do inconsciente coletivo, conforme veremos abaixo:

Jung (2011) após contato com inúmeras culturas distintas, testes de associações, sua percepção da capacidade de representação mítica, todo seu arcabouço teórico de psiquiatra, junto a muita observação e, em consonância com o núcleo da expressão ideia (*eidós*) de Platão, onde este conjectura a existência do belo, do justo, em que toda expressão primitiva tal qual a própria alma existirem anteriores a nossa existência de nascimento atual. E, que se assim não o fosse seriam todas as coadunações atuais vãs (PLATÃO 1996, p. 141). Jung então corrobora a teoria do inconsciente coletivo onde nos elucida que:

Eu defino o inconsciente como a totalidade de todos os fenômenos psíquicos em que falta a qualidade da consciência [...] o inconsciente é o receptáculo de todas as lembranças perdidas e de todos aqueles conteúdos que ainda são muito débeis para se tornarem conscientes. [...] além deste conteúdo, devemos considerar também todas aquelas repressões mais ou menos intencionais de pensamentos e impressões incômodas. À soma de todos estes conteúdos dou o nome de inconsciente pessoal. Mas afora esses, no inconsciente encontramos também as qualidades que não foram adquiridas individualmente, mas são herdadas, ou seja, os instintos enquanto impulsos destinados a produzir ações que resultam de uma necessidade interior, sem uma motivação consciente. [...] Da mesma maneira como os instintos impelem o homem a adotar uma forma de existência especialmente humana, assim também os arquétipos forçam a percepção e a intuição a assumirem determinados padrões especialmente humanos. Os instintos e os arquétipos formam conjuntamente o inconsciente coletivo. Chamo-o 'coletivo', porque ao contrário do inconsciente acima definido, não é constituído de conteúdos individuais, isto é, mais ou menos únicos, mas de conteúdos universais e uniformes onde quer que ocorram. O instinto é essencialmente um fenômeno de natureza coletiva, isto é universal e uniforme, que nada tem a ver com a individualidade do ser humano. Os arquétipos têm esta mesma qualidade em comum com os instintos, isto é, são também fenômenos coletivos (JUNG, 2000, OC.8/2, p.36, §270).

Logo, todo indivíduo traz a capacidade herdada de reproduzir tais conteúdos arquetípicos, na capacidade do humano em reproduzir imagens ancestrais, arcaicas e de conotação coletivas, aos quais se denomina imagens arquetípicas. (JUNG, 1981, O.C. 18/1, 2015, p. 56 § 81).

E a estas, estão disponíveis enquanto fragmentos da potência do arquétipo, pois o arquétipo em sua totalidade, não pode ser capturado em condição humana, são através das imagens arquetípicas – em constante dinâmica [intra e extra] psíquica que possibilita haver a atualização dos conteúdos míticos a que compõem os arquétipos. Quanto aos mitos, Joseph Campbell (1990) mitólogo, em sua obra *O Poder Do Mito* os conceitua e contempla suas vinculações inerentes à natureza e a cultura.

Agora, o que é um mito? A definição de dicionário seria: História sobre deuses. Isso obriga a fazer a pergunta seguinte: Que é um deus? Um deus é a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo – os poderes do seu próprio corpo e da natureza. Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. Mas há também mitos e deuses que têm a ver com sociedades específicas ou com as deidades tutelares da sociedade. Em outras palavras, há duas espécies totalmente diferentes de mitologia. Há a mitologia que relaciona você com sua própria natureza e com o mundo natural, de que você é parte. E há a mitologia estritamente sociológica, que liga você a uma sociedade em particular. Você não é apenas um homem natural, é membro de um grupo particular. Na história da mitologia européia é possível ver a interação desses dois sistemas. No geral, o sistema socialmente orientado é o de um povo nômade, que se move erradicamente, para que você aprenda que o seu centro se localiza nesse grupo. A mitologia orientada para a natureza

seria a de um povo que se dedica ao cultivo da terra (CAMPBELL, 1990, p. 37).

Posto tal esclarecimento, se pode compreender os mitos como meios para acessar conteúdos, a favor do ego, [princípio da consciência] os encontramos através dos ritos, dos contos de fadas, das expressões artísticas e seus simbolismos. Conforme afirma Cristina Baleiro (2020) psicóloga pela perspectiva Junguiana, coordenadora de círculos de mulheres com a proposta de integração dos aspectos femininos, pelo viés dos mitos e ritualísticas, em sua obra *O Legado das Deusas: Novos Mitos e Arquétipos do Feminino* traz a seguinte passagem “Rituais são sempre bem vindos para nossa psique que fala a linguagem simbólica”. (BALEIRO, 2020, p. 62) E, por estes se pode compreender, tantos os atos compostos por intencionalidade e presença, quanto às reproduções cotidianas culturais, não necessariamente intencionais pela perspectiva do ego, todavia reforçadas cotidianamente.

Ao inserir o conceito de arquétipo e a linguagem simbólica da psique, Jung (2016) aponta um caráter de suma relevância para esta pesquisa, o que se trata do arquétipo da anima:

Um destes arquétipos, de experiência prática especial para o psicoterapeuta, foi por mim denominado anima. Com esta expressão latina deve ser caracterizado algo que não podemos confundir com nenhum dos conceitos dogmático-cristãos de ordem filosófica da alma. Se desejarmos formar uma ideia mais ou menos concreta deste conceito, recorramos a um autor clássico da Antiguidade, como Macróbio, ou à filosofia clássica chinesa, na qual anima (po e gui) é concebida como uma parte feminina ctônica da alma. Um paralelo desta espécie sempre corre o risco do concretismo metafísico, que procuro evitar na medida do possível, mas ao qual sucumbe até certo grau toda tentativa de uma descrição plástica. Não se trata aqui de um conceito abstrato, mas sim empírico, que se apresenta sob uma forma necessariamente a ele aderida e que (o primeiro) só pode ser descrito através de sua fenomenologia específica” (JUNG, 2016, OC 9/1, p.94, §119).

Juntamente ao arquétipo da anima, em contraponto a esta há o arquétipo do animus, ao qual todo sujeito possui em caráter inato, por se tratar de conteúdos cuja capacidade de reprodução é herdada para o indivíduo, o que difere é a condição deste arquétipo, para os homens ela está disponível à consciência, para a mulher está inconsciente e a relação com estes conteúdos exige certa cautela e observação, tamanha a diferença simbólica das condições expressas pelo ego vígil, conforme explicita Jung:

Examinando seus conteúdos, isto é, o material de fantasia que constitui sua fenomenologia encontrou inúmeras conexões arcaicas e históricas, isto é, imagens de natureza arquetípica. Este fato curioso permite que tiremos conclusões referentes à “localização” de animus e anima dentro da estrutura psíquica: ambos vivem e funcionam evidentemente nas camadas mais profundas do inconsciente, em especial naquele substrato filogenético que designei por inconsciente coletivo. Essa localização explica suficientemente a sua estranheza: animus e anima trazem à consciência efêmera uma vida psíquica desconhecida, pertencente a um passado longínquo. É o espírito de

nossos ancestrais desconhecidos, seu modo de pensar e sentir, seu modo de vivenciar vida e mundo, deuses e homens [...]” (JUNG, 2016, OC 9/1, p.401, §518).

Pela perspectiva da Psicologia Complexa e sua relevância simbólica sob o sujeito, não se pode reduzir os fatos e conceituações historiográficas de evolução humana apenas às experiências tangíveis vivenciáveis e capturáveis pelo domínio da consciência e, em determinado período histórico, mas compreender tal evolução como um produto da relação simultânea entre as experiências manifestas no ego e seus correspondentes psíquicos na instância inconsciente, em uma relação dialética constante entre consciência e inconsciente.

Jung constatou, frente à condição universal do sujeito, em sua capacidade de participação mística, onde a imagem arquetípica através de sua representação em caráter simbólico e fantástico, em contato com a psique é reproduzido pelo inconsciente. Sendo este estado de *participation mystique*, como Lévy-Bruhl chamou este estado — encontrado na experiência do sujeito primitivo — onde o que ocorre fora venha ocorrer também dentro, o que não permite haver separação do objeto e o sujeito tal qual há em nossa mente racional. (JUNG 2012, OC 6, p.599-600, §871).

No tocante as construções simbólicas que permeiam a vivência relacional do indivíduo com o todo — Cosmo — à luz da Psicologia Complexa, o Doutor em Psicologia e Nilton da Silva Sousa (2002) nos traz a compreensão de que o indivíduo contemporâneo comporta em sua psique a díade do pensamento mítico tal qual a do pensamento científico, posto que, ambos compõem o estado consciencioso da humanidade (SOUSA, 2002, p. 74)

Esta leitura se faz possível, pelo fato de o sujeito ser constituído como parte do todo e suas experiências internas e externas não serem passíveis a ser segregadas, sofrendo ambas as influências na construção constante do ser em evolução. Posto que este sujeito se faça no caminhar do mesmo modo que constitui um coletivo e, esta proporção se amplifica na perspectiva universal, conforme coaduna Sousa (2002), ao propor que a totalidade da psique, também constitui o sujeito singular, pois este imerso está no cosmos. O que o torna passível a sua influência direta pela via inconsciente (SOUSA, 2002, p. 74).

Feito tais elucidações sobre as perspectivas aqui abordadas, pode-se introduzir outro ponto relevante, referente às pesquisas sobre processos de racismo. Há diálogos reproduzidos, na tentativa de amenizar ou comparar [o que nem ao longe pode ser comparado] acerca dos africanos já haverem sido escravizados em África anterior a chegada dos Europeus em seu continente.

O que Antônio de Oliveira Mendes, um veterano viajante entre África e Brasil relata na obra de Schuma Schumacher e Érico Vital Brasil *Mulheres Negras do Brasil*, que é um

compilado de documentos historiográficos, iconografias, biografias e autobiografias; da trajetória do Brasil desde o processo de colonização e, conjuntamente, escravização dos africanos exportados de África, a seguinte passagem a cerca da escravização em continente africano: “As pessoas eram escravizadas por várias razões; condenações por juízes locais, sob acusações de adultério ou roubo; substituição de mulheres filhos e filhas ou outros parentes do sexo masculino condenado ao cativeiro, ou eram tomadas como prisioneiros de guerra.” (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007, p.15).

A contextualização demonstra que havia na estrutura civilizatória africana tal temática, porém em contexto bem diferenciado do ocorrido quanto à finalidade. O conteúdo da referida obra, vem ilustrar em números e dados historiográficos, pela perspectiva da etnia africana o contexto, omitido nas instituições de ensino, sobre o fenômeno da colonização. A crueldade e desumanização das condições reservadas a tais vidas que foram capturadas de seu país em caráter diásporo, transportados nos navios cargueiros; onde literalmente abarrotados de negros; havia vidas sendo transportadas sem a menor semelhança ou correlação com o que se tenta efetivar com os fatos associados à escravização que já ocorrera na cultura Africana.

Em outra passagem na mesma obra, traz narrativas que permitem compreender a captura e dissociação sofrida pelos africanos, tendo a base de uma cultura capturada e subordinada à outra, [etnocentrismo] como nos casos da finalidade ritualista do batismo Cristão.

Direcionada [sem opção de escolha] aos africanos tidos como povo pagão, são submetidos, ao ingressar em terras americanas, ao rito do batismo predominante no território, ao passo que, o ritual do batismo remete-se exatamente a uma morte simbólica do que havia existido até o momento naquele corpo físico e, ao renascimento da potência psíquica que anima tal corpo, adepta aos preceitos daquela expressão religiosa, este rito, exercia no citado contexto a finalidade de renovação no mito do cristianismo em território colonizado por europeus e, em simultânea oposição a esta renovação, a desconexão com a cultura africana e a morte simbólica de tudo que este sujeito representava anterior ao rito. Para elucidar acerca do batismo, pela perspectiva Analítica, Jung (2015) atribui ao simbolismo do batismo:

O rito cristão correspondente perdeu muito de sua importância; mas ao estudarmos o simbolismo do ritual do batismo encontraremos ainda os traços de seu significado inicial. Nosso quarto de nascimento é a pia batismal, a piscina, onde ficamos como um pequeno peixe; ali somos simbolicamente afogados e revividos. Sabemos que os cristãos primitivos eram realmente mergulhados na pia batismal, que era bem maior do que atualmente; em muitas das antigas igrejas, o batistério consistia num prédio separado, construído sobre o projeto de um círculo. Um dia antes da Páscoa a Igreja Católica tem uma cerimônia especial para a consagração da fonte batismal, a

benedictiofontis. A água meramente natural é exorcizada da mistura de todas as forças malignas e transformada na fonte pura e regeneradora da vida, o ventre imaculado da nascente sagrada. O sacerdote divide a água nos quatro sentidos da cruz, sopra três vezes sobre ela, três vezes nela mergulha o círio pascal como símbolo da luz eterna, e ao mesmo tempo o seu encantamento faz com que a virtude, a força do Espírito Santo desça sobre a água. Através desse hiero gamos, do casamento sagrado entre o Espírito Santo e a fonte batismal como ventre da Igreja, o homem é ressuscitado na inocência verdadeira de uma nova infância. A mácula do pecado é apagada e a sua natureza se junta à imagem de Deus. Ele não está mais contaminado por forças unilateralmente naturais, está regenerado. Como ser espiritual (JUNG, 2015, OC 18/1, p.175-76, §364).

O que explicita a intenção de apagamento de uma cultura e nação com a prática do rito batismal. Entre inúmeras outras práticas de tentativas diásporas como algumas referidas na obra *Mulheres Negras do Brasil*, Schumacher e Brazil (2007) em uma espécie de diário de bordo, pela narrativa do clérigo Robert Wash, ao acompanhar um navio português, traz a seguir as condições degradantes, as quais estes sujeitos escravizados eram transportados, tais quais objetos inanimados, ou animais; a embarcação possuía o nome Veloz, capturada no médio Atlântico em 1829:

[...] Em viagem há 17 dias no mar e, durante este período, 55 escravizados mortos haviam sido atirados à água. Quando detida, a embarcação ainda carregava 336 homens e 226 mulheres, num total de 562 cativos, fechados sob escotilhas gradeadas, entre conveses, confinados numa área tão baixa que eles se sentavam entre as pernas uns dos outros e, tão amontoados que não havia possibilidade de se deitarem ou mudarem de posição, durante o dia ou à noite. Cada qual estava destinado a um senhor diferente, e por isso eram marcados, como ovelhas, com os sinais dos proprietários, nos peitos e nos braços (SCHUMACHER e BRAZIL 2007, p. 21).

A referida obra relata em iconografias e números, os dados deste processo que ocorreu por séculos, para ilustrar a dinâmica que contextualizou o processo de colonização no Brasil., explicita-se a fala de um observador europeu, *ibidem* “Lamentável ver como amontoam esses pobres miseráveis, 650 ou 700 em um navio... o que naquele clima quente ocasiona um cheiro intolerável” (*Ibidem*, p. 21).

Esta passagem, quando observada em caráter etnográfico e etnopsicológico, para além dos dados numéricos, ao ser imaginado os contextos em conotação real chega-se a arder o peito de qualquer descendente, de ambas as etnias, pois ambos os aspectos nos compõem.

Este processo se torna mais consciente quando se observa tal qual fez Ribeiro, ao mencionar que qualquer povo que tenha como base um processo de escravização sendo reforçado por séculos, não iria poder sair ileso a tais memórias. Que há em todos os brasileiros, frutos deste processo, a ambiguidade das mãos vis do colonizador tal qual da

fragilidade do corpo sendo escravizado. Que é parte constituinte da psique do brasileiro tanto a doçura quanto a capacidade atroz (RIBEIRO, 1995, p. 120).

Sobre os corpos negros, subjugados, convida-nos a fazer um paralelo entre as relações vivenciadas pelos corpos negros nos primórdios da formação do Brasil, da mencionada colonização e os mesmos corpos negros na contemporaneidade. Visando observar e correlacionar os lugares ocupados por estes nas estruturas sociais atuais.

E ao atribuir a perspectiva simbólica dos conteúdos que nos atravessam, se faz relevante conjecturar ao olhar delicado de Laurentino Gomes, direcionado ao fenômeno da escravização. Na obra *Escravidão* (2019), quando este se atenta para as sutilezas linguísticas popularizadas e, conforme mencionado em alguns momentos nesta narrativa, naturalizadas, como as expressões: Senhor, dono, escravo, ele faz relevante colocação. Que o termo escravizado partindo do verbo escravizar que, se usado tal qual adjetivo, denota circunstância ou temporalidade. Onde a expressão escravizada aponta para uma condição de pessoas que sofreram escravização sendo subjugadas, sem que esta fosse atrelada a sua condição inata. Como quando o é ao se utilizar o termo escravo (GOMES, 2019, p. 32).

Nota-se em diversos autores que discorrem sobre o racismo, tal qual Laurentino, que há um especial olhar sobre a questão linguística e suas manobras simbólicas. Silverira e Gordon (2008) colocam “Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito.” (SILVEIRA e GORDON, 2008, p 34).

Utilizando-se da linguagem enquanto esta ferramenta de propagação e apropriação cultural, González (2020) traz a conotação atribuída à figura da bá, ou mãe preta, como uma das grandes representações da propagação cultural africana do Brasil, através da inserção de histórias, mitos e arte, no imaginário infantil da casa grande. Com isto pôde contribuir para a efetivação do pretuguês no Brasil. O que pela perspectiva Lacaniana - em que a linguagem é o principal contribuinte para se adentrar na cultura - e enquanto fator segregador frente aos demais animais é o que confere humanidade ao ser. Frisando que, deste modo, o Brasil então para além do contexto racista é intrinsecamente atravessado pelos construtos Africanos. (GONZÁLEZ, 2020, p.47).

Após todas as explicitações teóricas em interseccionalidades referidas até o momento, pode-se reconectar, tecer através dos meandros simbólicos do racismo, o mosaico sociocultural americano. Contudo, desta vez, pela perspectiva avessa da colcha de retalhos, pelo viés da cultura africana. Lançando-se do lugar de fala, de Amefricanos que se é, em

coadunação ao conceito elucidado por Boechat (2014) na obra *A Alma Brasileira: Luzes e Sombra*, parafraseando Ribeiro (1995) Traz como pano de fundo a falta de pertencimento e reconhecimento da sua origem e história, o brasileiro traz a expressão de sua “ninguendade”, da falta de pertencimento, como fruto de uma hereditariedade hegemônica (BOECHAT, 2014, p.184, *apud*, RIBEIRO 1995).

Ao se consultar a obra de Érico Vital Brazil e SchumaSchumacher, *Mulheres negras do Brasil* (2007) dentre inúmeras referências de minoração, desrespeito e aniquilação da condição de sujeito [humano] enquanto ser dotado de valores e desejos, há algumas referências que saltam aos olhos de etnógrafo, por registrar/relatar em detalhes experiências à que estiveram expostos nossos ancestrais negros, por séculos a fio, com uma vil naturalização sobre domínio de terríveis requintes de crueldade.

Como as que fazem menção à intolerância cultural africana e escravização de seus corpos e costumes, canalizada em agressão psíquica e física. Tais como pancadas, aperto e costura na língua, lacre seco sobre as partes genitais, espancamento com espada, perfuração de olho, açoites com vara de mato, além de um desfile acorrentado pelo arraial, para servir como exemplo. Castigos estes que eram consequências do que os “senhores” compreendiam como confissões de feitiçaria, pactos com o demônio, confissões arrancadas sob tortura. (BRAZIL E SCHUMACHER, 2007, p. 178).

Todas estas atrocidades eram cometidas a qualquer escravizado ou negro livre, após seus antigos senhores por alguma questão ser acometidos por males ou doenças e suspeitassem que estes viessem de seus escravizados, a proferir alguma outra prática religiosa que não a do catolicismo, mesmo após ter sido forçadamente batizado nas leis judaica cristã, o que era tido como afronta, ou egressão a [temida] natureza pagã. E, mesmo com este simbolismo / ritualística, havia ainda uma força imperativa do inconsciente branco, a que se pode mensurar como, intuição, conforme elucidada Jung (2015) ao definir a citada função: “Tentei descrever esta função da melhor maneira possível, mas pode ser que as coisas não tenham ficado tão claras. O que quero dizer é que a intuição é um tipo de percepção que não passa exatamente pelos sentidos; registra-se ao nível do inconsciente” (JUNG, 2015, OC 18/1, p.29, §26). Deste modo, o temor a uma essência africana reconhecia/intuía não haver tal morte, logo, ao lidar com este conteúdo desconhecido o pavor os assolava.

A naturalização de tais feitos, tidas como castigos por desobediência e feitiçaria deixa clara a crueldade e intolerância religiosa vinculada aos receios e vulnerabilidades à que os exploradores escravocratas se encontravam. Outra perspectiva possível ainda é que, uma

vez conscientes dos males que infringia aos negros, temia-se não conter tal fúria que poderia emergir em caráter compensatório nas consciências dos negros.

Silveira e Gordon (2008), in Sartre⁸ assim inicia o seu *Orphénoir*: “O que é que vocês esperavam quando tiraram a mordaca que fechava essas bocas negras? Que elas entoassem hinos de louvação? Que as cabeças que nossos pais curvaram até o chão pela força, quando se erguessem, revelassem adoração nos olhos?” (SILVEIRA e GORDON, 2008, p. 43).

Deste modo, voltando-se para as instituições sociais familiares, enquanto núcleo formadora e propagadora de conceitos e, conseqüentemente formadora dos indivíduos sociais, vale salientar o embate de forças quanto à captura da subjetividade destes corpos em nome de uma civilidade. Onde a vida negra e a escolha em produzi-la ou não, possuí-la ou não, nunca esteve em suas próprias mãos em terras americanas.

Conforme reforça Davis (2015), ao comentar sobre massacres a negros serem vistos com naturalização e banalidades, os associa a uma questão de aparato, que a permissividade que lidamos com o racismo é o que de fato age a favor dele. Acrescenta ainda que não importa o tom de pele dos coordenadores de uma instituição ou as origens dele, que este fato não impede que atos genocidas ocorram sob seus comandos. Que se não levar em conta o modo como o racismo está enraizado nas regras e sutilezas das reproduções diárias nas instituições, através dos atos das “maças podres” – termo este utilizado pela própria Davis para referir-se a tais condutas – que cometem atitudes racistas e permanecem a ser consideradas como aceitáveis, ela frisa, que deste modo, nunca conseguiremos erradicar o racismo. (DAVIS, 2015, p. 33).

É um convite à reflexão tais colocações, quão sutil elas são, posto que falem de condições de naturalizações como ferramenta em nome de validação automática do racismo. Sejam elas linguísticas e/ou de embranquecimento e privilégios. Faz-nos aguçar os ouvidos aos discursos corporativos ao redor, onde seja em nome de instituições ou de suas próprias crenças e que quase sempre são respaldados por privilégios elitistas, como nos casos dos órgãos que deveriam proteger aos cidadãos e, os tem como oposição ou ameaças claramente declaradas. E em meio ao caos de ações automatizadas sendo reproduzidas em caráter sistematizado no cotidiano, não raras vezes de maneiras inconscientes, validam o racismo enquanto estrutura.

⁸Sartre, prefácio à *Anthologie de lapoésienègreetmalgache*.

Ao propor uma conduta consciente de antirracismo, precisa-se indiscutivelmente reconhecer-se em primeira instancia como agente disseminador de tais conteúdos, uma vez que constituído cidadão sob tais bases [conscientes e inconscientes] conforme elucidado acima, todo americano necessita policiar-se.

Da perspectiva etnográfica e etnopsicológica trago alguns exemplos cotidianos, para ilustrar as referidas posturas mencionadas. O alvo deste ataque invisível, subliminar, por vezes transvestidos de civilidade, permanece a acertar a alvejar incansavelmente corpos negros. Houve-se com tamanha naturalidade - o que foi naturalizado, mas nunca naturais - discursos como os seguintes: Se há muitos jovens negros reunidos à noite em uma quadra situada em geografia periférica, devem estar cometendo algum ato ilícito, presume-se, quase automaticamente: Precisa-se de agentes de segurança para fiscalizá-los...E, proteger-nos contra possíveis ataques marginais.

Se uma mulher negra possui um veículo de alto valor social, vincula-se automaticamente a algum ato de promiscuidade, onde ela é vista como coadjuvante de alguém que, de fato pudesse investir em tal aquisição... Quase sempre a algum branco em ascensão social próximo a ela. Porque o pensamento naturalizado na automatização é o seguinte: Uma preta, não teria condições de possuir um veículo daquele valor honestamente.

Ao deslocar da teoria ao contexto social cotidiano empírico, pode-se notar a força que há nestas expressões, sempre tão presentes e massantemente reforçadas em uma linguagem unanimem em qualquer parte do território americano. O discurso racista paira em nosso cotidiano sem muitas vezes nos darmos conta de tal reprodução. Mas que, uma vez conscientes, nos possibilita ampliar o olhar e o cuidado ante aos conteúdos que se reproduz e também se permite acolher enquanto verdades que nos compõem.

Desde a colonização, negros nas Américas são destituídos de poder sobre seus próprios corpos; tiveram suas vidas pertencentes aos seus senhores, seus proprietários, que os possuíam tal qual fossem mercadorias e não seres humanos; as classes baixas e médias são e sempre foram os reais possuidores da força motriz do trabalho, da produtividade e, conseqüentemente quem permite a roda da economia girar, em regime capitalista, os sustentadores dos pilares sociais, serão sempre escravizados, porém, outro dado que foi silenciado é referente a resistência negra e tentativas de subversão/adaptação, que sempre houve, mas não mostram.

Em dados historiografados, e iconográficos, fazem menção a forte presença dos negros no comércio brasileiro no século XIX, pautados nos conhecimentos e aprimoramentos culturais trazidos dos africanos, porém este aspecto não foi disseminado, [intencionalmente]

foram silenciados nas apropriações culturais, conforme traz Freire(2000) em *Casa Grande e Senzala*. Reforçando que com a chegada dos negros não vieram apenas os braços fortes e mão de obra bruta, mas também seus conhecimentos à cerca de técnicas para as mineirações, artefices em ferros, compreendedores sobre rebanhos, donas de casa para homens brasileiros sem esposas, mestres, sacerdotes, tiradores de reza(FREIRE, 2000, p. 365).

Cabe ressaltar, que mesmo em condições degradantes e todos os processos sofridos, de uma maneira generalizada (não se visa com esta colocação retirar a relevância dos imensuráveis indivíduos que perderam suas vidas devido às condições à que foram submetidos) a etnia africana se adaptou, contribuiu e continua a se adaptar [incansavelmente] para o crescimento social. Em insurgência frente às tentativas bem forjadas de manter tal relação colonizador/colonizado em reforços socioculturais do racismo estrutural.

Faz-se relevante correlacionar o racismo e sexismos em níveis globais, anteriores aos tocantes pessoais, posto ser uma luta generalizada na América, ao se falar em racismo estrutural, enquanto a formalização de um conjunto de práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais frente à uma estrutura social que utiliza-se de um grupo social ou étnico - como base de crescimento capital - de modo consistente e constante e, que esta práxis resulta em disparidades entre os grupos ao longo de um período de tempo. E, nesta perspectiva, o que se denomina como racismo social pôde ser notado como um racismo estrutural, segundo coaduna, Carl E. James (1996), a sociedade é estruturada de maneira a excluir um número substancial de minorias da participação em instituições sociais (JAMES, 1996 p.27).

Com esta realidade factual, conseqüente reverberação se dá e, não há como pensar em posturas isoladas de atuação. Haja vista que o sistema social capitalista é seletista e opressor em todas suas frentes de atuação. Conforme acrescenta Ribeiro, quanto à reprodução do racismo estrutural:

[...] Embora seja evidente que as instituições atuem influenciadas por preconceitos conscientes e inconscientes, na medida em que os estereótipos raciais podem permear os processos subjetivos de tomadas de decisões. Assim, não se pode negar que o Legislativo, o Executivo e o Judiciário são instituições infectadas pelo racismo. Contudo, o racismo é, antes de tudo, parte da estrutura da sociedade – as instituições reproduzem o racismo porque a sociedade é racista. Assim, o racismo se manifesta na ideologia, na política, no direito e na economia, e em todos os outros níveis da estrutura social, porque ele é um de seus componentes orgânicos (RIBEIRO, 2018. p. 43).

Outra expoente de relevância nesta luta, Ângela Davis, grande ativista da América latina que atua em interseccionalidade da contribuição intelectual através de suas produções literárias voltada as narrativas vivenciadas ao público negro e sua posição política ativa frente

aos consecutivos assédios psicossociais e físicos - que caminham lado a lado- sofridos pelos negros. Mantendo especial olhar para os corpos femininos negros. Traz registrado em sua obra: *A liberdade é uma luta constante*(2018) Há uma entrevista realizada por Frank Barat em Bruxelas, no dia 21 de setembro de 2014, quando questionada se os casos de assassinatos ocorridos no local poderiam ser lidos como casos isolados. Ela categoricamente ressalta sua postura política enfatizando que:

Não, absolutamente. Na verdade, para quem, entre nós, está tentando participar da construção de um movimento de massa, foi oportuno o fato de que alguns casos recentes de homicídios cometidos pela polícia e por integrantes de comitês de vigilância tenham sido bastante divulgados, tanto no país quanto internacionalmente [...] Michael Brow é apenas a ponta de um iceberg. Confrontos, agressões e homicídios desse tipo acontecem o tempo todo, por todo o país, em cidades grandes e pequenas. Por isso, é um erro supor que essas questões podem ser resolvidas no nível individual (DAVIS, 2018, p. 30).

Por se tratar de uma estrutura social, negros permanecem a ser igualmente capturados em sua essência, vivenciados tal qual corpos sem alma d'outros tempos; os troncos apenas foram subvertidos por rotinas exaustivas de produção trabalhista, demandas de consumo incontroláveis e por metas inalcançáveis! Isto no tocante da produção social, ao olharmos os contextos por detrás de tais estruturas encontra-se regras fundamentadas e pautadas sob uma perspectiva ideológica racista e, apesar de todo sujeito oriundo destas estruturas estarem a serviço da produção, há um universo de privilégios que distacia por classe, gênero e raça os determinantes sociais e, a base, permanece sendo a população negra!

Frente a todas estas construções, tendo em vista à necessidade de reparar tamanha violação sofrida por uma nação. Como um destes movimentos simbólicos de reparação, Gomes (2019) traz que foi erguido atualmente, um memorial pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), embora não muito conhecido, mas relevante entre os pontos de embarque utilizados na África para a exportação dos seres que seriam escravizados em novos destinos, o monumento da Porta do Não Retorno em Ajudá no Golfo do Benin, é de grande relevância no traslado da África para o Brasil, pois se estima que por lá tenham passado mais um milhão de vidas negras. É a porta da despedida de suas vidas de origem e de abertura para o desconhecido (GOMES, 2019, p. 13).

Ainda no tocante das memórias, porém da perspectiva arquetípica, em nível de inconsciente coletivo, o que habita este, entre tantos outros pontos de embarque como o mencionado acima são memórias/imagens de desesperança, desapropriação, medo e inúmeros outros afetos que por certo irradiaram em mais de um milhão de vidas negras que cruzaram esta porta por três séculos e meio.

Onde é possível notar a olhos nus de qualquer estrangeiro, que embora a escravidão tenha findado legalmente em 1888, nunca houve um lugar político para reinserção dos negros na sociedade brasileira, conforme reforça Gomes (2019) não houve prestações de condições sociais dignas para esta estabilidade, coaduna-se que, pelo temor à potência do povo africano e, em não se permitir civilizar caso fossem bem sucedidos, o viam como uma possível ameaça ao Brasil, tal qual a capitania do Haiti (RIBEIRO 2008^{apud}GOMES 2019).

E como vítima, mais uma vez desta postura vil frente à cultura de uma etnia, as consequências da escravização permanecem a reverberar na contemporaneidade, as periferias, os presídios, as escolas públicas, as margens sociais em qualquer parte do território brasileiro, bem como pode ser notada em outras capitanias onde a escravidão constituiu como partes de sua construção na América são negras! E esta condição, bem como suas exceções, não podem ser tratadas como meritocracia ou fruto do acaso!

1.2 Saberes em tessitura, intersecção de classe, raça e gênero.

Pensar o lugar de fala de mulheres negras na contemporaneidade, a partir de uma perspectiva etnográfica, feminista, decolonial, de gênero e raça, se faz um desafio de constantes desconstruções historiográficas e singulares em nível pessoal, para se abrir a possíveis novas reconstruções, através dos arcabouços teóricos disponíveis. Bell Hooks (2018) explicita-nos na obra *O Feminismo é para Todo Mundo* que, muitas vezes, o equívoco e falta de curiosidade para informar-se a respeito dos ideais do feminismo, exige por vezes uma postura radical por parte das feministas, que não tem a ver com ser contra homem e sim contra o sexismo institucionalizado. Na prática, homens anti o sexismo reforça o movimento feminista, são aliados e não oposição. Reforça ainda para a necessidade de reformas nos pensamentos nos sujeitos humanos, para além de gênero, para uma conversão à construção de nova maneira de se pensar, ante ao sexismo. (HOOKS, 2018, p.26).

O que ocorre como potencializador e/ou resistência às frentes feministas é que (re)pensar o lugar de equidade, requer questionar os lugares de privilégios classistas, que em sua maioria, estão correlacionados aos estigmas de uma estrutura capitalista com supremacia branca e heteronormativa. O que não exclui a presença de mulheres nestes posicionamentos. Estão estas a serviço de um processo civilizatório conforme nos acresce Hooks (2018):

Eu queria que tivessem uma resposta para a pergunta “o que é feminismo?” que não fosse ligada nem a medo nem a fantasia. Queria que tivessem esta simples definição para ler repetidas vezes e saber que: “Feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão.” Adoro essa definição, que apresentei pela primeira vez há mais de dez anos em meu livro *Feminist Theory: From Marginal Center*. Adoro porque afirmar de maneira muito clara que o movimento não tem a ver com ser anti-homem. Deixa claro que o problema é o sexismo. E essa clareza nos ajuda a lembrar que todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas. Como consequência, mulheres podem ser tão sexista quanto homens. Isso não desculpa ou justifica a dominação masculina; isso significa que seria inocência e equívoco de pensadoras feministas simplificar o feminismo e enxergá-lo como se fosse um movimento de mulher contra homem. Para acabar com o patriarcado (outra maneira de nomear o sexismo institucionalizado), precisamos deixar claro que todos nós participamos da disseminação do sexismo, até mudarmos a consciência e o coração; até desapegarmos de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por pensamentos e ações feministas (HOOKS, 2018, p. 13).

Ainda a conjecturar em consonância à Hooks (2018), sobre as ressonâncias do sexismo na práxis, ela nos expõe sobre a dificuldade social em dissociar os atos repugnantes de violência por parte do homem contra mulher ou de ambos contra crianças, como sendo reverberações de ideais sexistas de poder, dominação e subjugação de instância primal na cadeia hierárquica do patriarcalismo (HOOKS, 2018, p. 75).

Pensar em qualquer estrutura social relevante para compreender comportamentos individuais e coletivos, no Brasil, a partir de matizes que envolva a mulher negra na atualidade, mas sem antes retroceder à compreensão de como se deu a gênese da sociabilidade brasileira de corpos brancos, negros e indígenas, principalmente, considerando a ancestralidade como pedra angular para os corpos negros seria, no mínimo, uma narrativa logo de saída obsoleta frente ao atual conhecimento acumulado e, paulatinamente, desvelado e ressignificado pelas novas gerações negras, mestiças e brancas, frente às ciladas intelectuais que literalmente estão no contexto da história nacional para, mais uma vez, subverter uma cultura e uma nação.

O que leva a repensar as atitudes externas em cunho de gênero, raça e classe; em loco nas mulheres; retroceder ao conceito intrínseco instintivo de fêmea, em relação ao social; como uma tentativa de integrar ou ao menos tornar consciente, este conteúdo pertencente ao inconsciente coletivo, no tocante aos complexos transgeracionais sofridos.

Quanto à natureza dos complexos, Jung (2011) traz ao configurar em uma aula inaugural em cinco de maio de 1934 na Escola Politécnica Federal de Zurique o seguinte conceito para a compreensão da teoria dos complexos:

[...] imagino o complexo como um conjunto de representações, relativamente independente (exatamente por causa de sua autonomia) do controle central da consciência e que está em condições de a cada momento, por assim dizer, dobrar ou atravessar as intenções do indivíduo. [...] Estamos autorizados, portanto, a considerar um complexo como uma espécie de pequena psique secundária que de alguma forma deliberada (mas desconhecida do indivíduo) tem certas intenções que atravessam as do indivíduo. O produto dos esforços contrários são os sintomas histéricos que tem sua origem no complexo e são tanto mais fortes e obstinados quanto maior for a autonomia do complexo (JUNG, 2011, OC. 2, p. 658-659, § 1.352)

Posto a relevância de compreensão quanto à natureza e possibilidade de atuação dos complexos, bem como dos instintos, pode-se retomar aos conteúdos do racismo e da misoginia atuantes da sociedade brasileira enquanto possibilidade de perpetuação de conteúdos sombrios, ao que diz Jung (1999) uma vez sem consciência da existência dos complexos e, uma vez sob o domínio de tais conteúdos [posto sua atuação autônoma e involuntária] se é tomado por tal com a possibilidade de total incompreensão consciente ao que tangem às próprias ações. Há necessidade de algum conhecimento sobre a origem arquetípica do conteúdo, como por exemplo, da mitologia para ser possível tal compreensão do fato. (JUNG, 1999, OC 16/2, p.99, §106).

Wodman (2003) frisa a cerca destes movimentos, que se deve manter uma saudável desconfiança quanto à condição de fácil acolhimento dos conteúdos até então desconhecidos e desagradáveis, onde apenas dar lugar a estes conteúdos, não necessariamente será sinônimo de integração. Para que a civilidade humana esteja a cargo dos instintos, sem com isto aniquilá-los é, necessário ruminar os conteúdos até então primitivos, agora conscientes, adaptá-los para que possam ser liberados comedidos, de forma responsável para o caráter teleológico que a energia almeja (WODMAN, 2003, p. 72).

Assim como há necessidade de conscientização dos conteúdos sombrios, para haver a possibilidade de integração destes, como por exemplo, da atuação dos complexos, uma vez que conscientes de sua existência há uma possibilidade de ação frente a tal conteúdo, ainda que pequena (haja vista a potência das forças à que está se referindo), deste modo se tem a possibilidade de lidar com eles despotencializados, nas ações se cunho pessoais e, posteriormente colocar-se ao mundo, sem perder-se de si mesmo e de seus princípios singulares em nome de verdades que não lhe apeteçam, ou mesmo de movimentos sociais, por mais nobres que estes sejam.

Cabe ressaltar que a dinâmica para atuação e compreensão destes elementos não se configura de maneira tão linear, ou simples, há inúmeros por menores, como o acrescido por Adans (1996), um pós Junguiano, que traz a concepção de duas fontes de influência quanto ao

coletivo, à arquetípica — que sendo natural, obedece à ordem da transcendência histórica e cultural — e a fonte estereotipada — que está sob a influência cultural — Onde ambas obedecem à dinâmica inconsciente e consciência (ADANS, 1996, p. 46), todavia para a finalidade de tal proposta o breve recorte do conceito na íntegra, por hora, abarcará a possibilidade de compreender a relevância da descoberta deste conceito e a contribuição para a humanidade que Jung possibilitou com ele.

Para explicitar tal relevância, se pode observar a experiência que o próprio Carl Gustav Jung (2012) obteve na década 1920, quando esteve caminhando mais de uma vez sobre as terras africanas. Momento que posteriormente contribuiu para Jung denominar o método construtivo, tendo parâmetros de polaridades homem-natureza na expressão do ser humano, a partir de um único inconsciente coletivo até manifestar a ipseidade no pessoal. Processo onde a psique atua enquanto meio, para plasmar o caminhar singular de cada sujeito, e deixar para cada ser humano a capacidade de representar um papel social, do último se torna relevante ante os fatos para integrar as mensagens do inconsciente pessoal ou coletivo, tendo em vista uma compensação energética à luz da consciência (JUNG, 2012, OC 5, p. 6, §773).

Outro viés muito importante e utilizado pelo autor, assim como por outros estudiosos e mitólogos, como recurso para acessar os conteúdos inconscientes, pela perspectiva da Psicologia Complexa é a Mitologia. Pode-se optar em referir-se a estas influências arquetípicas através da nomenclatura de um determinado panteão; Grego, nórdico, egípcio, mas o fato é que estes são arquétipos e se correlacionam na mesma energia ou imagens arquetípicas em caráter universal.

Por exemplo, conforme explicita Emma Jung (2006), Afrodite para o panteão Grego traz a mesma força arquetípica sob os aspectos do amor à auto imagem, paixão, romance e sensualidade, tal qual Freya para a mitologia Nórdica e Vênus para a mitologia Romana. E esta dentre várias outras faces da deusa, a Grande mãe, Gaia, são aspectos do feminino primordial, logo, são parte do arquétipo da *anima* (JUNG, 2006, p. 88).

Deste modo se pode compreender que o arquétipo é universal, e sua atuação é autônoma, mas a ativação desta energia — experimentada pela imagem arquetípica — enquanto fragmento desta essência arquetípica em vias consciente de tais influências, requer do sujeito minimamente, estar aberto a observar seus padrões e repetições de atitudes, para então poder canalizá-los ou usá-los a seu favor nas atitudes pessoais perante a vida.

O acervo arquetípico de todos os deuses e deusas compõe o inconsciente coletivo, junto aos instintos, logo, está presente e atuante na psique da mulher, bem como na do homem

em caráter universal, mas por hora irá se ater a falar apenas da influência de tais arquétipos na consciência feminina.

As dissonâncias de tais energias arquetípicas no inconsciente feminino ante a não abertura para percepção destas traz uma série de ressonâncias para o desenvolvimento integral deste sujeito, todavia compreender que alguns aspectos do arquétipo feminino são, intencionalmente em caráter cultural, reprimidos e relegados à sombra, permite a percepção de marcadores sociais endereçados ao corpo feminino em uma estrutura social atravessada pelos conceitos e estigmas do patriarcado, que cabe frisar, se coadunam diretamente aos estigmas do sistema religioso judaico cristão.

Pode-se pensar que o popularizado e difundido conceito de intuição feminina aguçada, seja um mecanismo acolhido e validado como resposta de resistência, ou emersão, orifício possível de espaço, para um princípio por séculos relegado às sombras, nos territórios de regência social dos pressupostos patriarcais, haja vista que os princípios arquetípicos e instintivos, têm seus modos de se fazerem cumprir, conforme mencionado acima.

Ao que cabe compreender os princípios de nutrição, acolhimento e germinação, que provém da natureza arquetípica feminina, ressalta-se que estão igualmente disponíveis a consciência masculina, quando esta está em sintonia com o papel mediador de sua *anima* inconsciente, (JUNG, 2006, p. 38). Em que, ao perceber-se e dar voz a tal conteúdo, para além das influências dos complexos culturais e outras especificidades coletivas, tem sentido singular nos processos de cada sujeito, em consonância consigo mesmo.

Pra Jung (2012) direcionar-se ao processo de individuação, inclui integrar os elementos que estão na sombra, onde se encontram os complexos, mas também as maiores potências criadoras do indivíduo. (JUNG, 2012, OC 6, p.211, §254). Ao voltar o olhar de integração da sombra para os processos designados ao princípio de feminilidade no território americano, nota-se um esforço grandioso para não se tornar um indivíduo que segue pela vida como coadjuvante da própria história; levado pelos enredos oferecidos por um sistema, sem se dar conta de suas contribuições singulares bem como de suas contribuições sociais para a humanidade e, isto inclui as próprias não escolhas e não posicionamentos ante as questões vivenciadas.

Como uma insurgência a este sistema, esta pesquisa visa contextualizar uma releitura histórica e psicossocial, aos sujeitos oriundos de corpos femininos negros nas Américas do Norte, Central e do Sul. Ao elencar as reverberações deste processo, se leva em conta os atravessamentos culturais e históricos, em seus respectivos recortes temporais, explicitados em cada proposta trazida; com olhar cuidadoso de quem não tem a pretensão em

reduzir ou finalizar, em conceitos enquadrados, concretos ou soluções mágicas uma temática social secular, que não se finda em um recorte.

Em contra ponto, visa-se manter o lugar de respeito às experiências singulares expressas por cada representação simbólica de corpo negro, aqui representado em inúmeras gerações. E também pelos demais indivíduos que venham a se sentir representados pelas figuras que aqui aparecerem, pois todo e qualquer sujeito que se desenvolve em território americano, logo, que tenha valores constituídos sob seus regimes sociais, é parte envolta nas narrativas aqui expressas. Kimbles (2014) frisa tal perspectiva ao elucidar:

Os casos em que traumas socialmente estruturados, produzidos através da pobreza, exclusão social e a degradação diária de milhões de pessoas, cujo sofrimento tornou-se invisível através da classe social e visível por conta de diferenças na cor da pele. Finalmente, se fossemos adicionar os assaltos diários à dignidade pessoal e autoestima em torno de questões de diferenças de raça, etnia, gênero, classe social e orientação sexual, verificaríamos que não há aspecto da vida que não reflète de alguma forma o impacto do trauma coletivo (KIMBLES, 2014, p. 70).⁹

E, esta perspectiva correlaciona-se diretamente com os afetos relacionados ao estado de desamparo, não pertencimento, insuficiência e impotência que pairam majoritariamente sob os sujeitos descendentes da etnia africana em territórios americanos. O acervo simbólico disponível e, passível aos gatilhos emocionais e reforços sociais diários, inunda por suas instâncias psíquicas. Ao se analisar o fenômeno da colonização por esta perspectiva pode-se correlacionar ao olhar mencionado por Jung (2013)

A visão do mal acende o mal na alma... A vítima não é a única vítima; todo mundo na proximidade do crime, incluindo o assassino, sofre com ele. Algo da escuridão abismal do mundo quebrou em nós, envenenando o próprio ar que respiramos e absorvendo a água pura com o nauseante sabor de sangue... Quando o mal se rompe na ordem das coisas, em qualquer ponto, todo o nosso círculo de proteção psíquica é interrompido (Jung, 2013, OC 10/3, p122, §410).

Ao associar esta perspectiva ao fenômeno da colonização, que embora nesta pesquisa, contemple um olhar sobre todo território americano, canaliza-se em um recorte minucioso às realidades pautadas no território brasileiro, em que mesmo alguns dos autores aqui utilizados venham crescer com o arcabouço de outras culturas; o que reforça a condição de sujeito universal frente às construções que facultam o sujeito a ser lido como humano; contudo, o viés dos complexos culturais e sua correção com as subjetividades singulares,

⁹ We could easily add to the above-mentioned group traumas the ongoing socially structured traumas produced through poverty, social exclusion, and the daily degradation of millions whose suffering has been rendered invisible by social class and visible by differences in skin color. Finally, if we were to add the daily assaults to personal dignity and self-worth around issues of differences in race, ethnicity, gender, social class, and sexual orientation, we would see that there is no aspect of life that does not reflect the impact of some form of group trauma.

permite repensar às estruturas oriundas desta cultura, pela via da consciência, em especial olhar, sob a representação/atravessamento psicológico em corpos femininos negros na contemporaneidade.

Ocupar-se deste lugar consciencioso, passa diretamente pela via da percepção dos mecanismos enredados nesta cultura, tal qual a militante Lélia González (2020) traz em obras e práxis alguns destes mecanismos, um deles de potente caráter silenciador é a ideologia do embranquecimento e sua correlação direta com a marginalização/minoração da figura social do negro, conforme traz abaixo.

[...] Ainda é interessante perceber que nessa ideologia do branqueamento, temos duas vertentes ideológicas no Brasil com relação às questões raciais: a oficial — “são todos iguais perante a lei”, esse papo todo furado que conhecemos, ou seja, da democracia racial; e a outra, que é no nível do privado, aquele papo, neguinho te bate nas costas e tal, mas por trás lá vem pau em cima. Daí os famosos ditados populares: “Branco correndo é atleta, preto correndo é ladrão”; “Todo crioulo é marginal, até provarem contrário”. Evidentemente, é por esse tipo de estrutura ideológica e de relações concretas que temos na sociedade brasileira que percebemos uma baixa capacidade de mobilização, de organização da população negra, sobretudo após a malfadada abolição da escravatura em 1888, porque saímos do centro da produção econômica e fomos chutados para a periferia. Aí começa o outro, o novo calvário do negro brasileiro. Embora não signifique que não tenha havido resistência desde a fundação do primeiro quilombo, em 1549 — a Beatriz Nascimento saca bem a questão do quilombo. De qualquer forma, no Brasil da República vamos perceber que a cidadania que nos foi dada é uma cidadania formal, de papel. Em termos de uma cidadania social, de uma cidadania civil e de uma cidadania política, temos um longo caminho a percorrer. Nós, os chamados cidadãos negros (GONZALEZ, 2020, p. 216).

E sobre a cidadania negada, ou conforme Lélia cita acima à ideologia oficial, leva-se ao encontro das subdivisões de classes gênero e raça, sem que elas se desassociem do contexto do racismo estrutural. E, quanto a isto, Silveira e Gordon (2008) em uma releitura dos conceitos explicitados por Fanon, acrescem “na literatura oficial ou anedótica criou tantas histórias de pretos, que não podemos mais ignorá-las. Porém, ao reuni-las, não se avança na verdadeira tarefa, que é mostrar seu mecanismo. O essencial para nós não é acumular fatos, comportamentos, mas encontrar o seu sentido” (SILVEIRA e GORDON, 2008, p. 145).

Nesta narrativa de busca por compreendê-las esbarra-se, na maioria das discussões sobre racismo e colonialismo, com a crítica da alteridade, da possibilidade de tornar-se o Outro, (o socialmente aceito, branco) ibidem (2008) pela perspectiva Lacaniana de espelho, entretanto, argumenta que o racismo força um grupo de pessoas a sair da relação dialética entre o Eu e o Outro, uma relação que é a base da vida ética. A consequência é que quase tudo é permitido contra tais pessoas, e, como a violenta história do racismo e da escravidão revela-se que tal licença é frequentemente aceita com um zelo sádico. A luta contra o racismo anti-

negro não é, portanto, contra ser o Outro. É uma luta para entrar na dialética do Eu e do Outro (SILVEIRA e GORDON, 2008, p. 16).

Em outras palavras a militância contra o racismo estrutural hegemônico é sobre alteridade, sobre lutar para ocupar o posto de ser visto como sujeito humano na dialética de construção de pertencimento identificação e (des)identificação com um sistema, produzido para refletir, em estrutura de pirâmides classistas, ao qual aos negros é estabelecida a base.

Faz-se claro esta compreensão ao se rememorar, conforme já narrado nesta pesquisa em passagens anteriores, o enredo da colonização, do quanto era/é irrelevante qualquer expressão que assegure aos negros a dignidade que configura a condição de serem ali pessoas! Com suas bagagens históricas, crenças, medos, necessidades fisiológicas e toda sorte de afetos que lhe compõem. E o quanto tudo isto foi capturado e escravizado junto a estes corpos, ou ao menos a pretensão — pelo viés do sistema etnocêntrico — era que pudesse ser toda esta dimensão simbólica que constitui o ser, enquanto humano, ser aniquilado junto a seus corpos e memórias, Kimbles (2014)¹⁰ esclarece sobre a ativação do complexo cultural, quando estes vão de encontro aos complexos, no inconsciente pessoal e da força necessária ao sujeito negro para sustentar tal lugar de resistência.

Quando reflito sobre o holocausto negro intergeracional na minha história, enfrento 244 anos de escravidão, 81 anos de leis de Jim Crow, o fato de que, durante mais de 50 anos, todas as semanas uma pessoa negra era encontrada pendurada em uma árvore, e uma história de cinquenta anos de leis do Apartheid para preservar a "integridade racial". Atualmente, encontro-me confrontado com a população do sistema de justiça criminal que é representada, em excesso, por homens jovens, de cor e com menos de trinta anos, e pelas constantes disparidades no acesso à educação, saúde e habitação que caracterizam a experiência de raças na América. (tradução nossa).

Estes fatos constituem-se dados, que se fazem compreender através das especificidades e intersubjetividades a que, descendentes de etnias africanas que habitam um território outorgado por racismo estrutural, estão imbuídos. Compreender e validar tais realidades factuais, a nível egóico [experimentado pela instância psíquica da consciência] e subjetivos [experimentados pela instância psíquica do inconsciente] se faz imprescindível para que se possa amplificar e, em um segundo momento, integrar os conteúdos que compõe

¹⁰As I reflect on the intergenerational black holocaust in my story, I face 244 years of slavery, 81 years of Jim Crow laws, the fact that for over 50 years every week a black person was found hanging from a tree, and a fifty-year history of apartheid laws to preserve "racial integrity." Today, I find myself confronted by the population of the criminal justice system who is over-represented by young, colored men under the age of thirty., and by the constant disparities in access to education, health and housing that characterize the experience of races in America. Kimbles, 2014, p 32.

este sujeito, que transcendem a esfera dos traumas e feridas pessoais e, sim, englobam uma teia coletiva, tecido há séculos.

Pode-se pensar que, enquanto estratégia com finalidade social crescente de lucros e supremacia racial, a metodologia idealizada como solução era; dominar e retirar dos negros enquanto nação; suas potências, estruturas, experiências, memórias, manifestações de conexão com suas práticas religiosas; para que então sua cultura, bem como seu senso de pertencimento viesse a se perder no tempo; onde natural consequência, seria apagar seu legado através dos novos descendentes. Deste modo, olhar para a sociedade brasileira no contemporâneo exige olhar para esta sombra da colonização que não é dita, é relegada mesmo exercendo em demasia, latente ruído nos brasileiros.

Negar a influência Africana como um dos expoentes da formação cultural brasileira, é como negar o processo cíclico ao qual pertence à água; que brota do solo e derramam-se em rios, lagos e mares onde uma vez evaporados e condensados em nuvem, voltará a se derramar como chuva retornando as suas origens no solo; assim como a água pertence a este ciclo universal, pode-se equiparar o pertencimento do brasileiro a um produto do enredo cíclico da escravização e da tentativa de captura de sua essência Africana enquanto influência étnica, com todo seu enredo simbólico, conforme elucidado acima. Ao correlacionar os dados factuais da escravidão com as ressonâncias encontradas na contemporaneidade, em que os corpos negros descendentes das etnias escravizadas trazem consigo as marcas de uma colonização vil se conjecturam ir ao encontro do simbolismo do legado africano (que em caráter diásporo foi silenciado) o que faz com que, tal qual o ciclo da água, inevitável retorno se dê.

Ao trazer o *lócus* para a perspectiva de gênero, Joice Berth (2019) outra militante negra em sua obra *Empoderamento*, refere-se a questão de gênero ao citar a necessidade que há para que mulheres possam ocupar lugares ideais, para ser inseridas como sujeito protagonista nesta estrutura social, conforme traz abaixo:

Mesmo as mulheres brancas que são consideradas bonitas se deparam com diversas práticas machistas direcionadas a elas a partir da construção desumana desse lugar que não é capaz de agregar ou valorizar outras qualidades, senão as que objetificam e aprisionam pela busca incessante em manter-se nele e/ou pela rejeição da própria imagem quando não se encaixam dentro dos padrões e requisitos que esse lugar exige (BERTH, 2019, p, 82).

Nota-se que na referida passagem, a autora nem inclui a questão racial, haja vista que as especificidades para olhar a possibilidade de pertencimento de mulheres negras atravessam

ainda outras tantas exclusões e verdades pré-estipuladas, onde se pode compreender que para além de identificá-las, necessita-se compreendê-las.

O arquétipo da *anima* na mulher negra, [compreendendo-se por corpo negro, em toda narrativa desta pesquisa, o fenótipo como determinante fator para este marcador social, uma vez que em território híbrido não se há caucasianos] ao se pensar em nível de inconsciente cultural e heranças atávicas; é um inconsciente feminino machucado, inundado por tais torturas físicas e psíquicas, que ainda reverbera no inconsciente e nos conceitos referidos a autoimagem das mulheres negras na atualidade. Deste modo o reforço cultural de se ocupar o lugar de objeto em nome de uma irônica liberdade ou vantagem ante os outros corpos, tem um preço bem alto a se pagar. Preço de não se pertencer, de ter de estar passível a qualquer agressão, vinda por parte dos marinheiros; que representam (em situação mencionada no início deste capítulo) a personificação da estrutura patriarcal que tais almas encontrariam ao desembarcar.

Por sua vez, a mulher considerada branca traz consigo, a priori em nível inconsciente, uma desvalorização de seu feminino, em relação às mulheres negras, morenas e mulatas, Freire (2000) relata esta seleção naturalizada e reforçada após a colonização brasileira em consonância a instauração do patriarcado, quando relata em *Casa grande e Senzala*, a escolha pela clássica mulher loira como socialmente apresentável para o lugar de senhora do lar (donzela), referindo-as às culturas exteriores tal qual a Europeia e, que nacionalmente, a mulher morena, a cabocla, a mulata são as referências de predicativos no tocante de beleza física e da erotização - da cor do pecado - acessada em qualquer lirismo à lá brasileira. Cabendo as negras o lugar de servir, tal qual se inato fosse este lugar, de ofertar-se em atender a todas as classes de mulheres referidas acima (FREIRE, 2000, p.84).

Ao se referir a mulher ainda da perspectiva social. Pode-se fazer uma ressalva ao relevante fato que contribuiu para o sexismo no caso das brasileiras, a miscigenação e sua diferenciação híbrida. “Fruto dessa covarde procriação [dos colonizadores] e que agora é aclamado como o único produto nacional que não pode ser exportado: a mulher mulata brasileira. Mas se a qualidade deste “produto” é tida como alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante sujo e desrespeitoso” (GONZALEZ 1982, p. 36).

González (2020) aponta para a transfiguração externa, ou atualização do mito da mulata, ocorrida através da exploração sexual/social da mulher negra e da hibridez da mulata no Brasil, em que o mercado a cooptou como profissão e possibilidade de ascensão social através da erotização de seus corpos conforme elucida abaixo:

A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do “rebolado”, para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional. Sem se aperceberem, elas são manipuladas, não só como objetos sexuais, mas como provas concretas da “democracia racial” brasileira; afinal, são tão bonitas e tão admiradas! Não se apercebem de que constituem uma nova interpretação do velho ditado racista “Preta para cozinhar, mulata para fornicar e branca para casar-se -se. Em outros termos, são sutilmente cooptadas pelo sistema sem se aperceberem do alto preço a pagar: o da própria dignidade. A origem de tal “profissão” se encontra no processo de comercialização e distorção (para fins não apenas ideológicos) de uma das mais belas expressões populares da cultura negra brasileira: as escolas de samba. Sua invasão, de início por representantes dos setores ditos progressistas e, em seguida, pelas classes média e alta que introduziram uma série de valores diretamente oriundos do sistema hegemônico, culminou com esse tipo de manipulação/exploração sexual, social e econômica de muitas jovens negras de origem humilde (GONZALEZ, 2020, p. 51).

Com base na narrativa trazida acima por Lélia, se pode perceber como o mito da sexualização e erotização do corpo mulato está se atualiza na cultura brasileira. E, esta transfiguração do corpo que outrora servia como instrumento de desejo dos nobres senhores de engenho agora, na esperança de ocupar o lugar de reconhecimento social, não consegue por vezes notar que não se dissociou a erotização apelativa sob seus corpos e seus atributos físicos, logo, a base é a mesma, o sexismo.

Em outra passagem, Gonzalez (2020) traz na íntegra outra atualização de mitos inerentes a sexualização e subalternidade atribuída aos corpos femininos negros, desta vez sobre a relação do desejo inerente às iniciações sexuais (em caráter transgeracional) dos homens com mulheres negras ou mulatas no Brasil. O que permite a possibilidade de associação de recalque e projeções das mulheres brancas em detrimento às negras.

[...] O que a gente já sabe sobre a vida sexual da rapaziada branca até não faz muito: iniciação e prática com as crioulas. É aí que entra a história que foi contada para a gente (brigada, Ione). Quando chegava na hora do casamento com a pura, frágil e inocente virgem branca, na hora da tal noite de núpcias, a rapaziada simplesmente brochava. Já imaginaram o vexame? E onde é que estava o remédio providencial que permitia a consumação das bodas? Bastava o nubente cheirar uma roupa de crioula que tivesse sido usada para “logo apresentar os documentos”. E a gente ficou pensando nessa prática, tão comum nos intramuros da casa-grande, da utilização desse santo remédio chamado catinga de crioula (depois deslocado para cheiro de corpo ou simplesmente cecê). E fica fácil entender quando xingam a gente de negra suja, né? (GONZALEZ, 2020, p. 77).

Somado a este fato transgeracional, ao que impele a gênero, há a relação das mulheres com a *anima*, e a condição desadaptada desenvolvida [em uma sociedade de estigmas patriarcais] do desejo em representar este aspecto para o homem nas relações conjugais. Quanto a este fato, (Von Franz 1988) acresce o seguinte:

Portanto, as garotas que se comportam como princesas-do-papai têm muita dificuldade de se relacionar com os homens e correm o risco de não se casar e ter filhos porque, quando um homem as aborda sexualmente na vida comum e corrente, elas ficam encasteladas atrás de um muro de invisível inatingibilidade. As lindas menininhas do papai acabam se transformando em princesas presas na torre, inalcançáveis pelo homem comum (VON FRANZ, 1988, p. 76).

Nesta relação inconsciente da mulher que aprendeu desde cedo, a utilizar-se da sutileza e sedução [um dos aspectos da *anima*] para dominar o masculino, se vê atrelada e esta identificação com a deusa, (grande mãe) o que não a permite relacionar-se com o homem comum, logo, inconscientemente esta relação não perpassa pelos escriptes da sensualidade animal, visceral. O que passa mais uma vez a ser endereçada, pelos homens, aos corpos negros socialmente constituídos a ocupar tal lugar, como objetos deste afã, uma vez que as donzelas, em larga escala, se enquadram na narrativa trazida acima de identificação, devido ao seu construto social.

Deste modo, permite-se deste modo, conjecturara uma possibilidade da gênese, para compreensão do comportamento de rivalidade de gênero, racista e, também classista, como o receptáculo das projeções da mulher polarizada neste aspecto, — desadaptativo por seu excesso — com a *anima*.

Assim sendo, não se poderia ter outra relação com o feminino que não a de inferioridade. Ao se referir ao princípio feminino, diz aqui não apenas das mulheres, no construto biológico, que trazem tal princípio na consciência, mas também aos homens, que o trazem inconscientemente, ao que Emma (2006), esposa do Jung, dedica-se em uma obra exclusiva de tal temática denominada *animus* [princípio masculino] e *anima* [princípio feminino]. Esta obra elucida a perspectiva de um dos aspectos do princípio feminino ser nada menos que a capacidade relacional do sujeito com a fonte da vida que emana de seu inconsciente e, se este sujeito entra em movimento de cisão com tal princípio, pode-se notá-lo endurecimento da capacidade de sentir ou da estagnação ante a vida (JUNG, 2006, p. 79).

Gonzalez (2020) frisa sobre a necessidade em se ocupar, em insurgências contra o sistema, o denunciar e, permitir que se quebre o ciclo classista dominante de mulheres negras servindo de aporte para a ascensão social de mulheres de outras classes, em sua maioria brancas e, traz um adendo associado ao revanchismo quando se ocupa tal lugar de fala, que enquanto sujeitos - ao menos segundo o código civil —livres e iguais, deveria ser automático (GONZALEZ, 2020, p. 36).

Freire (2000) em diversas passagens em sua clássica obra, *Casa Grande e Senzala*, acrescenta a colonização brasileira e a sua condição arraigada ao patriarcado, denota a

influência intrínseca desta construção no inconsciente do brasileiro em nível de experiência individual e, em nível coletivo, além das já mencionada, mas também as heranças atávicas à que está enredado simbolicamente todo brasileiro. Ilustra-o com tal passagem: “A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: da sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo polígamo e escravocrata; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas credices da senzala” (FREIRE, 2000, p. 56). Assim sendo, a necessidade de reformulações a cerca destas ideias instauradas, cabe a todo brasileiro, conforma acresce Hooks (2018):

Uma visão feminista que adere à masculinidade feminista, que ama garotos e homens e exige, em nome deles, todos os direitos que desejamos para garotas e mulheres, pode renovar o homem norte-americano. Principalmente, o pensamento feminista ensina a todos nós como amar a justiça e a liberdade de maneira a nutrir e afirmar a vida. Claramente, precisamos de novas estratégias, novas teorias, diretrizes que nos mostrarão como criar um mundo em que a masculinidade feminista prospere (HOOKS, 2018, p. 83).

Esta pesquisa paciente e detalhadamente, propõe encaixar estas peças que, ocupam pretensamente os lugares sociais e simbólicos, que enaltecem as consequências sócio estruturais de uma economia que permanece escravista. Assim, aliar-se na militância contra o racismo requer compreender muito além do que o código civil compreende por ato racista inafiançável. O real e desmedido algóz social que caminha de encontro ao racismo todos os dias é a perversidade e sutileza com que se aceita este racismo estrutural, transvestido de naturalidade e supremacia branca, para justificar o etnocentrismo, classista, sexista, polígamo, misógino e, racista dominante!

A proposta desta narrativa não passa por uma tentativa de aniquilar as faces elitizadas e exaustivamente conhecidas, onde em caráter automático são reproduzidas nas instituições de ensino e corporações, geração após outra, mas destituí-la do papel de unicidade, faz-se necessário para integrar o que a muito deveria ter sido reconhecida. Conforme traz Silveira e Gordon (2008) acerca do legado do etnocentrismo:

[...]Com suas taras, seus fracassos, seus vícios, a família européia, patriarcal, em relação estreita com a sociedade que conhecemos, produz cerca de três décimos de neuróticos. Trata-se, apoiando-se em dados psicanalíticos, sociológicos e políticos, de edificar um novo meio familiar susceptível de diminuir ou mesmo eliminar detritos, no sentido antissocial do termo (SILVEIRA e GORDON, 2008, p. 58).

Cabe-se deste modo, confirmar em dados, como os levantados pelo IBGE, nos anos de 2011/2017 que falam por si só, ante os seguintes levantamentos:

Tabela 1–

	NEGROS E PARDOS	BRANCOS
Total da população brasileira	54%	46%
Considerados pobres	78%	22%
Possuem em média mais de 12 anos de estudos	9,4 %	22,2 %
Índice de analfabetismo: (Ano de 2016)	9,9%	6,3%
Índices de desemprego	13,6%	9,5 %
Média salarial	R\$ 1.570,00	R\$ 2.814,00

**Tabela 2 –
DADOS FORNECIDOS PELO IPEA
Quanto a cor dos profissionais em área de alta qualificação**

	NEGROS E PARDOS	BRANCOS
Engenheiros	10%	90%
Advogado	21%	79%
Piloto de Aeronave	22%	88%
Professor de Medicina	11%	89%
Veterinário	17%	83%

Fonte: GOMES, 2019

Os dados acima foram extraídos do livro *Escravidão* (2019) que é produto de anos de pesquisas e viagens ao continente africano, por Laurentino Gomes, jornalista e escritor que conforme ele se auto intitula na obra *Escravidão*, produto da influente miscigenação brasileira o faz implicado em pesquisas do tocante da colonização e suas repercussões na contemporaneidade (GOMES, 2019, p. 25-26)¹¹.

As lutas travadas frente ao racismo e todas as conquistas legais atribuídas até o momento não podem ser desmerecidas, ela já custou muito suor inocente. Mas conforme reforça Davis, “O problema é que muitas vezes se presume que a erradicação do aparato legal seja equivalente à abolição do racismo. Mas o racismo persiste em uma estrutura que é muito mais extensa, ampla, do que a estrutura legal”(DAVIS, 2018. p. 31).

Embasada em dados políticos sociais, Gonzalez (2020) aponta para as reformulações necessárias para haver de fato uma reestruturação, com *locus* na possibilidade e sustentabilidades político/social de reinserção em equidade.

A sistemática discriminação sofrida no mercado remete a uma concentração desproporcional de negros nos setores agrícola, de construção civil e de prestação de serviços. Segundo o Censo de 1980, esses setores absorvem 68% de negros e 52% de brancos. Como já dissemos anteriormente, um terço (33%) da PEA em 1980 recebia até um salário-mínimo; se analisarmos essa percentagem em termos de composição racial, teremos 24% de branco e 47% de negros. Do outro lado do espectro de rendimentos, a proporção de pessoas com renda mensal superior a dez salários-mínimos era de 3,72%: os brancos constituíam 8,5% e os negros cerca de 1,5%. De acordo com os dados da Pnad 1982, houve um aumento da proporção dos que ganham até um salário-mínimo, que passaram de 33% para 36%, numa prova patente do empobrecimento do país. Desnecessário dizer que os negros foram os que mais sofreram: de 44% passaram para cerca de 50%, enquanto os brancos foram de 24% para 28%. [...] Em 1980, os brancos tinham 1,6 vezes mais oportunidades de completarem de cinco a oito anos de estudos, 2,5 vezes mais de completarem de nove a onze anos de estudos e seis vezes mais de completarem doze anos ou mais de estudos. E isso significa que os negros já nascem com menos chance de chegarem ao segundo grau e praticamente nenhuma de atingirem a universidade (GONZALEZ, 2020, p. 87).

Conforme os dados apontam, as raízes ao qual foram solidificadas as estruturas racistas são profundas e suas reverberações também, conforme mencionado acima, os atravessamentos inconscientes à que se está envolto todo herdeiro desta estrutura são muitos, o

¹¹IBGE, PNDA nos anos de 2016, 2017.

Sara Fernandes, Apesar de aumento expressivo, negros ainda são minoria entre os graduados no Brasil, rede Brasil Atual, 28/06/2012.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

amefricano é produto de todo este processo transeuropeu. Bert (2019) consolida esta situação em outro dado, quanto aos reforços das margens sociais:

No pós-abolição, marcadamente no processo de industrialização, em que houve o incentivo à vinda de europeus que assumiram os postos de trabalho, essa lógica não foi eliminada; ao contrário, ganhou novos contornos, sendo possível manter a exploração de mão de obra da negritude, só que agora com uma boa máscara social que a um só tempo ia de encontro com os novos arcabouços jurídicos que proibiam a escravização, mas não rompiam com o esquema usado durante todo o período colonial: havia um “salário”, ou os serviços prestados eram “pagos”. Esse pagamento, bem sabemos, embora a história não enfatize, era somente para garantir alguma alimentação e/ou local para dormir (BERTH, 2019, p. 48).

Posto estas colocações, cabe dizer ainda que os indivíduos pertencentes às massas populares são uma ferida social. Onde mesmo o fato de ser notório, passa por despercebido, velado, seletamente não visto o que se agrava ainda mais ao se referir a corpos femininos negros, para se pensar os sistemas que atravessam as questões sexistas, com especial recorte no Brasil.

Assim sendo, ao que tange o inconsciente pessoal, com o intuito de que estes conteúdos possam passar, a posteriori, pelo crivo da consciência antes de serem reproduzidos como naturais é parte de um processo que, embora também seja coletivo, não foge ao tocante singular. Encontrar-se com sua alma enquanto nação e enquanto sentido de vida e de luta própria para tê-la. Conforme salienta Boechat (2014) que traz um paralelo da busca constante do brasileiro por um herói redentor, produto de sua alma sem identidade, onde esta busca é tão ilusória quanto à independência do Brasil, enquanto potência una e, que este processo de busca, passa pelo fazer-se e reconhecer-se em sua polifonia étnica, ainda que transfigurada, para ocupar-se deste lugar no âmbito coletivo e pessoal (BOECHAT 2014, p. 62).

Todavia, do lugar de etnógrafa e etnopsicóloga, se pode notar que, se você não se identifica com a condição do racismo enquanto realidade e, não se vê como parte desta, não há motivação pessoal para tomar como sua tal luta. De igual modo, uma vez consciente de ser parte desta estrutura, nasce em si uma força ao encontro desta luta que é motivada intrinsecamente, mas requer esforços, questionar privilégios e autoanálise constantes para se puder enfim sustentar-se/ posicionar-se de encontro a tais estruturas sociais.

Com isto, retoma-se a questão de reconhecimento, quanto a igual potência em possuir a capacidade de ocupar o lugar de agressor e, não se trata de banalização ou polarização da condição de vulnerabilidade social, menos ainda fazendo apologia às contravenções sociais, todavia é um convite singular a refletir sobre quantos estigmas transvestidos de verdade absolutos, dão relevância e ressonância, aos quadros sociais de

conteúdo racista e despotencializador que nos compõe enquanto sujeitos e atravessam nossas ações singulares? Quanto há em mim [independente de meu gênero, raça, ou classe] de agente propagador dos estigmas do racismo estrutural e suas ferramentas?

Faz-se necessário ser consciente do fato que, enquanto sujeito brasileiro, se é fruto de uma estrutura social que continua a produzir sujeitos invisíveis psicologicamente, frutos de uma sociedade adoecida. Corpos permanecem cotidianamente a serem disponibilizados a ocupar um lugar irrelevante socialmente, tal qual fosse destituído de alma! E a naturalização de lugar de inferioridade intelectual, de objeto sexualizado, de originalmente marginal, ecoa por diferentes instancias na díade poder- opressão.

Em uma instancia, as vítimas sociais, agressivo-passivas para se defender, adaptando-se as normatividades. Em outra instancia, há os números fatos, que se poderiam escorrer os jornais e sentir o cheiro de sangue negro por todos os lados, inquestionavelmente se está a falar de uma perspectiva que prima por conscientização a cerca do funcionamento e das correlações de uma estrutura social que opera em e através de todos, negros ou não.

Assim sendo, para além dos papeis sociais; seja como filho (a), companheiro (a), pai/mãe, necessita haver reformulações nos princípios sexistas e racistas, bem como a integração do princípio feminino, desde sempre, relegada à sombra coletiva, que há tempos, clama por integração. Como reforça Dias e Gambini (1999) “É preciso entrar em contato com esses conteúdos que estão adormecidos dentro de cada um de nós. Está na hora de fazer uma revisão psicológica da história do Brasil”. (DIAS e GAMBINI: 1999, p. 92-93).

Deste modo, esta pesquisa traz a tentativa de montar um cenário panorâmico, com os fragmentos de histórias que foram recortados de uma educação erudita e, pretensamente dita laica; recolocar as peças pretas deste mosaico, que apesar de; em seu verso gotejarem sangue, permanecem também a exalar o aroma de ervas frescas, a capturar os olhares com o vibrante dos seus tons, que aquece de vida seus jongos, ao dançar as amarguras da vida que lhe coube e, ainda assim, traz cura em seus tambores!

CAPÍTULO 2 - HERANÇAS ATÁVICAS EM MULHERES NEGRAS

2.1 O lugar histórico/simbólico delegado à mulher negra, do colonialismo à contemporaneidade.

A expressão atávica abordada anteriormente visa contemplar a perspectiva física/genética e simbólica da expressão, tão logo os fenômenos não serem passíveis a ser contemplados em vias de segregação pela perspectiva Junguiana. Pensar este corpo feminino negro na estrutura social capitalista de uma maneira geral, mas sob uma ressalva especial no Brasil, brevemente recapitulando as contribuições para que a economia e seus sistemas de classes se instaurassem com o papel presente das influências de várias etnias, mas com enfoque no corpo feminino.

Na obra *Pensamento Feminista No Brasil* (2019) Arruda retoma a perspectiva de Catharine Mackinnon,¹² quando aponta para o esforço de igualar classe e gênero enquanto conceitos explicativos centrais, explicitado em um conhecido trabalho de Catharine MacKinnon em que se afirma que:

O feminismo pensa a sexualidade da mesma forma que o marxismo pensa o trabalho: como uma atividade construída e, ao mesmo tempo, construtora, universal, mas historicamente específica composta da união entre matéria e mente. Da mesma maneira que a expropriação organizada do trabalho de alguns em benefício de outros define uma classe – os trabalhadores –, a expropriação organizada da sexualidade de alguns para o uso de outros define o sexo, mulheres. A heterossexualidade é sua estrutura; gênero e família, suas formas fixas; os papéis sexuais, suas qualidades generalizadas à persona social, a reprodução, uma consequência; e o controle, seu resultado. (Arruda, 2019, p.111)

Desde o fenômeno da colonização, as estruturas sociais foram pautadas em hierarquias, sob um regime patriarcal, à mulher coube ser sugestionada a adaptar-se com a persona do objeto afável, doce, acolhedor e subserviente, coadjuvante do masculino fálico, para além do contexto de classes. Condicionada a se enquadrar em tal sistema, a priori em um conceito endereçado à mulher de classe alta e/ou branca (fatores que se correlacionam intrinsecamente em larga escala), sob a legitimação da “liberdade” condicionada, com sua imagem vinculada ao estereótipo idealizado em apresentar-se como mulher prendada, nos afazeres domésticos, respeitosa ao se trajar, que se orgulha em carregar o nome de senhora X ou Y, [sobrenome das famílias de seus cônjuges] que, aliás, é considerada como tal senhora apenas após um matrimônio.

¹²Encontradonaobra: Feminism, Marxism, Method and the State: na Agenda for eory”, in N. Keohane et al. (eds.), *Feminist eory: a Critique of Ideology*, Chicago: University of Chicago Press, 1982.

A estas mulheres, coube também sua parcela de redutividade na cultura do patriarcado, tidas como nobres senhoras elegantes, apertadas dentro de excessos de tecidos, oprimidas em seus desejos, orientadas a limitar-se, ao que Jung (2008) atribuiu o conceito de *persona*, não por acaso, atribuído à máscara utilizada pelo ator. Referente ao papel que este representa, também simboliza a adaptação forjada enquanto um recorte mais ou menor arbitrário da psique coletiva que tenta convencer-se e, aos outros de se tratar de uma individualidade (JUNG, 2008, O.C. 7/2, p. 46, §245-247). Sempre adaptadas neste lugar de senhoras distintas e dignas. Mulheres silenciadas! Ocupando lugares socialmente impostos. Com os aspectos, como os ctônicos, dentre outros, do princípio feminino, sendo feridos e reprimidos.

Em contraponto, tendo de suportar, por não raras vezes, conviver com o direcionamento de libido dos homens em relação aos corpos femininos negros, atribuídos simbolicamente por elas como ameaça a sua condição de fêmea reprimida. Deste modo vai se constituindo uma relação projetiva de competitividade – ataque x defesa - nas relações interpessoais no âmbito do gênero em uma sociedade de regime patriarcal. Logo, visando equiparar os conteúdos reprimidos, lança-se mão como ferramenta, do mecanismo de compensação, tendo em vista equiparar o eixo ego-*self* em virtude de compensar a energia que possa ter sido represada e, à despotencializar com a finalidade natural de equilíbrio entre a dinâmica consciência – inconsciente. Podendo-se manifestar tal fato em diversas frentes de mecanismos inconscientes, sonhos, projeções, fantasias...

Na obra, *O medo do feminino*, Erich Neumann (2000) contribui com sua percepção à cerca da polarização da mulher no *animus* nas sociedades de princípio patriarcais e, em contraponto a este aspecto, o déficit da relação com o feminino primal e sua conexão com a Grande Mãe. O que ocasiona em uma relação da mulher frente ao masculino, como uma simbiose de dominação transfigurada em cuidados e proteção; com a qual a psique da mulher tende a permanecer em uma condição de filiação, projetada nos homens como os salvadores. Portadores que são, nos conglomerados de valoração patriarcais, do arquétipo do Pai, logo, esta simbiose se retroalimentam e reforçam o lugar do ego feminino enquanto subordinado e infante (NEUMANN, 2000, p. 37).

O que permite que se compreenda os meandros das relações estabelecidas pelas perspectivas normativas, *cis* quanto a gênero, direcionadas ao corpo feminino, *a priori*, intituladas como portadoras do genótipo da falta de posicionamento conciso, fragilidade consciente, inferioridade cognitiva para ocupar lugares de fala, dentre outros pressupostos;

como, na verdade, estruturas simbólicas; que envoltas e reforçadas cotidianamente em caráter transgeracional, nas relações de gênero em sociedades de princípios patriarcais, adquirem estatuto de constatações absolutistas e inatistas.

Aponta-se deste modo, implicitamente para o ato de terceirizar sua realização singular, ou sua construção enquanto mulher, sempre a Outro [o portador da lei] e não em si mesma atitude esta a reforçar o lugar estabelecido socialmente de coadjuvantes da própria história. A invisibilidade relegada ao corpo feminino está presente em relatos de diferentes momentos históricos, todavia, preserva sua continuidade historiográfica. Conforme salienta Berth (2019):

Apenas uma sociedade que mantém e propaga valores dúbios e uma moral condicionada a interesses que não traduzem as necessidades coletivas, não estamos livres de nos depararmos com indivíduos que mantêm seus pontos cegos, seja por ignorância ou por conveniência. Nesse contexto, as intenções iniciais do conceito de empoderamento sofrem grande perigo da inversão de valores propostos, de deturpação e uso como mais um instrumento de dominação incorporado a uma espécie de atualização do modus operandi do sistema que almejamos desconstruir (BERTH, 2019, 65).

O que a autora frisa como sendo deturpação de valores libertários, tal qual o do empoderamento, se pode ler como cooptação subjetiva em caráter teleológico de silenciamento. A mesma manutenção da base, com pressupostos de dominação e poder hegemônico, apenas com características mais sofisticadas e sutis de dominação.

Neumann (2000), pela perspectiva da psicologia analítica, embora seja um homem a retratar sobre as narrativas incômodas inerentes ao feminino em detrimento do masculino em uma sociedade patriarcal, traz na obra *O Medo do Feminino*, suas conotações como produto de estudos e análises profundas a cerca da díade consciente- inconsciente, identifica a título de identidade psíquica da mulher contemporânea um sofrimento e sentimento de desajustamento ao princípio do feminino e sua natureza primal. Conforme salienta abaixo:

A mulher nunca sente que é exatamente "ela própria" quando identifica seu ego à consciência patriarcal. Frequentemente, tem a impressão de que se aliena de si mesma ao se tornar consciente, pois sofre o conflito entre a estrutura simbolicamente masculina de sua consciência e a estrutura feminina de sua totalidade como se fosse uma disfunção (NEUMANN, 2000 p. 56).

A construção simbólica feminina em estruturas patriarcais, por si só, conforme elucidado por Neumann acima, é conflituosa e se apresenta em caráter desafiador, ao se inserir a condição de gênero, às de raça e classe e voltar o olhar para as mulheres negras e suas construções e (des)construções inerentes a etnia e suas memórias ancestrais, portadora que são dos marcadores adicionais neste sistema, tenta-se incutir aos desígnios de utilizar deste espaço de fala na tentativa de trazer à luz da consciência tais processos, bem como suas

reverberações em diversas dimensões. O fato de serem atribuídos a elas os estatutos de objetificações, sexualizadas, parideiras, amas de leite, trabalhadoras subservientes. Pode-se observar que, ainda que cada expressão (guardando suas singularidades e proporções) a localização delegada ao corpo negro enquanto objeto de pertencimento, quase sempre, permanece com correntes adicionais às demais subdivisões do gênero.

O que Gonzalez (2020) frisa como sendo um movimento primal de resistência e militância, a necessidade de conscientizar-se destas subjetivações endereçadas aos corpos negros femininos. E, a capacidade em sustentar-se em outros lugares para além deles. “Se realmente quisermos provocar o nascimento de uma nova sociedade, isso só pode ocorrer na medida em que nós próprias nos tornemos novos seres humanos; ou seja, apenas se resolvermos nossa alienação seremos capazes de transformar a sociedade que estamos denunciando” (GONZALEZ, 2020, p. 111).

Para os corpos femininos negros, sob o estigma de objetos inatos de subserviência, herdados em caráter atávico, cabe se equiparar, em igual proporção, a visão de corpo enquanto objeto de desejo libidinal de um portador da lei - aqui representado pelo simbolismo instituído heteronormativo, fálico e desbravador - que puramente por conotações, também atávicas da ordem do complexo cultural, recebem tais marcadores sociais inerentes aos seus fenótipos.

Ao deslocar este raciocínio para as ações coletivas, Kimbles (2014), acresce ao conceito Junguiano de complexo, os mecanismos de manifestações do complexo cultural, enfatizando quatro vieses:

A adição do conceito de complexos culturais abre quatro perspectivas significativas sobre o funcionamento inconsciente ao nível de grupo:

- Eles nos permitem entender como emoções, crenças e imagens operam em nível de grupo para organizar fenômenos de grupo.
- Essa perspectiva nos permite entender o relacionamento do indivíduo com o grupo, isto é, a atitude dele, bem como a forma como o grupo funciona dentro do indivíduo. O grupo, como uma situação externa e sua realidade psíquica interna e viva, constela uma situação psíquica para o indivíduo e o grupo.
- Em terceiro lugar, através da atenção aos complexos de grupo, podemos entrar em uma melhor relação com a autonomia da psique, à medida que se desempenha em níveis individuais e culturais, expressos como mitos coletivos, ideologias, rituais, imagens e temas.

- Em quarto lugar, o grupo se torna um campo de estudo inteligível, seja visto através da lente da sociologia, da política, da antropologia, do desenvolvimento organizacional ou da psicanálise (tradução nossa).¹³

Em loco na perspectiva acima, se pode perceber a magnitude de conteúdos disponíveis nos cenários de grupo. Quando se pode correlacionar esta dinâmica no contexto cotidiano [com ênfase no cotidiano feminino contemporâneo] ao amplificar o terceiro tópico trazido acima, se pode refletir sobre a relação atávica que se teve com o Arquetípico do feminino durante a construção social em consonância com os princípios do Patriarcado.

Em caráter etnopsicológico e etnográfico, se pode compreender que visar representatividade, conscientização dos embates e militância política por equidade, com olhar igualitário para as mulheres negras em uma sociedade atravessada pelo racismo estrutural, requer bem mais que ocupar lugares, necessita pulsar no peito o desejo em romper com tais estruturas que se originaram— e por séculos se mantiveram sob suor e sangue inocente, com uma base vil e opressora.

Tais corpos ao qual não houve outra possibilidade a não ser, resistir, suportar e ser forte. As reverberações deste processo incutiram no inconsciente cultural dos descendentes de escravizados, a obrigatoriedade em se sustentar em um não lugar! Que exige forjar ferramentas constantes contra a opressão e em igual afinco, forjar ferramentas para não se enrijecer e cristalizar neste lugar de ninguentade, ainda na contemporaneidade, em um movimento de (des)construções e (re)construções constantes no cotidiano.

E nesta dinâmica, a luta para viver, para além de existir, transita em dois polos, de um lado, ocupar-se de si, ouvir suas vozes internas [porque estas sempre falam!] e de outro lado não se permitir cristalizar em uma dor que cega, desumaniza e tornam-se apenas outras cisões, tão nocivas, aniquiladoras e desrespeitosas quanto os ataques sofridos por parte do colonizador, aqui narrados.

Encontrar o equilíbrio entre estes dois polos, frente a cada desafio que a vida lhe impõe não é fácil, nem há fórmula; mas se faz necessário; se a pretensão é avançar em consonância consigo mesmo, em seu processo de individuação que, sendo contínuo e dando-

¹³They allow us to understand how emotions, beliefs and images operate at the group level to organize group phenomena.

- This perspective allows us to understand the individual's relationship with the group, that is, its attitude, as well as how the group functions within the individual. The group, as an external situation and its internal and living psychic reality, constellates a psychic situation for the individual and the group.

- Thirdly, through attention to group complexes, we can come into a better relationship with the autonomy of the psyche as it plays out at individual and cultural levels, expressed as collective myths, ideologies, rituals, images and themes.

- Fourth, the group becomes an intelligible field of study, whether viewed through the lens of sociology, politics, anthropology, organizational development, or psychoanalysis (our translation). KIMBLES, 2014, p. 25

se na vivência, certamente reverberará para o mundo de algum modo, não há maneiras de se supor a dimensão de uma mudança de posicionamento, mas os dados históricos comprovam que cada passo dado reverbera por gerações futuras. Se assim não fosse, hoje uma mulher negra não estaria aqui a falar e, como eu, tantas outras antecessoras.

Ao se retomar a proposta de revisitar, para reconstruir, a solidificação estabelecida aos corpos femininos negros, se recorre a obra de Érico Vidal Brazil e Schuma Schumaheer *Mulheres Negras do Brasil* (2007) em que aparecem, dentre vários relatos, um que chama a atenção quanto a narrativa da invisibilidade da potência feminina, em detrimento da sexualização de seu corpo, enquanto instrumento libidinal. Os relatos transcritos por integrantes de navios cargueiros, que transportavam negros, ilustram as histórias das mulheres transportadas neste contexto e a maneira que estas eram tratadas nos conveses dos navios. Em troca dos bons cuidados dos tripulantes em não as deixar amarradas na parte de baixo dos navios, junto aos demais negros e idosos. As mulheres [que poderiam estar grávidas, ou com crianças pequenas às acompanhando] tinham que os servir sexualmente a qualquer momento e por quantos deles as desejassem (BRAZIL, p 21).

Cabe ressaltar que este fato se atribuía a qualquer mulher que estivesse viajando sem a seguridade de um homem que a acompanhasse, todavia, historicamente há uma impossibilidade em dissociar, classe, raça e gênero em território americano, forme frisa diversas autoras trazidas nesta pesquisa, desde modo, o fato de que as mulheres de classe média e baixas, ou passíveis em condições de maior vulnerabilidade sociais [tal qual o fenômeno da escravização] eram as mais atingidas nesta condição, logo, mulheres negras, foram em larga escala, as que mais tiveram seus corpos e, conseqüentemente, sua essência violentados por esta estrutura.

Esta passagem ilustra bem, o que Gonzalez (2020) aponta, conforme descrito no capítulo anterior desta pesquisa, para a impossibilidade de desassociar militância feminista, do princípio sexista e misógino. E as reverberações de tais processos, endereçados às mulheres negras, morenas e mulatas [oriundas da miscigenação], são intensificados devidos aos outros aspectos projetados (também já explicitados no capítulo anterior) sobre este corpo fenotipicamente marcado. E, mesmo a condição de realocação social, pela perspectiva de gênero.

[...] É importante ressaltar que o 13 de maio libertou apenas 10% da população de cor no Brasil, uma vez que 90% já viviam em estado de liberdade e concentrado no “restante do país”. Temos, portanto, uma polarização em termos de distribuição racial que deverá ser devidamente reforçada e reinterpretada no modo de produção que se estabelecerá hegemonicamente. Note-se que a existência de um Brasil Subdesenvolvido,

que concentra a maior parte da população de cor de um lado, e de um Brasil desenvolvido, que concentra a população branca de outro, não é algo que esteja desarticulado de toda uma política oficial que, de meados do século XIX até 1930, estimulou o processo de imigração europeia, destinada a solucionar o problema da mão de obra do Sudeste. É exatamente a partir de 1930 que a população negra dessa região começa a participar efetivamente na vida econômica e social, o que a situará em condições melhores do que aquela do resto do país, apesar da manutenção dos critérios de subordinação hierárquica em face do grupo branco. (GONZALEZ, 2020, p. 171-172).

Ao retomar, com este dado referente à classe e raça, para a perspectiva de gênero, se pode notar que a psique da mulher, que se desenvolve em uma sociedade patriarcal, sofre reforços cotidianos constantes, em caráter transgeracional inclusive, sobre seu pertencimento e lugar singular bem como social e, que estes fatores atravessam diretamente seu processo de individuação, imbuídos que estão em sua consolidação enquanto ser. Conforme elucida Jung (2012) a cerca do processo de individuação:

A individuação em geral, é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual [...] é obvio que um grupo social constituído de indivíduos deformados não pode ser uma instituição saudável e capaz de sobreviver por muito tempo, pois só a sociedade que consegue preservar sua coesão interna e seus valores coletivos, num máximo de liberdade do indivíduo, tem direito à vitalidade duradoura. Uma vez que o indivíduo é um ser único, mas pressupõe também um relacionamento coletivo para sua existência, também o processo de individuação não leva ao isolamento, mas a um relacionamento mais intenso e mais abrangente (JUNG, 2012, OC 6, p.591, §853).

Permite-se notar que, a atualidade das narrativas acima, intersecciona-se a mesma produtividade sexista e aparato social deformado, para a perpetuação de atitudes tão violadoras quanto e não se precisa ser mulher para compreender esta pontuação, todavia, passa-se pela via de questionar seus privilégios classistas e principalmente de gênero para se (re) pensar em novas perspectivas de ser frente a esta condição política/cultural.

E frente a todas as repressões e aos consequentes desafios em acessar tais memórias coletivas, dificulta a possibilidade de autorrealização psíquica; em nível de inconsciente pessoal; pois as mulheres negras possuem estes conteúdos como somatizadores adicionais, se comparadas às demais mulheres, enquanto conteúdos de complexos culturais, com propensão a adquirir no cotidiano, forma e força em seu gozar a vida, em caráter singular. Conforme traz Kimbles (2014) acerca dos processos de luto e melancolia sociais “através do luto e da melancolia nos permite observar como o luto, ou a falta de lamentação, no nível coletivo ou

grupal e no nível de grupo da psique individual, torna-se ligado à melancolia cultural.” (tradução nossa)¹⁴.

A diferenciação que Kimbles (2014) propõe em tal passagem se remete ao modo que se dá a elaboração dos processos de luto à luz da teoria Freudiana, em que nesta perspectiva, a melancolia seria o desânimo e apatia para a vida ante aos traumas experimentados, já o luto, seria o compilado de forças renovadas em caráter individual, para se manifestar em vida, para além dos traumas.

Associar tais propostas de elaborações do luto cultural sofrido pelos descendentes de africanos, em virtude da diáspora e, no caso de mulheres, aos demais marcadores sociais de estigmas patriarcais, permite que se analise em caráter singular o modo operandi de suas ressignificações. E, do lugar de etnopsicóloga, enquanto mulher negra, que vivencia e, também acolhe estes discursos no viés do *setting* terapêutico [enquanto terapeuta de mulheres e, também enquanto terapeutizada] refletir sobre esta máxima é prática constante em âmbito pessoal e social! Assim como buscar interseccionalidades com outras frentes sociais e culturais. Conscientizar-se do legado de ancestrais que firmaram os pés em práticas possíveis para transmutação deste enredo, e que por isto inspiram, assim como, (re)conhecer o poder que também há no legado ancestral, auxiliam na práxis de ressignificações de mais de trezentos anos de um perverso luto a que todos amefricanos, ainda que a priori inconscientemente, buscam elaborar.

Em se tratando de racismo e sexismo, não cabe serem analisadas apenas as manifestações externas, e sim, mergulhar nas heranças culturais que foram consolidadas em nível de inconsciente cultural, compreender as atuações dos complexos culturais, já supracitados acima e compreender todas as possíveis repressões bem como a impossibilidade de realização psíquica, em nível de inconsciente pessoal, à que as mulheres negras e híbridas possivelmente possuem canalizadas enquanto complexos.

Quanto aos simbolismos atribuídos aos produtos híbridos – as mulatas – se pode compreender que nascer mulata no Brasil é sinônimo de ser profana sexualmente quente e que independente de suas escolhas pessoais estes estigmas falam por você através de seu fenótipo. E que os estigmas do patriarcado conjecturados aos do sistema Judaico Cristão reforçam a

¹⁴ As is true in the phenomena of transference and countertransference, the underlying archetype of kinship libido energizes the field in which cultural complexes are constellated. It links personal experiences and group expectations as mediated by ethnicity, race, gender, and the processes of social identity by providing a sense of historical continuity. Living, internal memories at the level of the cultural unconscious create a cultural symbolic space in which memories and events are held, elaborated, and come to signify the spirit of the group. (KIMBLES, 2014, p. 82).

cisão necessária frente a estes conceitos e conduta. Logo, simbolicamente, mulheres mulatas são associadas a: não são para se casar, para se ocupar frentes comerciais, não são confiáveis ou boas companheiras..., a sexualização atribuída aos seus corpos às sobrepõe.

Aos serem referidos em colocações pejorativas como as mencionadas acima, permite que se questione se ao menos uma vez não ouviu algo do tipo sem passar tal conteúdo pelo crivo do questionamento pessoal? Sem ocupar o lugar da reprodução naturalizada e perigosa do: Sempre foi assim. Ou: Aprendi deste modo então é verdade.

Ainda sobre as reverberações do complexo cultural e suas possíveis frentes de atuação, simbólico/psíquica e física, observando os atravessamentos e estruturas, nota-se que, ainda que olhada em conotação sexualizada; vil e degradante; as mulheres negras, morenas e mulatas, eram receptáculos de projeções de amargura e rancor das tais mulheres brancas, desde a colonização. Sinhás que não raro, conviviam com a angústia de se casar sem ter escolha e ter de se sujeitar a todo tipo de relacionamento, bem como estar disponíveis em todos os âmbitos para ser a aquela que passara a ser seu dono, vítimas também de sexismo como bem coloca Lélia, em sua leitura sob tal relação de macho opressor *versus* fêmea oprimida, onde segundo ela, toda relação com esta estrutura não passava de um feminino vivido de modo sexista (BARRETO, 2005 p. 58; BAIROS, 1996, p. 364).

Em um mecanismo de defesa *a priori* inconsciente (como toda projeção) ao direcionar suas amarguras em mulheres desejadas por estes parceiros, com conotação de diminuição e vexatória, nos aspectos da sensualidade, como uma maneira compensatória para lidar por vezes com conteúdos de adultérios e com o sentimento de serem trocadas por mulheres negras, mulatas e morenas [em conotação de fêmea desejável] conforme mencionado anteriormente, pode-se notar a correlação das construções simbólicas/ arquetípicas atribuídas às segregações raciais e de gênero.

Ainda que a relação de subdivisão (racial) intergênero fosse enredada por tão agressivos preceitos, relegando às mulheres negras os estatutos de quentes ou fáceis sexualmente, já para as mulheres brancas, poderia perpassar pela condição instintiva de fêmea reprimida ocupando o lugar social já pré-estabelecido por outrem, de provedora do lar, senhora — distante da possibilidade de expressão erótica, em polo oposto ao das negras, mulatas e morenas—, não cabia em ambos os polos, manifestar qualquer instinto de desejo, pois socialmente este lugar era inaceitável. Ainda que as mucamas, algumas vezes, se tornassem amigas íntimas das senhoras, em larga escala, os conteúdos psíquicos atravessados nesta relação, possivelmente seria de projeção de sua faceta de feminilidade erótica relegada à

sombra, preservando ainda o distanciamento que garantia sua superioridade em detrimento da mucama.

Cabe ressaltar, que as colocações mencionadas acima à cerca dos corpos femininos na construção histórico/social do Brasil são embasadas em caráter historiográfico. Frisa-se que há também, ainda que raras, as exceções à regra, contudo, a intencionalidade desta narrativa é contemplar a visão generalizada delegada aos corpos femininos, sem desviar ao foco que são as heranças atávicas em mulheres negras, no contemporâneo, ainda pode-se notar as reverberações deste processo, em que mulheres sendo privadas de sua alteridade, têm cooptadas, escolhas que (deveriam) ser unicamente pessoais, tal qual o controle à natalidade, conforme melhor lhe couber em sonhos, bem como, o direito de privar-se da maternidade, ou direito a não ter o corpo à serviço de propostas sexistas. Deparam-se cotidianamente com a inacessibilidade a escolarização, saúde e toda condição digna de civilidade.

Para se observar a distância que há entre os lugares de privilégios classistas e o povo negro, segue um dado social explícito em que apenas a partir de 1996 teve como diretrizes, o dever do Estado a garantir educação para todos, LBD (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 2019, p. 9). Anterior a isto, apenas tinha acesso à educação quem obtivesse o mínimo de condições para adquirir seus materiais, se locomover se alimentar para estar em uma escola. Em outras palavras, o lugar do ensino era privilégio de classe média à alta, ao filho do pobre e de periferia não era garantida direito a escolarização, disposição à cultura, informação e educação.

Ao se apontar para a falta de reinserção social, este dado deixa bem claro a lacuna existente no Brasil, somente após 108 anos da abolição à escravatura, houve este direito reconhecido e adequado às classes baixa e média, ao passo que inevitável questionamento se dá: Foi preciso 108 anos de resistência e afirmações para que o Estado pudesse reconhecer a necessidade de o povo negro ser reconhecido no estatuto de gente? Ao qual devesse ter direitos e, não apenas, o dever de a alguém servir.

E, mesmo na atualidade, com a legislação vigente, com as diretrizes a garantir tais direitos, a inclusão do corpo negro na educação permanece desafiadora. Nestas estruturas, se pode perceber a vulnerabilidade à que tais vidas estão passíveis e favoráveis a serem manipuladas e sugestionadas a responder [com as suas vidas e de seus descendentes] às demandas de uma estrutura, em que a base precisa ser numerosa e alienada a reforçar lugares marginais. Ser integrante de tal engrenagem, sem ter consciência dela ou ter, mas não se posicionar, já o é apoiá-la!

Conforme traz Campbell (1990) ao elucidar sobre as valorações e distorções sócio/políticas em território americano. “O homem não devia estar a serviço da sociedade, está sim ela é que deveria estar a serviço do homem. Quando o homem está a serviço da sociedade, você tem um Estado monstruoso, e é exatamente isso o que ameaça o mundo, neste momento” (CAMPBELL, 1990, p. 20).

A qualquer indivíduo que se disponha a observar periferias, quilombos, presídios ou vielas —lugares todos massificados por corpos negros (sobre)vivendo em sua maioria—pode contemplar a narrativa explícita que atravessa tais corpos, em especial os femininos, sendo expresso em caráter unânime! Ele exala defensiva, clama por representatividade, por alguma expectativa que os possibilite sonhar!

Que os permita serem vistos para além de objetos a serviço do sexismo, da cultura do estupro, da violação que há no lugar de vulnerabilidade. É exatamente destes atravessamentos enquanto raízes atávicas que se visa elucidar para se propor ressignificar, posto serem memórias de um complexo cultural, disponíveis a todos amefricanos sim, contudo trazem reverberações bem específicas às mulheres negras e mulatas, conforme aponta Gonzalez (2020).

Nesse momento, se poderia colocar a questão típica do economicismo: tanto brancos quanto negros pobres sofrem os efeitos da exploração capitalista. Mas, na verdade, a opressão racial nos faz constatar que mesmo os brancos sem propriedade dos meios de produção são beneficiários do seu exercício. Claro que, enquanto o capitalista branco se beneficia diretamente da exploração ou superexploração do negro, a maioria recebe seus dividendos do racismo a partir de sua vantagem competitiva no preenchimento das posições que, na estrutura de classes, implicam as recompensas materiais e simbólicas mais desejadas. Isso significa, em outros termos, que se pessoas possuidoras dos mesmos recursos (origem de classe e educação, por exemplo) excetuando sua afiliação racial entram no campo competitivo, o resultado desta última será desfavorável aos não brancos. (GONZALEZ, 2020, p. 170-171).

Deste modo, manter-se em marcha nesta luta é se fazer notar praticamente à força. Este praticamente é uma colocação que merece relevância, haja vista a potência das mãos que silenciam, há séculos as bocas negras. Algumas iconográficas apresentadas na obra de Schumacher e Brazil (2007) *Mulheres Negras do Brasil*, comportam o peso de tal silenciamento e, junto dele, o incômodo visceral do que se está a denunciar:



Figura 1 - CHARGE. Crítica à escravidão. Fonte: SCHUMAHER e BRAZIL 2007. p. 46



Figura 2 - Crítica à igreja e escravidão. Fonte: SCHUMAHER e BRAZIL 2007. p. 46

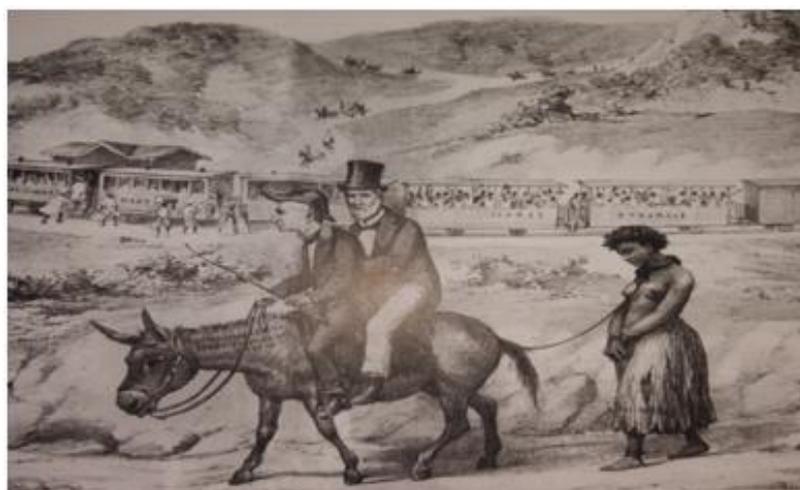


Figura 3 - Crítica à lei dos Sexagenários. Fonte: SCHUMAHER e BRAZIL 2007. p 98

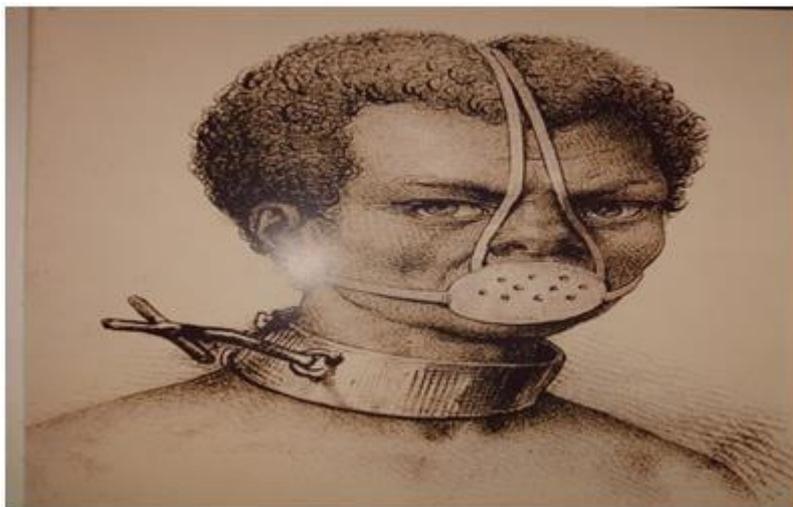


Figura 4 - Imagem Castigo de escravos: Escravo de J.E. 1839. Fonte: SCHUMAHER e BRAZIL.p. 172

Após o contato com as iconografias acima, se torna mais provável acessar, pelo simbolismo contido nas imagens, estas feridas sociais do complexo cultural nas mulheres negras enquanto herança atávica, parte deste processo de (re)posicionamento, se dá na tentativa de equiparar os lugares [desde sempre] negados em terras americanas, às mulheres negras. Embora terrivelmente fugaz o desequilíbrio causado por estas estruturas, a psique oferece recursos, para se equiparar o sujeito, o que Jung (2012) explicita:

Em situação normal, a compensação é inconsciente, isto é, atua de forma inconsciente reguladora sobre a atividade consciente. Na neurose, o inconsciente está em contraste tão forte com a consciência que a compreensão fica prejudicada. Por isto, a terapia analítica procura uma conscientização dos conteúdos inconscientes para reestabelecer a compensação. (JUNG, 2012, OC 6, p. 556, § 775).

A homeostase psíquica [esta compensação com caráter teleológico de equilibração] permite, à luz da consciência, que o sujeito se questione acerca dos conteúdos vivenciados por ele, que se perceba ocupando posições que em essência não lhe pertencem e, uma vez conscientes destes fenômenos, se faz possíveis repensar novos panoramas sociais.

Conforme ilustra Djamila Ribeiro, Mestre em filosofia Política, colunista de revistas de peso tal qual a *Carta Capital*, coordenadora da coleção Femininos Plurais da editora Letramento, em uma escrita contextualizada em sua própria experiência de vida e de inúmeras outras vidas negras, traz fragmentos de sua história na obra *Quem tem Medo do Feminismo Negro* (2018), onde filha de negros militantes, com pai comunista que, consciente do lugar de esforço e resistência de uma vida de lutas, visou adotar escolhas que vieram a possibilitar oportunidades sociais negadas a filha. A autora traz inúmeras passagens neste teor como a seguinte “Ser a CDF evitou que eu fosse xingada algumas vezes, mas nunca me protegeu de verdade. Descobri que poderia fazer com que os outros alunos, que até então só riam de mim,

precisassem de mim. Ajudava-os a estudar, fazia a lição por eles, passava cola” (RIBEIRO, 2018, p 13).

E deste lugar, onde obrigada a adaptar-se e, não raras vezes subjugando-se, para encaixar-se neste lugar demarcado culturalmente [como inato aos corpos negros] de preta útil, com receio da exclusão e de necessidade constante em se superar e, superar aos demais colegas, pelo simples fato de ser negra e estudar em colégio onde só havia brancos. Pensar através da perspectiva psicológica esta narrativa endereçada ao ego em formação de crianças negras é tão atual quanto cruel.

A pressão para este ego e a probabilidade enorme de se identificar com esta *persona*, em fuga de sua essência como proteção para ser aceita é de veras relevante. Jung (2012) esclarece sobre a identificação com a *persona*. “A identidade com a *persona* determina automaticamente uma identidade inconsciente com a alma, pois quando o sujeito, o eu, é indistinto da *persona*, não tem relação consciente com os processos do inconsciente. Ele é esses processos, é idêntico a isso[...]” (JUNG, 2012, OC6, p.547, §761). Torna-se mesmo justificável, quando se nota a dificuldade de aceitação de sua autoimagem, ou a necessidade de retorno a sua essência negra após determinado percurso de vida. As sombras de uma *persona* forjada à força são potentes demais para ser encaradas sem deixar sequelas.

Em uma análise etnográfica e etnopsicológica, com vistas em fixar de uma maneira quase tangível tal conteúdo em dimensões psíquicas e reforçar o movimento diásporo não apenas físico, mas também psicológico a que sofremos, recorro aos exemplos reforçados cotidianamente. A começar pelos padrões implícitos criados no inconsciente feminino tido como referências de beleza, os Europeus. Ao ouvir na aula de história, a infância toda, sobre a África como um lugar de misérias, fome, pestes, de um povo primevo, animalizado, onde as mulheres eram amordaçadas, contidas, estupradas, como objetos de quem as possuíssem que seus cabelos são ruins e não crespos, que suas feições são semelhantes à de animais; tais quais macacos; que suas curvas são excessivas; tais quais ancas de animais bons em parir... E tantas outras atrocidades e assédios.

À mulher preta é vetado o direito a ser mulher! A pertencer-se! E mais agressivo silenciador e aniquilador de potencialidades que este discurso, é viver como se ele não acontecesse. Abaixo em outra iconografia, se pode perceber, desta vez endereçada à infância, o legado deste processo de aculturação sofrido ao povo negro e seus descendentes.



Figura 5 - Negrinha. Cartão-postal da década de 1900. Fonte: SCHUMAHER e BRAZIL, 2007. p. 230

As crianças da imagem acima lidam com os alimentos, mas a estas não foi oferecido a possibilidade lúdica de brincar/nutrir-se, em produzir alimentos, era oferecido apenas o dever de contribuir economicamente, cumprir papéis sociais em suas famílias, para que não lhes falta-se o mínimo em nutrição física. São crianças a serviço de um sistema que nunca as viu como uma. Em que, o fator primário determinante para delegar tal lugar e não o de usufruir de sua infância, foi sua cor de pele!

E de que estas meninas eram nutridas emocionalmente? Quantos sonhos não foram ceifados junto às inúmeras foçadas em longos dias de jornada laboral? Quantas dores estes pés descalços não sentiram estrada a fora da vida?

Nogueira (2020) aponta para a perspectiva simbólica desta captura, a que ele chama de mente, mas neste sentido empregado, vai ao encontro do que Jung compreende como energia psíquica para a psicologia analítica.

Somente uma mente roubada de suas disposições naturais (um fenômeno comum em nossa sociedade) busca ativamente a perda da consciência, a ignorância, ou a morte mental. Akbar¹⁵ alerta que algumas questões devem ser levantadas sobre o que acontece com a mente de crianças afro-americanas, entre o tempo do seu entusiasmo inicial e a suposta apatia nas primeiras séries escolares. Parece que alguma força destrutiva poderosa tem alterado a curiosidade intelectual natural que caracteriza a mente humana nos meses anteriores ao escolar (NOGUEIRA, 2020, p. 112).

Sobre esta captura/cisão com sua base ancestral mítica, acrescida dos fatores sociais americanos enquanto reforçadores externos diários dá-se vazão a um processo de apatia, ou morte simbólica desta curiosidade e movimentos inatos do desenvolvimento humano, tal qual árvores sem raízes, os descendentes dos escravizados em território americanos são os bastardos de ninguém! Que menina negra ou mulata, pode olhar para tais conceitos e querer

¹⁵Material encontrado em: AKBAR, N. Akbar papers in African psychology. Tallahassee: MindProductions& Associates, 2004.p. 278.

se identificar com estas mulheres? Estas meninas que em seus primeiros processos de individuação já os tem negado, capturados por uma estrutura, pagam assim por uma conta que não é delas!

Quão real e tangível ante as gerações futuras, é a luta de tantas mulheres que se rasgaram, simbólica e muitas, mas muitas vezes mesmo..., fisicamente para que hoje as meninas negras e os frutos das miscigenações [mulatas e morenas] pudessem ter acesso ao seu direito de pertencer-se, por vezes, bem antes (em conotação cronológica) que suas ancestrais puderam sequer se notar, enquanto indivíduos.

Estes olhos fixos na câmera sem que, no momento vivido, pudessem ter dimensão de quanta história eles representavam, não podem ser esquecidos! Estes pés descalços merecem ser honrados! A luta do feminismo negro e dos processos de individuação das mulheres negras nesta sociedade racista, misógina e sexista é em nome deles e de tantos outros e, para que mais meninas negras, que vale ressaltar [ainda são minorias nos lugares de reconhecimento e possibilidades sociais] possam ter o direito de serem crianças, de serem vistas!

Precisa-se quanto antes possível, conscientizá-las de tais processos, para então correr contra seu próprio tempo e, poder (re)construir-se, para além dos conceitos que até então, naturalizados, acreditava serem seus sobre sua autoimagem. E após isto estar disposta, ainda que nos meandros de uma estrutura adoecida e adoecedora, a construir suas verdades e tornar-se então, honrosamente negra! A militância sobre a conscientização das raízes atávicas negras e seus atravessamentos no processo de individuação das mulheres amefricanas é por equidade!

2. 2. Duas faces de uma mesma moeda:

Perceber o sujeito humano pela perspectiva da psicologia analítica, como dotado de instâncias inconscientes e conscientes, que dialogam constante e ininterruptamente. Requer alocar esta perspectiva nas questões de gênero, raça e classe, subentende-se que a atuação destes conteúdos simbólicos é diretamente associada e presente no biológico, no fenótipo, no corpo [enquanto receptáculo da consciência], logo pensar sobre as mulheres negras no contexto do Brasil, necessita-se amplificar os horizontes nas duas direções opostas, das

potencialidades reprimidas bem como a das atrocidades sofridas e os mecanismos desenvolvidos para lidar com elas.

Levar em consideração todo arcabouço do complexo cultural atribuído desde os períodos de colonização, como por exemplo, o fato de terem sido vistas semelhante a um animal; com finalidade de procriação, com o estigma de subserviência inata, sobre outro prisma [a observar o contexto no período vivenciado] suscitam alguns questionamentos tais quais:

Teria tal mulher mencionada, uma relação sadia com os filhos dos seus “senhores”, ao qual esta servia como ama de leite, tendo possivelmente para tal finalidade, — em larga escala—seus próprios filhos arrancados dos braços para acolher tais “senhorezinhas”?

Teria os descendentes de mulheres escravizadas, relações afetuosas com o princípio paterno tendo a possibilidade em ter sido privado de direcionamento de afeto em contato intrauterino, quando este sendo fruto de uma gestação, por vezes induzida sem o consentimento, bem como sem desejo da genitora e quiçá tendo sido fruto de um estupro “legalizado”?

Teria uma mulher negra da contemporaneidade atuante em espaços sociais profissionalmente, tendo todas as sobrecargas apenas acrescidas as dinâmicas familiares, com tamanha lacuna deixada a nível inconsciente em caráter de afetividade, uma relação instintivamente saudável com a maternagem? Moraes esclarece acerca da influência destas memórias da gestação, no desenvolvimento, bem como no decorrer da vida do indivíduo.

A grande força de influência inconsciente que os pais têm sobre a criança diminui gradativamente à medida que esta cresce. Em proporção estimativa, não estatística, eu diria que a influência dos pais na fase do útero materno é de 90%, restringindo-se gradativamente a 75% até cinco anos de idade, a 65% dos cinco aos dez anos, e a 50% na adolescência, sendo que após essa idade o jovem a censura e se defende dessa influência conscientemente (MORAES, 2008, p.96).

Guardando as devidas proporções de singularidade, as incógnitas aqui apresentadas cabem em uma extensa gama de descendentes de amefricanos. Onde salientar tal discurso, sem questionar as bases teleológicas é servir de munição a serviço do racismo estrutural. Conforme salienta Davis (2016) é um dos pilares da ideologia do racismo sustentar tal discurso de naturalidade ante a tais situações (DAVIS, 2016, p.102).

É válido ressaltar quanto à menção feita por Morais (2007) sobre a possibilidade de, após certa vivência etária o indivíduo ter meios conscientes de se defender psiquicamente dos conteúdos gerados intrauterinos. O que pela perspectiva Junguiana, conforme se elucida acerca da atuação autônoma dos complexos, seu conteúdo manifesto nem sempre— ou quase

nunca — é possível tal defesa. Exceto pela capacidade de lidar com eles despotencializados à luz da consciência.

Questionar tais heranças atávicas ancestrais do sujeito descendente de etnias escravizadas, nos corpos negros do contemporâneo é imprescindível, pois a chave para novas possibilidades de experimentar a vida para além de apenas existir está bem fechada no acesso aos mitos, através do inconsciente coletivo, conforme acrescentam Dias e Gambini (1999): “Essas imagens, os mitos, o imaginário enfim, ficam tão fortes que criam comportamentos e geram mudanças” (DIAS e GAMBINI, 1999, p.142).

Conscientizar-se seria o primeiro passo para uma efetiva mudança, haja vista que conforme discorre Gambini (1999) em seus estudos sobre os mitos; segundo ele, o poder do mito enquanto símbolo, leva consigo a força de seu conteúdo, enquanto imagens arquetípicas tende a inundar o inconsciente do povo brasileiro; latentes no inconsciente coletivo (GAMBINI, 1999).

O contemporâneo atualiza os traumas, estes são reforçados mediante as estruturas dominantes de cada época, a níveis inconscientes e conscientes, conforme descrito anteriormente na teoria dos complexos. Logo, todo brasileiro, localizado na perspectiva de indivíduo contemporâneo, uma vez consciente desta realidade é convidado a posicionar-se frente a tais aspectos.

Como outra face desta memória simbólica e enquanto legado transgeracional o que Davis (2017) transformou em uma obra intitulada de *Legado da Escravatura*. Traz que, para além de todos os assédios sofridos no período da escravização as mulheres negras resistiram cuidando de suas famílias, militando contra a escravização, ensinando à cerca da valoração do trabalho e de perseverança..., que não se renderam aos açoites. Não permitindo serem dominadas! Onde as características encontradas hoje em grande escala nas mulheres negras não é fruto apenas de evolução biológica e sim de auto resiliência, produto da construção histórica que atravessa a caminhada das mulheres negras (DAVIS, 2017, p.2-3).

Uma construção simbólica, com atuação mítica, que se aproxima da capacidade de resiliência e perpetuação da cultura africana, no imaginário brasileiro é a figura da Bá ou Mãe preta, conforme enfatiza Gonzalez (2020):

Apesar da situação de extrema inferiorização, a mulher negra exerceu um importante papel no âmbito da estrutura familiar ao unir a comunidade negra para resistir aos efeitos do capitalismo e aos valores de uma cultura ocidental burguesa. Como mãe (real ou simbólica), ela foi uma grande geradora na perpetuação dos valores culturais afro-brasileiros e em sua transmissão para a próxima geração (GONZALEZ, 2020, p. 146).

Esta referida capacidade de resiliência também é produto da construção histórico-simbólica na psique de descendentes de povos escravizados, no tocante de construção arquetípica. Deste modo, o conteúdo de ambos os aspectos compõe aos sujeitos negros. Ser mulher negra em uma sociedade atravessada pelo racismo estrutural é ocupar, um corpo pré-determinado com conteúdos que, se por um lado não favoreçam ao autoconhecimento, induzem ao não pertencimento e estão passíveis a receber em doses diárias os mesmos reforços do meio. Por outro lado, é a própria história de resistência tecida em cada traço. Gana e resiliência são partes do seu ser no [e com o] mundo.

Deste modo, o propósito desta narrativa sobre a relevância da singularidade no processo de individuação de corpos bombardeados por conteúdos que o tentam afastar de si, são vistos a reverberar por toda parte, conforme aponta Murray Stein (2020) analista e ex-presidente da Escola Internacional de Psicologia Analítica em Zurique, ao frisar de modo muito relevante, quanto ao princípio norteador que está por detrás dos corpos, dos processos, posto que não sejam apenas aspectos genéticos, ou meros sujeitos biológicos, o que se tem neste lugar ocupando tais corpos são pessoas. E é isso que não se pode perder de vista! (STEIN, 2020, p. 19).

Fragmentar esta colocação é reduzir as possibilidades humanas e todos os esforços implicados em infinitos corpos pretos representados neste lugar até hoje em fim do século XXI. Resistência e autoconhecimento são palavras de ordem e, que também não devem se dissociar, para qualquer mulher preta que se movimenta em prol de se conhecer para poder ser ela mesma sem se perder pelo caminho!

Em mais uma expressão de resistência africana, por vezes como ferramenta forjada ante as faltas e escassez de um sistema, ou ainda como recurso de conexão ou sacralidade, a práticas de origem africanas como cultos aos orixás, jogos como capoeira e jongo dentre tantos outros feitos, como o hibridismo do benzimento com ervas, assumem lugar e mesmo mediante a tantos atos como potentes silenciadores diásporos, sem respaldo legal ou aparato e reconhecimento das potências da cultura africana, resistem!

A referida falta de conhecimento da base cultural— híbrida —brasileira se propaga inclusive por vezes nos próprios adeptos das referidas práticas citadas acima, conforme elucidada Boechat (2014) acerca da influência do acervo cultural atávico do Africano “Enquanto conteúdo do inconsciente cultural do brasileiro, sua presença atua sobre nossas atitudes, sonhos, projetos, ainda que não se tenha domínio consciente dela”. (BOECHAT, 2014, p.11).

Ainda assim as práticas das benzedouras, parteiras, rezadeiras, o culto aos orixás hoje encontrados em todo território do Brasil, são práticas, por vezes adaptadas; diria reformulada,

que sobreviveram ao ser passadas enquanto legados por gerações, dos antepassados negros de tantas mulheres por este Brasil, embora algumas práticas tal qual do benzimento, venham a ser um hibridismo entre o catolicismo popular e a tradição africana, assim como o sincretismo nas imagens dos Orixás africanos adaptados aos santos do catolicismo, por características análogas. São práticas reproduzidas por vezes, na automatização inconsciente.

Como bem trazem em *Mulheres Negras do Brasil* a cerca das referidas práxis exercidas por mulheres no cotidiano brasileiro, Schumacher e Brazil (2007) “Donas de escolhas marcadas por coragem e solidariedade, essas milhares de mulheres anônimas consideram que partejar, curar ou benzer não tem dia nem hora marcados. Para elas, não há tempo bom ou ruim, chuva ou vento, escuro ou claro” (BRAZIL, 2007, p.184).

É imprescindível destacar que em sua maioria, tais ofícios, fervorosamente vivenciados por estas mulheres, ao atender uma demanda de trabalho de parto em caráter humanizado, por vezes a quilômetros de distância de sua residência, ou ao atender por longas horas, filas que se formam, com pessoas em busca de unguentos ou rezas; tal mulher, mesmo após anos de lutas por regulamentações como profissão, em raras exceções, tem tais práticas reconhecidas como ofício; logo não são remuneradas por eles, onde para sua sobrevivência e custeio das demandas físicas precisa-se desempenhar paralelamente um trabalho físico que lhes proporcione renda. Sendo o primeiro o que as proporciona vivência de sua espiritualidade e conexão com o universo.

Embora não haja meios que lhe assegure que um sujeito esteja em seu processo de individuação, tais mulheres denotam estar à serviço de uma conexão com o universo que não coaduna com os princípios do patriarcalismo. Nogueira (2020) atribui o conceito de religiosidade e filosofia africana a comunhão comunitária. Em que o próprio termo religião foi aderido para os povos africanos após a colonização europeia. Até então, o princípio de espiritualidade conexão era fazer o que se acreditaria ser o melhor para a comunidade. (NOGUEIRA, 2020, p. 85). E o fato de, por vezes, não possuírem recursos para compreender conscientemente tais processos; não às impede de estar em consonância com eles.

E tais quais inúmeras expoentes ancestrais negras que o tempo e a tentativa de silenciamento falharam. Seguir trilhando o caminho de resistência e autoria de sua própria história. Ilustrarei este legado com a representatividade de duas mulheres que são exemplos da citada postura, em duas frentes distintas, com as ferramentas disponíveis às suas singularidades e habilidades, ou descobertas de talentos inatos..., porém ambas a serviço de sua práxis para o mundo e, simultaneamente em retorno e honra à suas raízes ancestrais.



Figura 6 - Carolina Maria de Jesus (1914 -1977) Escritora, congratulada a prêmio honores publicou seu primeiro livro, quarto de despejo, um *best seler*. Fonte: (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007.p. 457).



Figura 7 - Mãe maga, Margarida Maria da Silva foi durante décadas parteira da comunidade quilombola da Conceição das Crioulas, Pernambuco. Coleção particular Givânia Maria da Silva. Fonte: (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007. P 182)

Ao notar tais exemplos, se faz acreditar ser exatamente este o lugar da sororidade¹⁶ negra. Onde se apropriar dos aspectos do que te compõe enquanto herança cultural, passa pelo lugar, que por vezes permite o acesso a uma potência maior que o próprio discurso, a potência encontrada e contemplada do lugar da vivência.

¹⁶União de mulheres que compartilham os mesmos ideais e propósitos, normalmente de teor feminista, sendo caracterizada pelo apoio mútuo evidenciado entre essas mulheres. (HOUAISS 2009)

Notar-se etnopsicóloga e etnóloga neste processo, permite que se sinta validada pelo cunho da apropriação de causa, quanto pelo da força atribuída aos longos percursos de deserto ancestrais. E estes longos, fazem menção a passos que nem se conheceu, mas que se pode (re)conhecê-los nas narrativas da contemporaneidade. E que sem estes não se poderia estar aqui hoje. A história do nosso povo é uma história de força e resistência e não há capitalismo capaz de aniquilar este fato.

A respeito do simbolismo das máscaras, que tantas vezes, enquanto atributos físicos, as máscaras de ferro, foram impostas aos negros escravizados como na imagem trazidas acima neste capítulo, enquanto instrumentos de silenciamento e, quanto deste silenciamento ainda é endereçado aos corpos negros que resistem à estas máscaras em cada nova ressignificação e resiliência. Conceição Evaristo em uma entrevista à Carta Capital em 2017 faz uma colocação muito potente, a que Djamila Ribeiro transcreve na obra *Quem Tem Medo do Feminismo Negro* (2018) “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. Penso nos feminismos negros como sendo esse estilhaçar, romper, desestabilizar, falar pelos orifícios da máscara” (RIBEIRO, 2018, p. 19).

Grada Kilomba (2019) aprofunda ainda mais tal reflexão, ao associar o simbolismo da máscara, na relação eu – outro entre negros e brancos, que sobre a tutela das máscaras define quem, quando e o que pode ser dito.¹⁷

[...] Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos/as escravizados/as comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura. Nesse sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) “Outros(as)”: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (tradução nossa).

Frente a este simbolismo das máscaras, se faz necessário compreender que a ressonância de aprisionamento da alteridade negra ressoa e, assim ainda o permanecerá, no fazer-se negra em uma sociedade estruturalmente racista! Exige confronto, ir de encontro como grande parte das naturalizações que, chegam com características de normalidade e, ao menor sinal de resistência: Máscaras nestas vozes! Sejam elas de ferro ou de sangue seus e, de

¹⁷“The Mask”, em: *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*, 2019, p. 2.”

quantos familiares e frutos dos seus afetos forem necessários para que ocorra o silenciamento! Tornar-se negra é dar-se voz em cada simbólico orifício de possibilidade! Até que em algum momento desta caminhada possa-se ver bocas negras a falar sem as máscaras! Este é o tecer do caminho do feminismo negro na contemporaneidade.

Onde se necessita cuidar para não se perder, se faz relevante ressaltar este ponto de vista, posto que quem fale, nem sempre fale em seu próprio nome. Por não raras vezes, os complexos, conforme já salientado acima, fala por nós. Toma-nos de assalto em toda sua potência e autonomia. E não apenas nos movimentos feministas como em qualquer outro movimento de massa, estar em frente de ação, representar e ser representada, exige comprometimento com a alteridade e anterior a tudo, consciência de si.

Uma linha tênue é traçada quando se refere à militância. Na delicadeza de reconhecer-se, anterior ao desejo de querer representar algo ou alguém, mas além de conhecimento de o que se defende necessita-se conhecer os nuances que atravessam as relações e, para além de conhecer enquanto observador, se (re)conhecer ou ao menos levantar a hipótese de quais princípios ou diretrizes, assim como motivações internas poderiam ter levado a tal.

Não se eximir do fato de que todos têm em si a capacidade de ser algozes tanto quando de ser passivo ao agressor. Jung (2015) nos convida a lembrar deste dualismo o tempo todo. E em inúmeros lugares de sua obra encontramos passagens neste teor, mas uma vem ao encontro do que é exposto aqui. Em sua obra, *Sobre os sentimentos e a sombra*, ao mencionar esta díade inata no ser humano ele destaca que “Há uma coincidência de opostos, uma união ou unidade dos opostos. Esta então se cinde em dois através de um ato da, por assim dizer, decisão ética” (JUNG 2015. p. 52) bem claro se faz após esta colocação de Jung que, em cada escolha a se tomar, para que se possa estar de fato em seu nome ao falar pelos orifícios de sua máscara, sejam elas pessoais ou coletivas, não passa pela questão da identificação com um lado da situação [vítima / agressor], porque ambas lhe compõem, mas sim, diretamente pela questão do reconhecimento de suas duplas capacidades de atuação e decisivamente pela sua postura ética. Deste modo, cabe a cada feminista, em especial das feministas negras, se questionar: O que tem falado através de mim?

Uma vez reconhecida esta ordem imperativa e seu lugar singular neste mosaico, pode-se então ir ao encontro das massas, conectar saberes, tecer novas tramas. Em intersecções sócio/culturais, construir pontes ao disseminar narrativas de outras autoras negras, potencializar serviços sociais autônomos de outras negras(as), apresentar há quem não teria acessibilidade, as apropriações culturais negras dentre outras tantas abordagens na práxis

cotidiana e, com isso gradativamente ver despotencializar estruturas que tem por princípio naturalizar muros. Assim sendo, em passos lentos, mas à frente, vai sendo ressignificado as estruturas sociais negras futuras. E isto é parte das escolhas éticas, para além de... Berth (2019), conjectura deste olhar e traz considerações a cerca da necessidade do viés ético e do amor, para uma genuína militância que transcenda os benéficos próprios:

Sem uma ética do amor moldando a direção de nossa visão política e nossas aspirações radicais, muitas vezes somos seduzidas/os, de uma maneira ou de outra, para dentro de sistemas de dominação: imperialismo, sexismo, racismo, classismo. Sempre me intrigou que mulheres e homens que passam uma vida trabalhando para resistir e se opor a uma forma de dominação possam apoiar sistematicamente outras. Fiquei intrigada com poderosos líderes negros visionários que podem falar e agir apaixonadamente em resistência à dominação racial e aceitar e abraçar a dominação sexista das mulheres; com feministas brancas que trabalham diariamente para erradicar o sexismo, mas que têm grandes pontos cegos quando se trata de reconhecer e resistir ao racismo e à dominação por parte da supremacia branca do planeta. Examinando criticamente esses pontos cegos, concluo que muitas/os de nós estão motivadas/os a mover-se contra a dominação unicamente quando sentimos nossos interesses próprios diretamente ameaçados. Muitas vezes, então, o anseio não é para uma transformação coletiva de sociedade, para um fim da política de dominações; mas simplesmente para o fim do que sentimos que nos machuca. É por isso que precisamos desesperadamente de uma ética do amor para intervir em nosso desejo autocentrado por mudança (BERTH, 2019, p. 65).

O que Berth denuncia acima, é que as dissociações entre militâncias e postura singular que se configuram pela falta da consolidação ética com seus princípios singulares voltados a unicidade coletiva. Em que as políticas de benefícios isentam questionar-se. Isto incluindo o filho da diarista que caiu do último andar do prédio dos patrões, ao procurar pela mãe, enquanto esta trabalhava. Do mesmo modo, diz sobre a auxiliar de serviços domésticos de sessenta anos, que tem as leis trabalhistas violadas enquanto esfrega o chão da sua cozinha com reumáticos joelhos sedentos por descanso. Dentre inúmeros outros exemplos de abandono emocional e subsistência negra cotidiana.

O fazer ético é o que pauta com verdade qualquer bandeira social erguida, pois se assim não for, não há sentido real qualquer discurso de raça, classe, ou gênero, pois a principal condição, que como base, não se deve perder de vista, é a condição de sujeitos humanos ao qual se foi/é negada as pessoas negras, uma vez que estas ainda necessitam convencer uma sociedade que suas vidas também importam!

Imprescindível se torna o fato de não se perder de vista a ideia do micro em consonância com o macro. Ao se guardar as devidas dimensões históricas e seus atravessamentos singulares, mas sobretudo, compreender que os movimentos externalizados necessitam estar consolidados internamente. Neste viés, a consonância consigo é primazia

para fortificar as bases militantes sócio/políticas, pois se compreende que um coletivo social se faz de indivíduos e que; ao se hastear uma bandeira são infinitas vidas sendo erguidas junto dela.

Deste modo, pode-se compreender que habitar o lugar de honra ancestral em sua práxis cotidiana é tecer os retalhos dúbios das heranças atávicas, dia após outro, em constância tal que lhe propicie construir uma colcha com as raízes de sua ancestralidade, sem se furtar dos grilhões que ainda lhe aprisionam em tantos aspectos, mas ainda assim, vez ou outra, permita-se distanciar da produção ao ponto de observar seu mosaico e, indagar: Quais retalhos tem sido tecidos em minha trajetória singular, por e através de mim? Porque serão estas colchas a aquecer as próximas gerações!

CAPÍTULO 3 - EMPODERAMENTO FEMININO

3.1 Compreender os nuances sociais e singulares que atravessam o conceito de empoderar-se.

As origens do termo empoderamento como se verá a seguir deriva das ideologias instituídas por Paulo Freire, vale dizer, porém, que diversas literaturas apontam o educador brasileiro premiado mundialmente e mais vezes citado no exterior, como um dos precursores da análise aplicada à realidade de grupos oprimidos, quando pensou na década de 1960 sobre a Teoria da Conscientização, a qual inspirou a Teoria do Empoderamento.

Contudo, Freire (1986) não acreditava ser necessário dar ferramentas para que grupos oprimidos se empoderam; em vez disso, afirmava que os próprios grupos minorados deveriam empoderar a si próprios, processo esse que se inicia com a consciência crítica da realidade aliada a uma prática transformadora. Sendo assim, ele refuta o paternalismo, que chama de forma dócil de subjugação. Em sua análise, Freire (1986) afirma que a consciência crítica “é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica” (FREIRE, 1986, p. 105-106).

Berth (2019) salienta para as possíveis manobras político-acadêmicas, na intenção de capturar e subverter na prática o conceito de empoderamento, mesmo este já sendo utilizado historicamente por mulheres negras, inclusive aquelas ações não literárias consideradas empíricas e implícitas, a que ela frisa “[...] Essa seria justamente a contradição que Paulo Freire pretendia evitar, isto é, a retomada da exclusão com a hierarquização revisitada, tendo como base o discurso e o conhecimento concentrado como poder que é capaz de manipular pela propagação da história única”(BERTH, 2019, p.62).

Deste modo empoderar, dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História. Esse entendimento é um dos escudos mais eficientes no combate à banalização e ao esvaziamento de toda a teoria construída e de sua aplicação como instrumento de transformação social. Nesse sentido, Berth (2019) cita a intelectual indiana Batliwala, em *Conceituando ‘empoderamento’ na perspectiva feminista*, de Cecília M. B. Sardenberg:

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas,

que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos (BERTH, 2019, p. 19).

Deste modo, empoderar-se é uma conquista de conscientização dos mecanismos de dominação e segregação do sistema e conseqüentemente um reposicionamento, de insurgência social, contra um sistema que vem, em funcionamento secular, focalizado em uma mesma direção. Contudo, esta perspectiva foi cooptada de maneira a banalizar ou superficializar o termo e, ao segregar de seu ideal político em detrimento de experiências expressivas de caráter individual, conforme esclarece Berth (2019) “Essa visão superficial, que se descola daquela proposta pelas feministas do Sul Global, levou a desentendimentos, ou melhor, ao entendimento de que empoderamento feminino é a superação individual de certas opressões, mas sem romper de fato com as estruturas opressoras” (BERTH, 2019, p. 35).

O que se pode compreender como uma manobra política a serviço, mais uma vez, de alienar e subverter movimentos que exigem reformas sociais. Novas maneiras de existir, para além das até então conhecidas. Dentre as narrativas de gênero, raça e classe imbuídas nesta perspectiva do empoderamento, a mulher negra americana novamente tem adicional de desvantagens, posto que ela esteja inserida, em larga escala, nos três polos segregadores. E, uma vez consciente deste lugar, se faz necessário refletir a cerca dos recursos disponíveis para se transmutar da condição de vitimismo, em recursos comuns para movimentar esforços ressignificantes socialmente.

Berth (2019) na obra *Empoderamento*, traz uma colocação feita em *Refusingtobe a victim*, por Bell Hooks, onde está fala da importância de estratégias, pensando a necessidade de contrapor identidade vitimada, ao que chama de resistência militante, conceito este que pode observar através de experiências em sua trajetória, como a narrada abaixo:

Vinda de comunidades feministas no sul segregacionista, eu nunca tinha escutado das mulheres negras sua vitimização. Enfrentando a dureza, a destruição causada por falta e privação econômica, a injustiça cruel do apartheid racial, eu vivia em um mundo em que as mulheres ganhavam força no compartilhamento de saber e recursos, e não porque se juntavam na base de serem vítimas. A despeito da incrível dor de viver no apartheid racial, as pessoas negras sulistas não falavam sobre nós mesmas como vítimas mesmo quando nós éramos humilhadas. Nós nos identificávamos mais pela experiência da resistência e triunfo do que pela natureza de nossa vitimização. Era um fato que a vida era dura, que havia sofrimento. Era pelo enfrentamento desse sofrimento com graça e dignidade que uma pessoa

experienciava transformação. Durante a luta pelos direitos civis, quando nos demos as mãos para cantar “nós vamos superar”, nós estávamos empoderadas e empoderados por uma visão de preenchimento, de vitória (BERTH, 2019, p.63, *apud HOOKS*)

A personificação e glamourização em que a grande mídia transformou a expressão empoderar-se, nebulou a grandiosidade de seu simbolismo. Ao que se refere a corpos negros, em especial, femininos negros, nota-se, conforme supracitado acima, as constantes e transgeracionais aniquilações a que foram submetidos. E, ressignificar tal raiz atávica se dará em processos, vagarosos, mas sempre eficazes!

O que massificamente ocorreu e permanece pairando as relações inter-raciais — ainda que de modo implícito em algumas esferas — foi a associação do fenótipo negro a tudo que não tem boa procedência ou indigno de relevância, tornar-se negro é renunciara este discurso naturalizado de embranquecimento onde o aceitável e esteticamente belo é sempre oposto aos que pertencem ao negro. Conforme traz Lélia, nesta passagem associado diretamente à perspectiva de gênero (2020).

Acontece que a mucama “permitida”, a empregada doméstica, só faz cutucar a culpabilidade branca porque ela continua sendo mucama com todas as *letras*. Por isso ela é violenta e concretamente reprimida. Os exemplos não faltam nesse sentido; se a gente articular divisão racial e sexual de trabalho fica até simples. Por que será que ela só desempenha atividades que não implicam “lidar com o público”? Ou seja, atividades em que não pode ser *vista*? Por que os anúncios de emprego falam tanto em “boa aparência”? (GONZALEZ, 2020, p. 75).

Esta sombra coletiva foi perpetuada como inata à etnia. Deste modo, as pequenas conquistas alcançadas, como por exemplo, a representatividade comercial dentre tantas outras, precisam ser frisadas, porque validam ao mesmo tempo em que permite (re)construir valores de autoestima e auto apreciação das potências que há em ser negra.

A narrativa da sexualização, atribuída a gênero, é potencializada quando se remete ao corpo negro, e captura (novamente) este corpo, que iludido e sedento por aceitação e pertencimento, se autoflagela nos alisamentos de cabelo, correções estéticas para aparentar-se cada vez mais aos padrões europeus, se negando negro e, por vezes sem ter qualquer experiência [consciente] com conteúdos e elementos da cultura africana. E, a priori, não há interesse em tê-lo, porque o complexo cultural que atua sob um sujeito negro em território outrora escravizado, é de instintivamente afastar-se do que é inábil e não aceito! Então, para caber, para ser visto, precisa se embranquecer. E a degradante entoada, que se refere ao ser visto, atravessa necessariamente há diminuição cognitiva e toda sorte de desrespeito que acompanham os processos de aniquilação. Conforme González (2020) elucida abaixo:

[...] Retomo, na expressão de Simone de Beauvoir, com relação à mulher, mas aplicando ao negro: não nascemos negros, nos tornamos negros. É uma conquista o tornar-se negro. Joel Rufino já disse que no Brasil não há preto, preto tem que mudar, já negro é outro papo. Vamos perceber, inclusive, que é uma questão de conquista da própria identidade, de retorno, sobretudo no caso dessa minoria da população negra (1%) que consegue chegar à universidade e sofre um processo de perda da identidade. Ou seja, o branqueamento vai se dando de forma tal que, de repente, quando se vê, se virou branco. Passei por isso, eu me recordo, me recordo perfeitamente, eu não gostava de samba. À medida que fui subindo na escala educacional, fui embranquecendo mesmo, não gostava de samba, usava peruca, era metida a lady, coisas tais, até que se leva a porrada na cara — a verdade é esta, não tenho outra expressão — e se acorda diante do mito que a própria pessoa interioriza e pensa que corresponde à realidade do seu povo (GONZÁLEZ, 2020, p. 215-216).

Ao que se pode notar, tornar-se negro(a) está muito além do estigma físico e comercializado do cabelo crespo na moda ou turbantes e estampas africanas nos tecidos. É estar disposto a mergulhar em simultâneo em sua história pessoal e coletiva, ao encontro e resgate da ancestralidade africana. Nossa história— enquanto americanos, que somos—parte de nossa origem!

A perversão reforçada pela ideologia da meritocracia é outra ferida social negra. Não se está a falar de esforços próprios, ou de alguma maneira se está, mas não desta perspectiva de mérito pessoal como sendo o único responsável por consequências de inserção e valorização pessoal/ social, mas da perspectiva degradante e desumanizada onde um cidadão negro, que busque reconhecimento, precisar empregar o dobro, quiçá o triplo de esforços para se alcançar o mesmo reconhecimento que se tem em situação de comparação ou competitividade com um sujeito de outro fenótipo. A militância que atravessa pelo tornar-se negro, passa pela imposição, para que negros tenham iguais oportunidades! É sobre oportunidade e equidade que se milita e, grupos privilegiados, não irão questionar estes lugares!

Não há interesse em questionar um sistema que os privilegia, todavia este sistema não é composto apenas por eles, logo, cabe após notar as sombras e complexos atuantes nestes, desassociar-se delas para poder então lidar com suas construções nas esferas que lhes cabe, simultaneamente conforme esclarece **Kimble (2014 p. 21)** ao reforçar ao olhar de Bion (1961/1983) Kimble (2014) acresce: “Bion aponta para um dos meus pontos essenciais - que os complexos culturais não podem ser entendidos sozinhos no próprio funcionamento psicológico individual. Eles são fenômenos de nível de grupo e é sempre uma expressão de

ambos, e dinâmicos – ou seja, tanto de grupo quanto de indivíduo” (KIMBLES, 2014, *apud* p.12 BION¹⁸ 1961/1983).

O que cabe frisar, frente às afirmações de ambos os autores sobre o fato de não se poder analisar estes fenômenos em caráter singular é, que se em algum momento se conscientiza deste lugar sendo reproduzido na automatização e começa-se um processo psíquico, (interno e externo) em prol de compreender-se e posicionar-se diferente ante a vida, para além dos conteúdos experienciados enquanto realidade social, não se está totalmente sem recursos para lidar com os conteúdos que te compõem, ainda que passível a influência dos complexos culturais. Todavia, nos casos de alienação da consciência, sobre a influência de tais complexos, aí sim se está a mercê destes. Este espaço do grupo, pode mesmo vir a ser um espaço útil ao inconsciente pessoal, mas a motivação a implicar-se nele, deve ser contemplada como uma motivação subjetiva e singular.

E, esta mudança, passa diretamente pelo viés da singularidade, como se houvesse uma força, potência ou algum conteúdo que desconhecemos e/ou não podemos nomear, que atua no para além de... E esta potência não se pode endereçar aos movimentos do grupo.

Etnopsicóloga, imbuída que estou nestes processos individuais e de grupos. Ao observar e dividir experiências junto a indivíduos negros em sociedades construídas por base escravocrata pode-se notar em larga escala o funcionamento endopsíquico polarizado em dois aspectos, ou reativos e desrespeitosos ou subjugados e vitimizados. Até mesmo por parte dos nomes, vistos hoje como grandes expoentes que esta pesquisa contempla, assim como em minha própria vida, experimentaram tal realidade. E, em algum momento necessita-se se recolher, para notar o que lhe cabe e desassociar das respostas, já pré-estabelecidas para que se cumpra e, assim retroalimente este sistema que lhe espera como base e, para tal será necessário entrar em contato com seus conteúdos inconscientes, dentre eles os complexos.

Von Franz (1988) um dos maiores renomes da psicologia analítica traz o viés da atuação dos complexos, quando delegados de maneira abrupta à sombra, atuarem como vampiros drenadores de nossa energia no pólo da consciência, por ser o meio mais eficaz de

¹⁸Material citado por Kimbles, encontrado em Bion, W. R. (1961/1983). *Experiences in groups*. London: TavistockPublications.

I introduce the term phantom by way of responding to “it has some kind of identity arising from the archetypes” and how it is represented in the individual and the group. Phantom is akin to phantasy in that it is the image(s) that gives specific quality and identity to emotional experiences in groups

fazerem notar, uma vez que toda força representa sua reversão ao oposto (FRANZ, 1988, p. 59).

Ao se atribuir este conceito aos processos pessoais, mesmo ao compreender que há fragmentos que correspondem ao indivíduo e outros não —pois estão em uma esfera grupal— a possibilidade de identificação com as personas e lugares que os sujeitos ocupam no grupo e introjetá-los como oriundos de suas experiências pessoais, logo, em nível de inconsciente pessoal, se faz relevante de observação.

Um fator relevante a ser considerado como mecanismos em direção a uma possível cura das feridas da escravidão nos movimentos de grupos, como os feministas, em que há a temática direta do racismo é, a associação e acolhimento dos sentimentos [culturalmente rejeitados no ocidente] como parte dos processos de elaboração do luto cultural sofrido em detrimento da colonização, conforme traz KIMBLES:

Perdas culturais e seus sintomas associados de raiva, vergonha e fúria são exigências por reconhecimento, restituição ou reparação, e são um importante parte do processo de cura do grupo e do indivíduo. Sem esses processos, a ferida causada pela perda se torna um buraco negro melancólico porque o grupo sente uma necessidade insatisfeita, em algum nível, tanto pela ofensa do outro quanto um esforço para reparação interna do grupo. Sem este trabalho, o grupo não consegue seguir em frente (tradução nossa)¹⁹

Com base nesta afirmação se torna mais viável contextualizar a existência de um inconsciente grupal, bem como a necessidade em se acolher os estágios/processos destes. E, tal qual ocorre nos processos de individuação, que passa pela via da integração das sombras para se poder seguir, semelhante movimento se dará nos grupos para que este possa cumprir sua finalidade.

Quanto ao emprego do termo cura, para se remeter a este processo, se pode associar a um jogo constituído por diversas fases, (em que após cada desafio superado depara-se a um novo e mais desafiador) seria uma leitura pertinente, contemplar esta dinâmica, enquanto membro de um grupo negro, uma vez que ter consciência desta dinâmica é um privilégio. É a oportunidade de acolher —e explicar —ao invés de julgar ou discriminar a porta voz deste discurso, como geralmente ocorre, compreender que há nestes discursos de raiva, fúria e

¹⁹ Looking at issues around loss, mourning, and melancholia as a movement toward the internal transformation of identity that allows for a sense of continuity at both the individual and the group level is to move beyond the pathogenic bias. I believe the group makes claims on us to continue the work of transforming; that the dead make claims on the living through the process of dealing with the past. These claims and demands are part of the process of moving from cultural melancholia to cultural mourning. Not through relinquishing the experiences of the past and present that relate to identity and belonging, but through claiming, internalizing, and redeeming. KIMBLES, 2014, p. 87

vergonha a possibilidade de direcionamento de tais afetos e, um caráter teleológico de aprofundamento nos estágios dos grupos e pessoais.

Para frisar o lugar das mulheres, do lugar social de membras de grupos, se faz necessário retroceder aos atravessamentos singulares, como base primal, na psique desta mulher constituída em território patriarcal.

Para isto, Marion Wodiman (2002), analista Junguiana, em atuação clínica com mulheres, desenvolveu diversas obras, em que atrela os complexos maternos mal elaborados e distúrbios alimentares às identificações das mulheres com as ideologias patriarcais. Em sua obra *O Vício da Perfeição: Compreendendo as relações entre distúrbios alimentares e desenvolvimento psíquico*. Ela diz da supervalorização e incentivo ao conceito cristão de pureza, virginal e santificação, como idealização e a automação da aniquilação do polo oposto, sua sombra, atrelado ao não pertencimento no experienciar-se mulher no cotidiano, do silenciamento imposto ao profano, ao visceral e da aniquilação ao sentir o corpo e tudo que cabe a ele. Tesão, suor, prazer, o gozar a vida é repudiado em nome de um ideal de salvação eterno e perfeito. Esta máxima se permite compreender do desejo em relegar à sombra as facetas do feminino em uma conotação de cisão deste (WODMAN, 2002, p. 66-67).

Cujo preço a se pagar é renunciar a conexão com este aspecto do feminino que te compõe e, é negado, logo relegado à sombra na cultura patriarcal e suas influências cristãs, posto que é diretamente vinculado ao visceral, ao desejo, ao erótico, ao corpo físico! E estar conectado a este aspecto é violar o outro polo, congratulado como intangível e idealizado, o sagrado, puro, virginal..., alcançado em caráter eterno [póstumo] ao se desassociar-se, renunciar-se do aspecto [demonizado] que foi atribuído ao corpo feminino.

Deste modo, empoderar mulheres, em especial [por tudo que já foi aqui referido às suas especificidades] mulheres negras em uma cultura com estes pressupostos requer um posicionamento político em prol de democracia e, de fato, reinserção pela possibilidade de genuína reparação histórica através da equidade. Conforme acresce Gonzalez (2020):

Nós somos maioria efetivamente, nós temos que lutar pelos nossos direitos, nós não temos que ficar no gueto, temos que partir para ocupar espaços na sociedade como um todo, não há dúvida. Nós temos as propostas mais democráticas. É da gente que têm que partir essas propostas de democracia, efetivamente. O sistema funciona justamente no sentido de alijar a maioria, basta você ver, por exemplo, o quadro da classe política: é a mesma coisa desde que o Brasil é Brasil. É o cara, daqui a pouco é o filho dele, daqui a pouco é o neto dele, o poder rola praticamente nas mesmas mãos e nós

ficamos de fora, nós que somos o povo — o movimento negro cultural está cansado de mostrar que nós somos o povo, já provou isso tranquilamente pra todo mundo, só não vê quem é cego ou quem quer permanecer cego. O movimento negro, na sua vertente política, tem que pensar isso com muita seriedade. Em primeiro lugar, portanto, a proposta de gueto não tem nada a ver com a gente, embora haja a tentativa de nos guetizar. O sistema tenta nos guetizar, evidentemente, mas nós não podemos aceitar isso, porque ele próprio se coloca para todo mundo como uma coisa aberta, que não existe aqui discriminação racial, que todos são iguais perante a lei. Mas vamos ter que provar isso mesmo, nós vamos brigar para provar que somos todos iguais perante a lei mesmo. A questão da democracia tem muito mais a ver conosco, que somos excluídos, do que com os caras que estão no poder, que não estão a fim, evidentemente (GONZÁLEZ, 2020, p. 307).

Deste modo, empoderar-se de suas competências e habilidades tem como primazia, em outro viés, as desconstruções das raízes atávicas de luta por sobrevivência e subsistência ao que os ancestrais negros foram expostos e, enquanto fenômenos inconscientes e autônomos que são por vezes antecedem as atitudes, pois estão em uma cadeia de esforços externos de retroalimentação social, que precisa ser questionada para ser então rompida. E, ao notar que enquanto instrumento de diáspora, o sistema ininterruptamente movimenta forças para te manter ocupado em (sub) existir, pois ao não lhe permitir-se conscientizar-se de suas potências e por vezes, se quer de sua existência, ele cumpre seu papel, uma vez que idealizar e sonhar são atributos que não cabem em um estômago faminto! Assim sendo o que cabe para de fato se efetive empoderar nestas perspectivas sociais amerifricanas?

3.2 O que cabe às mulheres amefricanas para empoderar-se na práxis?

Explicitadas as colocações a cerca do termo e seu simbolismo, se tem em vista fortalecer os elos com os passos ancestrais de nossa caminhada e, para tal neste capítulo, o trecho do Prefácio de Sueli Carneiro, para a publicação da relíquia que é a obra, *mulheres negras do Brasil* (2007) cumpre perfeitamente este papel:

[...] Vidas jorrando, se perdendo ou se afirmando em períodos históricos sensível, delicada e cuidadosamente recortados, cada qual com suas cores e sombras e a percorrer lhes todo, mulheres negras. São elas nos primeiros séculos do Brasil; são elas abolindo o império; são elas conformando a República das mulheres; são elas rasgando os panos; marcações dos diferentes tempos e contextos em que elas, primeiros escravos, depois libertas, sempre oprimidas ou discriminadas, resistem, combatem, superam a negação preemptória de sua plena humanidade que a raça e o sexo lhes impõem como um atavismo até o presente. Assim a busca arqueológica perfaz a reconstrução do tempo por meio da Iconografia, dos documentos, fotografias, relatos de viagens, disposições arquitetônicas, levantados com esmero trazendo-nos

personagens que saem das sombras e ocupam ruas, moinhos de açúcar, cozinha, senzalas, quilombos.

Livres, as suas saias rodadas, as cores vistosas, os panos da costa, os torsos coloridos começam a esmaecer. Os tons vão se acinzentando como a existência diante da evidência de que a conquista da liberdade e da igualdade pode ser sempre frustrada pela ação implacável do racismo e da discriminação. Mas lá como cá, hoje como ontem a subordinação imposta como destino é subvertida e lá vêm elas: são professoras, escritoras, deputadas, pintoras, doutoras, atletas, maestrinas, compositoras, ativistas, militantes desafiando os persistentes processos de exclusão. [...] reafirma-se uma frase que vimos utilizando com frequência no âmbito do Movimento de Mulheres Negras no Brasil: “Nossos passos vêm de longe” [...]. (BRAZIL, 2007, p. 3).

Não há dúvida que os passos que se sustentam hoje em resistência forçam e coragem, veem de longe. O lugar da mulher na sociedade brasileira, conforme brevemente recortado acima, foi desde os primeiros séculos relegados ao submisso e coadjuvante, esta realidade é bem cunhada em título de gênero por si só, em se tratando de mulheres negras então a luta será sempre desigual! Haja vista a dívida histórica diante de tais mulheres. E como em todo ressarcimento, para o ser feito, o primeiro passo é ter consciência de seu débito. Precisa-se tornar consciente o racismo no Brasil! Falar sobre ele sem ressalvas ou melindres. Lutar por este lugar de indivíduo, para mulher negra é ainda mais laborioso, ante aos inúmeros atravessamentos sistematicamente impostos.

Torna-se inevitável entrar em embate com a diáspora cultural sofrida em diversos setores, tais quais os psicológicos, raciais, estruturais em que se está imerso e, por não raras vezes, ainda inconsciente, ocupa-se lugar de verdades que a constitui como sendo suas! Enquanto mulher negra conscientizar-se dos lugares que ocupa e das potentes ferramentas, que também lhe cabe enquanto herança, ou forjadas na sua caminhada singular, te empodera. Uma vez que possibilita a ressignificação o lugar histórico de vítima social, para realocar-se enquanto sujeito ativo e (co) criador de sua história.

Empoderar mulheres hoje é trabalhar em ressonância na cultura, o que reverbera nas próximas gerações em nível de inconsciente cultural, através de ações e fixações, poder-se-á então criar heranças simbólicas, diria imagéticas, em nível de inconsciente [complexo cultural] uma vez que se propiciam experiências adaptativas em seus processos singulares.

Ao direcionar todos os conteúdos até o momento elucidados. Tal realidade factual leva-nos a refletir sobre a tentativa inconsciente de lidar com a repressão da energia psíquica; imposta às mulheres, em todas as classes e raças, cada qual com suas desapropriações e, mais acentuadas, diria notória; nas mulheres de etnia negras. Devido a todos os atravessamentos que a escravização às expôs para além dos atravessamentos experimentados por mulheres de

outras etnias na localização das Américas, como os atos de embranquecimentos dentre outros narrados acima, acresce Berth (2019):

O limite do fortalecimento da subjetividade de pessoas negras pela estética é a linha divisória que o coloca, de fato, em permanente autonomia diante da rejeição, da ridicularização e de todos os desestímulos que o posicionamento racista da branquitude é capaz de usar como arma de enfraquecimento e alienação para manter o sistema de dominação e opressão histórica de toda a população negra. É, sem sombra de dúvida, um trabalho tão árduo quanto necessário, pois o primeiro contato que temos conosco mesmos se dá pela aparência, e esse é um dos campos de ataque racista mais comumente usadas pela branquitude em seus movimentos quase silenciosos que visam concretizar sua falsa posição de superioridade social. (BERTH, 2019, p.78)

Ao se tratar de um indivíduo no corpo consciente de mulher, conforme explicitado no primeiro capítulo desta pesquisa a cerca do arquétipo da *anima*, há alguns recursos internos para se lançar mão ao seu favor. Conforme traz Emma (2006) em *Animus e Anima*. “A natureza feminina da anima traz consigo a finalidade de tornar conscientes conteúdos até então inconscientes” (JUNG, 2006, p.50).

Relacionar-se de maneira saudável com o animus em favor de seu processo pessoal de individuar-se se torna ainda mais desafiador quando se é uma mulher preta em uma estrutura social com princípios patriarcais e racistas. Haja vista que os conceitos culturais reforçados em sua formação fomentam, por vezes até em posturas e condutas ditas feministas, um lugar de competitividade em que se visa igualar mulheres aos homens, como maneira de refutar [atributo este da ordem do *animus* exacerbado], compensar, as aniquilações sofridas por séculos. Todavia, entrar em contato de maneira salutar com os aspectos e materiais do *animus*, pode favorecer a caminhada das mulheres no processo de empoderamento.

Von Franz (1988) ao analisar o sonho de uma mulher que acabara de se separar e trazia questões a cerca de sua identificação com as personas (exigidas das mulheres em estruturas patriarcais) e paralelamente, sua desidentificação com o princípio do feminino. Esta narra uma cena de haver em uma cidade inóspita o corpo de um homem enforcado, pendurado. Então Von Franz traz uma colocação pertinente “Nessa atmosfera de feminilidade antiquada, todas as forças masculinas positivas da mulher estão suspensas, literalmente suspensas. Estão mortas. Não podem agir” (VON FRANZ, 1988, p. 83).

O que faz-nos associar às estruturas vigentes e o lugar, igualmente inóspito, delegado ao feminino no contemporâneo como um território em que muitas vezes convida a sensação consciente de inadequação do corpo feminino, nos ambientes corporativos esta realidade pode ser largamente detectada, dentre outras esferas da vida cotidiana. E, muitas vezes a apatia e desânimo que abatem esta consciência — com a tendência a ser transfigurada em patologia —

pode estar associada ao enforcamento do *animus*, da capacidade feminina em ir para a vida, de questionar incômodos e movimentarem-se rumo aos seus ideais. Precisa-se afinar a percepção para esta possibilidade e, reanimar este aspecto positivo do animus, o trazendo à vida!

Cabe refletir se o princípio de feminino, bem como dos movimentos sociais feministas tem em vista ocupar este lugar. E reconhecer-se neste lugar, primeiramente enquanto sujeito coletivo imbuído em uma sociedade, uma vez que este conteúdo é disseminado em literaturas e reforços culturais naturalizados como pertencimento inato a toda e qualquer mulher, traz a priori uma representatividade e lugar de pertencimento que, exige ser observado com cautela e em uma relação de autoconhecimento muito intensa ao ponto de notar-se quando violada, por si mesmo ou por outro.

O processo de individuação de uma mulher negra passa em primazia pelo lugar de retrocesso aos lugares subvertidos socialmente, para então tornar-se negra, reconhecer-se, apreender o gostar do que vê, do que se é. Para então poder contemplar suas potências e limitações, tal qual qualquer indivíduo, com a condição adicional de ter de se perceber nos vãos das imposições sociais de embranquecimento. E após esta (des)identificação com a persona para poder trilhar seu caminho singular e conseqüentemente, com os aspectos sociais como os posicionamentos em militância ativista. Gonzalez (2020) aponta abaixo para semelhante percepção:

Você enquanto pessoa tem que buscar crescer, desenvolver-se também. Agora, no movimento negro você não vai crescer se misturar isso. Se misturou, dançou. Você vira um fanático que ninguém aguenta, que ninguém suporta. Acho que isso é fundamental e vai lhe permitir essa reflexão, e ainda lhe permitir não cair na sedução do cooptação. Você desenvolve sua vida dignamente, seu projeto pessoal, e nesse jogo dialético com o movimento você vai ter a capacidade de vislumbrar o que está acontecendo em torno. Se você mergulhar no movimento, você se afoga (GONZALEZ, 2020, p. 312).

Esta fala de González coaduna com a compreensão da perspectiva analítica a respeito do que é na práxis a integração dos conteúdos sombrios e desidentificação com a persona. O que Gonzalez menciona como crescer, na Psicologia Analítica se compreende como a capacidade de conscientização, movimentos singulares e contínuos de autoconhecimento em caráter primário.

Outro aspecto que Gonzalez (2020) claramente se posiciona em comunhão com a proposta deste efetivar-se democraticamente, por si mesmo, o que se poderia chamar de uma ética política, em comunhão com a proposta da Psicologia Analítica, sobre a necessidade de haver equilíbrio entre as polaridades para que haja a integração de tudo que nos compõe.

Gonzalez utilizando-se da própria experiência em frente de militância e da teoria que possui quanto aos processos de inserções e exclusões sociais, percebeu que há um déficit, que se segue de uma frustração, se em primeira instância no cotidiano do sujeito vem os projetos e propostas sociais deixando sua singularidade em segundo plano. Mas que quando se nota que há uma temporalidade determinante para suas ações e que toda e qualquer militância necessita estar em um segundo momento de atuação em seu cotidiano. Pode-se enfim cumprir com o que lhe cabe, ética e socialmente. Que sua comunhão e compreensão do que lhe compõe lhe permite doar-se, sem polarizações (como o que ocorre nos casos de fanatismos) às demandas exteriores e ao mundo (GONZALEZ, 2020, p. 312).

Ao partir desta perspectiva ético/política, a narrativa de Djamila (2018) igualmente contempla a perspectiva trazida aqui, ainda que de outro aspecto, quando esta aponta: “Somos fortes porque o Estado é omissivo, porque precisamos enfrentar uma realidade violenta. Internalizar a guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer. Reconhecer fragilidades, dores e saber pedir ajuda são formas de restituir as humanidades negadas” (RIBEIRO, 2018, p. 20).

É desta perspectiva, ou ao menos partindo deste intencionalismo, que surgem os movimentos feministas negros. E as fragilidades, as dores transgeracionais se juntam para ser ouvidas. E deste lugar, dos até então minorados corpos femininos negros, por tantas vezes empurrados pela vida a ocupar lugares sem a menor condição de escolha, enquanto sujeitos [base] de uma engrenagem em que a parte superior desta não pára a ouvi-los.

No movimento feminista existem ondas (períodos em que se foram repensados aspectos que estavam sendo excluídos e necessitam ser inseridos) e com isto, notam-se alguns movimentos em prol do ideal de representatividade que seja, de fato plural. Holks ergue a bandeira da sororidade como uma bandeira de igualdade para além das fontes de dominação por gênero e classe. Semelhante ao posicionamento defendido por Lélia, Hooks (2018), em sua obra *O Feminismo é para todos* frisa a conexão direta da militância do feminismo ao combate dos privilégios classistas e a dominação subjetiva do sexismo.

Um grande número de mulheres simplesmente abandonou a noção de sororidade. Mulheres individuais que já haviam criticado e desafiado o patriarcado se realinharam com homens sexistas. Mulheres radicais que se sentiram traídas pela feroz competição negativa entre mulheres muitas vezes apenas recuaram. E, nesse ponto, o movimento feminista, que tinha como foco transformar positivamente a vida de todas as mulheres, ficou ainda mais estratificado. A visão de sororidade, que havia sido a palavra de ordem do movimento para várias mulheres, parecia não importar mais (HOOKS, 2018, p. 31).

Mesmo com estas elucidações e consciência dos movimentos dentro das bases da narrativa feminista, Hooks depositava certa esperança em um movimento verdadeiramente plural, que fosse capaz de transpor a captura mercadológica que se instaurava, intencional e subjetivamente, para dissociar o verdadeiro sentido da luta por equidade feminista. E, apontava para a necessidade de intensificar a politização e educação das mulheres para se pensar em outras possibilidades de ser conforme traz na seguinte passagem “Continuamos a produzir o pensamento e práticas antissexista que confirmam a realidade de que mulheres conseguem alcançar a autorrealização e o sucesso sem dominar umas às outras. E temos a sorte de saber, em todos os dias da nossa vida, que a sororidade é uma possibilidade concreta, que a sororidade ainda é poderosa” (HOOKS, 2018, p. 31).

É pouco provável que, alguém possa se tornar algo sem ter consciência dos processos gradativamente envoltos para que se efetivasse uma nova epígrafe, uma nova roupagem — ainda que social a priori — ter consciência dos meandros que lhe atravessam e em alguma instância lhe constituem é um passo imprescindível em direção de si mesmo.

Enquanto a sororidade, mesmo dentro dos movimentos feministas ainda configura-se em um ideal, distante por vezes da realidade concreta, obriga-se a estabelecer ferramentas para militar dentro das especificidades contidas no movimento feminista, pode-se notar que algumas delas são endereçadas apenas aos corpos negros, o que passou a exigir uma nova frente de militância, voltada a estas especificidades, o que não exclui ou se limita apenas a estes corpos, mas a qualquer mulher que se identifique com as pautas levantadas neste contexto e se sinta pertencer a necessidade deste conjunto de singularidades, ao vivenciar aspectos tão semelhantes se cunha o termo *mulherismo*²⁰ enquanto manifestação de pertencimento, de lugar de iguais, socialmente violentado e negado aos corpos femininos negros, culturalmente.

Conforme Schumacher e Brazil (2007) na obra, *Mulheres negras do Brasil*, explicitam que apenas a partir do século XIX é incorporado socialmente, enquanto ferramenta de resistência comum, instituições políticas e culturais, clubes e outras organizações tendo como público-alvo, os negros. Dado início como imprensa negra, em 1833 a fundação no Rio de Janeiro do órgão, *O homem de cor*. A partir dele surgem inúmeros outros jornais por todo Brasil, com causa abolicionista e trazendo pautas de necessidades de inserção social dos

²⁰Na essência, o *mulherismo* é uma perspectiva de mudança social baseada nos problemas cotidianos e experiências das mulheres negras e de outras mulheres demograficamente minoritárias, mas de forma mais ampla procura métodos para erradicar as desigualdades não apenas para as mulheres negras, mas para todas as pessoas. Instituto Geledés.

negros. (SCHUMAHER e BRAZIL 2007, p. 293) E, estas conquistas não foram adquiridas por pessoas em situação de privilégios, com toda certeza, teve muito trabalho negro para que se houvessem estes avanços.

Estes fatos permitem que se note a potência que pede haver no não lugar, conforme traz Djamila (2018) ocupar estes lugares de injustiça, minoração e ter consciência deles é permitir-se forjar ferramentas para lidar com eles, por empatia a tantas outras iguais e/ou por autocuidado, fazer dos muros, pontes, com garra (RIBEIRO, 2018, p.23). Conforme ela mesma fez, dentre inúmeras outras expoentes negras que se encontra na história do nosso país. Percebe-se assim, o que separa o lugar exclusivo de vítima passiva, do lugar de sujeito ativo, é sua escolha ante aos desafios impostos em sua trajetória. E, não é sobre meritocracia ou positividade idealizadora surrealista [e tóxica] que se explicita esta colocação, pelo contrário é sobre gana e potência, para fazer a diferença, para além, das imposições sofridas. Gonzalez (2020) acresce com seu posicionamento bem próximo, quando se remete as especificidades inerentes às feministas negras:

O primeiro passo que a mulher negra dá, em termos de conscientização, tem a ver com a luta contra o racismo, posto que não só ela, mas seus filhos, irmãos, parentes, companheiro, amigos e conhecidos dele são vítimas. Depois é que ela saca o lance do sexismo. Sua participação nos movimentos negros foi e tem sido cada vez mais intensa, da maior significação. Quando a gente anda por este Brasil afora e conhece os movimentos negros regionais, uma coisa se evidencia com a maior clareza: a presença crescente, e muitas vezes majoritária, do mulherio. E, ainda mais, dá para perceber que as lideranças desses movimentos, em muitos casos, é dela, mulher negra. O que não é de espantar, pois, enquanto setor mais explorado e oprimido, e consciente disso, ela vê muitas coisas do sistema não só na sua estratégia de exploração dos trabalhadores, mas enquanto organização racista e sexista. Conseqüentemente, sua luta se dá em três frentes, e, quanto mais desenvolve sua prática em termos de movimento, mais sua lucidez e sua sensibilidade se enriquecem. De repente, ela acaba tendo um jogo de cintura muito maior do que acreditava possuir (GONZALEZ, 2020, p. 181).

Esta narrativa traz a perspectiva de unificar singularidade e coletividade em movimento de empoderamento (uma não exclui um substitui a outra) e sim se complementam em diálogo. Conforme frisa Berth (2019) “Empoderamento individual e coletivo são duas faces indissociáveis do mesmo processo, pois o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento” (BERTH, 2019, p. 37).

Deste modo, se faz notar que os processos singulares de mulheres negras em prol de novos posicionamentos e reverberações sociais está intrinsecamente relacionado e não se

encobre esta perspectiva em uma visão de positividade ingênua, mas de um lugar de otimismo consciente e que há motivos historiográficos para tê-lo, quantas precursoras negras assumiram tal postura e mudaram a suas histórias e, conseqüentemente, de tantas outras negras das próximas gerações. Abaixo, para ilustrar tal possibilidade de feitos, em épocas ainda mais remotas que a contemporânea, bravas mulheres deixaram seus legados:



Figura 6 - Laudelina de Campos Melo. Laudelina de Campos Melo²¹



Figura 7 - Eulina Macedo Pimenta dos Santos. Fonte: SCHUMAHER e BRAZIL 2007, P. 276²²

²¹Laudelina de Campos Melo. (1904-1991). Natural de poços de caldas, Minas Gerais, trabalhou como doméstica, tornando-se a primeira grande líder sindical de sua categoria no país. A partir da década de 1930 foi uma das responsáveis pela fundação de várias associações de classe da cidade de Santos, São Paulo e Campinas. Diante das discriminações das mulheres no mercado de trabalho e indignada com os anúncios preconceituosos publicados à época, integrou-se ao movimento negro, no qual participou da promoção de inúmeras atividades sociais e culturais, especialmente em defesa dos direitos trabalhistas. Em 1988, a Associação de Trabalhadoras domésticas de Campinas, sob sua direção, foi transformada em Sindicato. Acervo Sindicato das Empregadas Domésticas de Campinas. (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007.p 278)

²² Eulina Macedo Pimenta dos Santos. Integrante do segundo grupo de Bandeirantes brasileiro. Em 1926, chefiou a Cia das Fadas e, em 1934, foi eleita vice-presidente da Federação do Rio de Janeiro, na época, Distrito Federal. A representação brasileira da Associação Mundial de Bandeirantes foi fundada em 1919 e, desde então,



Figura 8 - Elza Soares. Fonte: (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007. p.829)²³

Conforme se pode constatar, há muitas referências negras a se tomar como exemplo. Na contemporaneidade, as meninas negras têm mais acesso a conhecimentos, a informação e a possibilidade de vivências em seus próprios corpos que as gerações anteriores sequer sonharam em ter e, literalmente já não era sem tempo. A relevância desta luta se denota saber quão simbólica é este fazer-se representatividade no mundo pelo que se é ter acesso a este lugar permitir-se, em movimento onde o que cabe questionar, mais que de onde começou, é:

Qual minha contribuição para que estas narrativas venham reverberar e/ou se despotencializar? As lutas de classe me mostram sem dúvidas relevantes e necessárias, mas a experiência no caminho de Si mesmo, embora diretamente correlacionado, transcende a condição racial negra, esta caminhada far-se-á em primazia no caráter individual e não homogênea. Ainda que a população negra tenha sido sabotada, boicotada, embranquecida, não há meio mais eficaz que através da educação, conscientização de sua origem, cultura e autoconhecimento, para se reformular, se permitir resgatar o que por séculos tem sido silenciado. Mas em algum momento deste percurso, a ressonância dos atravessamentos necessita passar pelo crivo da singularidade para se tornar efetivo. O corpo traz em si e no todo, através do inconsciente coletivo e dos complexos culturais, conforme citado acima, as memórias da discriminação racial e de gênero, o que se concretiza na experiência, no opus, e não em literaturas.

promove inúmeras Atividades educativas de inserção social e desenvolvimento comunitário, voltadas, especialmente, para crianças e jovens. Na foto, Eulina, segunda na foto da esquerda para a direita. Fotografia de autoria não identificada, Rio de Janeiro, RJ, 1920. Acervo Federação de Bandeirantes do Brasil. (SCHUMAHER e BRAZIL 2007, p. 276)

²³ Elza Soares. Cantora, uma das maiores referências da música popular brasileira. Aclamada e reverenciada pelo público e pela crítica. Recebeu o prêmio de cantora do Milênio, conferido pela BBC de Londres, em 2000. Fotografia de Alexandre Cassiano. Acervo agência O globo. (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007. p.829)

Deste modo, se faz imprescindível desassociar a correlação, ou cooptação feita entre autoimagem feminina e os princípios do empoderamento, atribuindo-se o verdadeiro sentido do termo. Berth (2019) contribui:

Uma boa relação com nossa autoimagem é uma ferramenta importante de reconhecimento de valores ancestrais ou de reafirmação de necessidade de aprofundamento na busca pelo autoconhecimento de nossa história e entendimento de nossa condição social de indivíduo negro. Mas de maneira alguma devemos concluir que apenas isso basta, ou ainda que toda pessoa que consegue transgredir esteticamente está empoderada ou absorvida pelo significado político que a estética ancestral africana tem. (BERTH, 2019, p.78)

Autoconhecimento não é necessariamente sinônimo de empoderamento sócio/político, o ato do autoconhecer-se é caminho de retorno ao lar, requer descida e revirar materiais, por vezes bem danificados e o apontamento de Berth, acima narrado, traduz este sentido, para que se tenha discernimento para compreender em caráter singular quando, por ventura, se esteja identificado com uma persona, ainda que em nome de uma insurgência social, utilizar-se dela para expressar a raiva contida ou por inúmeras outras possíveis identificações, —o que foi bem subvertido pelo sistema patriarcal— ou se de fato se está conectado com suas raízes. Sobre esta correlação, Berth (2019) acresce ainda:

Ora, se a coletividade é o resultado da junção de muitos indivíduos que apresentam algum – ou alguns – elemento em comum, é intrínseco que estamos falando de um processo que se retroalimenta continuamente. Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente, será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu eu social, de suas implicações e agravantes (BERTH, 2019, p.36).

Assim sendo, conhecer-se é também um ato político, conforme diz Berth (2019) “Entender a autoavaliação de si mesmo e, principalmente, conseguir detectar aquilo que o sistema conseguiu adulterar em nós mesmos, é um ato político importante. É lavar-se de toda a carga violenta e limitadora que os sistemas de opressão e dominação conseguiu implantar em nosso âmago” (BERTH, 2019, p.84).

Toda produção fala de um lugar político e, este posicionamento fala em demarcar ou acentuar uma ou várias perspectivas e te faculta autocriação para além de singelos pontos de vista. Onde ao se tornar consciente de tal necessidade/realidade alguns passos que já vieram antes lhe reforçam os pés. Um exemplo de oxigênio para alma ante aos obrigados e, constantes mergulhos de resistências; e como uma forma de resistir, pela via simbólica da arte é a poesia. E Maya Angelou narrado na obra, *Quem tem medo do feminismo negro* de Djamila Ribeiro (2019) é um doce exemplo desta resistência, intitulado:

Ainda assim, eu me levanto

Acima de um passado que está enraizado na dor

Eu me levanto

Eu sou um oceano negro, vasto e irrequieto

Indo e vindo contra as marés, eu me levanto

Abandonando noites de terror e medo

Eu me levanto

Em uma madrugada que é maravilhosamente clara

Eu me levanto

Trazendo os dons que meus ancestrais deram

Eu sou o sonho e as esperanças dos escravizados

Eu me levanto

Eu me levanto

Eu me levanto!

(ANGELOU, 1995)

Assim, do lugar político da etnografia e da etnopsicologia, que para além de todo contexto de sofrimento transgeracional, ou exatamente em nome dele [mas principalmente por nós mesmo] permaneçamos a nos levantar, conscientes e empoderadas. Quantas vezes forem necessárias!

CAPÍTULO 4 - EXPOENTES NEGRAS NAS AMÉRICAS: DO NORTE, CENTRAL E DO SUL.

4.1 Especificidades da militância feminista negra, uma pauta ainda necessária de se enfatizar.

A narrativa desta pesquisa até o momento transitou pela contextualização do racismo e suas ressonâncias na cultura americana, com recorte e ênfase sobre os corpos femininos negros sob as perspectivas psicossociais e ancestrais. Este capítulo aborda em recortes, alguns marcos históricos de três militantes do movimento feminista negro das Américas, como representantes da militância de tantas mulheres negras anônimas que se poderão identificar e sentir representadas. E, tão logo após disseminar estas narrativas que, devido a uma ação, dentre outros aspectos, xenofóbica²⁴, tem por vezes privado o acesso a tão vasto conhecimento e ações que contribuam para a luta do feminismo negro nas Américas no contemporâneo.

Estas mulheres negras que serão apresentadas abaixo com seus principais marcos vivenciados em caráter pessoal e também de seus legados na militância social, são apenas um recorte de séculos de luta feminista negra, em que cabe frisar, faz uma alusão às ondas e inserções ocorridas nas últimas décadas, em busca de equidade para o que ainda configura ideologias, nas pautas dos movimentos feministas, conforme elucida Djamila Ribeiro: “É necessário compreender de uma vez por todas que existem várias mulheres contidas neste ser mulher e romper com a tentação de universalidade que só exclui” (RIBEIRO, 2018. p 53).

Ainda que se compreenda, que em sua maioria, as militantes negras sejam também feministas, todavia há mulheres que não se sentem contempladas nas pautas dos movimentos feministas contemporâneo, o que exige questionar alguns privilégios, reforçados estruturalmente, em busca do lugar de sororidade genuína. Ainda a conjecturar as colocações de Djamila Ribeiro, sua fala frisa esta necessidade: “Já estamos fartas de campanhas que não mexem nas estruturas e não questionam privilégios [...] Quando o racismo é uma estrutura que muitos fecham os olhos” (RIBEIRO, 2028, p.79).

²⁴Xenofobia :É um tipo de preconceito caracterizado pela aversão, hostilidade, repúdio ou ódio aos estrangeiros, que pode estar fundamentado em fatores históricos, culturais, religiosos, dentre outros. (Instituto da mulher negra- Geledés 2020)

Deste modo, a narrativa desta pesquisa não tem a pretensão em abarcar todo este referencial, nem mesmo das expoentes que aqui aparecem. Contudo, traz um olhar acurado às demandas negras e suas especificidades, inclusive [mas não apenas] dentro dos movimentos feministas. Posto que o caminho se faça caminhando, logo, as narrativas permanecem se (re) adaptando e reinserindo. Sem dizer das inúmeras ações sociais que não são registradas ou externalizadas, de algum modo.

A colocação acima apresenta-se com conotação dúbia, posto que, anterior ao fato de as ações serem registradas, tem por primazia o fato de que estas sejam feitas e, isto sempre se deu [com relação ao posicionamento das mulheres negras frente às injustiças infringidas pelo sistema] mas por outro lado, o silenciamento que as envolve, ofusca e dificulta a visibilidade e conscientização frente há necessidade de movimento (de) colonial feminista negro. Assim sendo frisa-se com este capítulo a relevância em pontuar algumas especificidades desta militância em coadunação aos conceitos da psicologia Analítica para explicitar as reverberações simbólicas na psique feminina negra americana.

Este fabuloso trecho que Jung (2015) explicita a cerca do inconsciente coletivo constelado, permite que se observem, com lupas, as tramas que interseccionam os sujeitos em caráter universal.

Via de regra, quando o inconsciente coletivo se torna verdadeiramente constelado em grandes grupos sociais, a consequência será uma quebra pública, uma epidemia mental que pode conduzir a revoluções, guerra, ou coisa semelhante. Tais movimentos são tremendamente contagiosos, eu diria inexoravelmente contagiosos, pois, quando o inconsciente coletivo é ativado, ninguém mais é a mesma pessoa. Você não está apenas no movimento, mas é o próprio movimento. Quem viveu na Alemanha ou lá esteve por algum tempo tentava defender-se, mas era em vão. Isto entra na pele. Somos humanos, e no mundo, onde quer que estejamos, é possível nos defendermos apenas através de restrição de ordem consciente, fazendo-nos tão vazios, tão sem alma quanto pudermos. Aí perdemos o nosso espírito, para tornar-nos apenas um pobre grão de consciência flutuando num mar de vida que nos é estranho. Mas, se permanecermos nós mesmos, veremos que a atmosfera coletiva entra em nossa pele. É impossível viver na África, ou em qualquer outro desses países, sem tê-los penetrados no sangue da gente. Não se pode impedir que isso aconteça, pois em algum lugar somos também um negro, ou um chinês ou qualquer outro homem do mundo, em tal hora somos apenas seres humanos da mesma raça que todos os homens. Temos os mesmos arquétipos, assim como todos possuímos fígado, olhos e coração. Não importa que a pele seja negra. Evidentemente há uma importância relativa, pois provavelmente o negro terá uma camada cultural a menos que você. Os diferentes estratos da mente correspondem à história das raças (JUNG, 2015, OC 18/1, p.61, §93).

No capítulo anterior, falara-se sobre complexos constelados, (em caráter singular, ou de grupos) e suas potências e/ou desafios, mas ao observar as proporções de um inconsciente

coletivo constelado, nota-se a questão de pertencimento cósmico à que se está imerso, pela perspectiva da Psicologia Analítica e, nesta vertente, Jung frisa sobre a capacidade humana de auto percepção /auto conexão, com um campo mórfico estratificado culturalmente, quando o sujeito está conectado com sua essência, seu centro de força[Si Mesmo].

Cabe lembrar que Jung diz e Von Franz (1985) reforça, quando assegura do incômodo inicial proposto ao ego, nos momentos em que este e o Self estão em dissonância, algumas estruturas na consciência estão tão desgastadas que não permite haver esta fusão das instâncias em prol do processo e neste cenário, por vezes se recorre às personas, mas quando se consegue dissociar delas, o ego que já não mais suportava o peso da dissonância encontra recursos, através da sombra para iniciar sua trajetória no processo de Individuação (Von Franz, 1985, p.23).

E, nestes mergulhos pelas águas de instâncias inconscientes, se permite vislumbrar um quadro universal [niilistas diriam idealizado], em que a humanidade se encontra de fato conectada e, todos compõem fragmentos deste cosmos, ressonante em uma mesma atmosfera.

Jung ao finalizar, no trecho transcrito acima, com o reforço do déficit do negro, frente aos demais povos, sobre a lacuna inerente ao seu processo hereditário, é como se Jung decodificasse, no campo simbólico, a ressonância que se sente nos corpos negros na contemporaneidade, enquanto produtos da cisão atávica, que o processo diásporo sofrido pelos nossos ancestrais ocasionou.

Para compreender as perspectivas do feminismo negro amefricano que compõem este capítulo, se faz necessário uma alusão ao feminismo da América, em que o que compreende-se por giro epistemológico, permite compreender, ao se relacionar com o modo como foi constituído o pensamento social latino-americano nas interfaces de diferentes disciplinas como a sociologia, a antropologia, a geografia, a economia e a história e integrando diversas correntes de pensamento como o marxismo, o weberianismo, o keynesianismo. Arruda, Lorde *et al.* (2019), apontam que na década de setenta, não havia a possibilidade política em se desenvolver pautas acadêmicas destinada apenas às mulheres e, o marxismo foi o campo aberto possível para se inserir, através das pautas de classe, à de gênero e para se pensar em propostas acadêmicas problematizando tal temática (ARRUDA, LORDE *et al.*, 2019, p. 14).

Lélia em suas obras, traz conceitos enriquecedores quanto a compreensão do processo de colonização do território brasileiro, que são os conceitos de mito da democracia racial e o embranquecimento da população que consiste nas exaltações dos hábitos culturais

européus e exclusões da cultura africana, assim como entoa a questão linguística, brinca com as palavras em suas construções, como no caso das mulheres naturalmente brasileiras, as subdividindo em conotações originárias, como ameríndias (americanas + indígena) e amefricanas (americanas + africanas) frisando o contexto cultural imbuído dos autóctones brasileiros.

Quando se fala em combate ao racismo e sexismo, não se restringem apenas às classes baixas, desprovidas de acesso a este conhecimento a cerca do funcionamento social, mas em haver conscientização em todas as classes, dentro de suas especificidades, das estratégias de dominação e manutenção de hierarquias classistas. Ao amplificar este conhecimento e, principalmente, as urgências por práticas (de)coloniais. Com a expectativa, de que se possa ressarcir este débito e, em algum modo, equiparar a lacuna simbólica que a diáspora africana sofreu, para em novos tempos, para as próximas gerações de amefricanos ser construídos, em âmbitos simbólicos e tangíveis, uma genuína democracia social.

Contudo, enquanto se almeja por uma genuína democracia, que se possa compreender a realidade vivenciada no contexto atual. Um fator precisamente observado e constatado por Lélia, sobre a personificação do mito da democracia racial; ao manter em *locus*, o que é denominado como produto nacional brasileiro (a mulata); nas festividades do carnaval, González (2020) diz:

O mito que descrevemos aqui é o da democracia racial, já que é exatamente no momento do ritual do Carnaval que o mito assume todo o seu impacto simbólico. É nesse momento que a mulher afro-brasileira se transforma em uma soberana, naquela “mulata, minha rainha do samba.” Como acontece com todos os mitos, o da democracia racial oculta mais do que revela, especialmente no que diz respeito à violência simbólica contra as mulheres afro-brasileiras. Segundo Sahlins, é devido à conexão com o sistema simbólico que o lugar da mulher negra em nossa sociedade como um lugar de inferioridade e pobreza é codificado em uma perspectiva étnica e racial. Essa mesma lógica simbólica determina a inclusão da mulata na categoria de objeto sexual. (GONZÁLEZ, 2020, p. 150).

Com base na perspectiva de Lélia sobre a ritualização do carnaval, como atualizador do processo de exclusão da mulher mulata, que enquanto sobressai-se em nível egóico [quicá no único contexto de exaltação e veneração social que lhe cabe], reforça e potencializa a sombra inconsciente – em polo oposto ao ego – da erotização e desvalorização emocional sobre este mesmo corpo. Para se compreender como este rito é cooptado a favor da atualização do mito da democracia racial; em que se atrela a pobreza à etnia e conseqüentemente a erotização de um corpo que no contemporâneo permanece à serviço de satisfazer aos desejos de um masculino [aqui na personificação do patriarcado] fálico em troca

de algum reconhecimento; é preciso compreender alguns mecanismos de atuação da sombra. Jung (2002) elucida sobre as possibilidades de retorno da sombra quando não integrada.

[...] O observador ingênuo pode imaginar que quando os aspectos obscuros desaparecem é porque não existe mais. De acordo com a experiência, porém, não é este o caso. Na verdade, o que ocorre é a libertação da consciência do fascínio do mal, não sendo mais obrigado a vivê-lo compulsivamente. O obscuro e o mal não se desfizeram na fumaça, mas recolheram-se no inconsciente devido a uma perda da energia, onde permanecem inconscientes enquanto tudo vai bem à consciência. Quando, porém, a consciência é abalada por situações dúbias ou críticas, percebe-se que a sombra de forma alguma se dissolveu no nada, mas apenas espera por uma oportunidade favorável para reaparecer, pelo menos como uma projeção no outro. (JUNG, 2002, p. 261§345)

Deste modo, ao alocar o contexto da mulher mulata ao conteúdo e mecanismo de atuação das sombras na psique, se pode compreender como, ao passar a euforia dos dias de glória, proporcionados pelo ritual do carnaval, os medos, iras e anseios que compõem esta mulher mulata (quando não se tem consciência destes como parte do que lhe compõe) tendem a retomar seu lugar no cotidiano, para que esta permaneça a reforçá-los, seja como disseminadora de sexismo e misoginias projetadas em outras mulheres por não reconhecer-se vítima delas, seja por idealizar inquestionavelmente ocupar o lugar de objeto sexual na expectativa de receber o mesmo endeusamento de dias de carnaval, dentre inúmeras outras possibilidades.

O fato é que, do lugar de mulata, tanto quanto do lugar de reprodutor deste conteúdo pejorativo sexista, o brasileiro estará disponível a atualizar este mito, enquanto não se questionar em caráter consciente sobre seu lugar e, conforme traz Hooks (2018), na passagem já explicitada na introdução desta pesquisa, nos desenvolvemos em uma sociedade machista e misógina, logo, seremos como tal, enquanto não lapidarmos nosso fazer para uma perspectiva de atuação genuinamente feminista (HOOKS, 2018, p. 13).

E, ao observar a militância e processos políticos, que o movimento feminista vem representar, em um território tingido com sangue negro do Norte ao Sul, mais que uma insurgência ao sistema americano é uma luta por (sobre)viver, é um elo simbólico que conecta estas entre tantas outras mulheres negras que nasceram neste solo [dignas de honra] há um resgate cultural. Assim sendo este capítulo apresenta alguns dos marcos memoráveis de três expoentes amefricanas, traz Ângela Davis como expoente a representar a América do Norte, Audre Lorde como expoente a representar a América Central e Lélia González a representar a América do Sul. Para expor alguns marcos históricos em suas caminhadas.

4.2 Mulher negra em marco na América do Norte, representada por Ângela Davis

Como representante da América do Norte, a renomada e expoente Angela Yvone Davis nascida em 26 de janeiro de 1944, na cidade de Birmingham, Alabama, nos Estados Unidos, em um momento histórico a segregação racial nos EUA muito forte. O trecho retirado da contra capa de sua obra: *A liberdade é uma luta constante* (2018) organizada por Frank Barat, traz uma mini bibliografia desta autora, para contextualizar sua trajetória.

Filósofa, professora emérita de estudos feministas da Universidade da Califórnia. Foi integrante do partido comunista dos Estados Unidos, candidata a vice presidente da República dos Estados Unidos de 1980 a 1984. Bem próxima da atuação e das ideologias do grupo panteras negras, foi tida pelo FBI (*Federal Bureau of Investigation*- Departamento Federal de Justiça) como a mulher mais perigosa na década de sessenta, caçada e consequentemente presa em 1970. Onde tal fato teve repercussão mundial, primeiramente pelo motivo da prisão, que foi a luta feminista negra e como segundo motivo, a mobilização da campanha “Libertem Ângela Davis”. Sua obra é marcada por um pensamento que tem como pretensão romper com as assimetrias sociais (DAVIS, 2018).

O instituto Geledes (2020), fundado por Sueli Carneiro em 1988 com frentes de políticas públicas como direitos humanos, educação, saúde e, atuações acadêmicas voltadas às mulheres negras; estuda a trajetória de militantes e suas diversas frentes, com isto, traz algumas informações sobre Ângela Davis, como o fato desta ainda na adolescência ter organizado um grupo de estudos sobre as questões raciais e, ao seu grupo ser descoberto, esta foi perseguido e proibido pela polícia. Após concluir os estudos básicos, aos 19 anos de idade, Davis mudou-se para o estado de Massachusetts, no norte dos Estados Unidos, para estudar na Universidade de Brandeis (INSTITUTO GELEDÉS, 2020).

Algumas obras condecoradas de sua trajetória, publicadas pela editora Boi Tempo foram: *Mulheres Raça E Classe*. (2016), *Mulheres, Cultura E Política* (2017) *E A Liberdade É Uma Luta Constante*. (2018).

Sobre a trajetória de Davis (2018) narrada em caráter bibliográfico em sua obra *A Liberdade é Uma Luta Constante*, relata que aos 24 anos ela foi caçada e foragida por dois anos, intitulada como a mulher mais temida dos EUA, devido a sua força de ação militante e suas ideias que disseminavam por todo mundo, foi acusada de ser mandante do crime de sequestro e assassinato de um juiz que julgara um caso de menor negro que ela acompanhava, o que teria como pena para tal ação, cadeira elétrica ou prisão perpétua.

Ela foi presa, julgada e a única militante de sua época que foi inocentada das acusações e pôde retomar a vida em liberdade. Pode-se observar em sua narrativa, o quanto este fato da prisão foi uma mola propulsora para sua militância, onde apesar de todo contexto

sócio-cultural dos EUA e, desta prisão ser um ataque direto à imagem e representatividade que Davis possuía enquanto militante negra, ela pôde reformular sua trajetória e transformar suas experiências em obras congratuladas mundialmente. Pode-se conjecturar que o lugar que Davis se coloca é de um feminismo plural que articula o contexto histórico até a atualidade conforme ela traz em *A liberdade é uma luta constante*. “O feminismo insiste em métodos de pensamentos e de ações que nos encorajam a uma reflexão que une coisas que parecem ser separadas e que desagrega coisas que parecem estar naturalmente unidas” (DAVIS, 2018, p.99).

Nesta perspectiva seu ativismo traz um olhar sócio-crítico frente às instituições prisionais e seus sistemas de retroalimentação da violência, aponta para os ataques estabelecidos pelo sistema como mecanismos instaurados de violências, sem, contudo, segregá-lo de toda forma de militância por equidade, com a máxima de que o pessoal é também e, sempre, político ela acresce:

Parece-me que as pessoas que trabalham nas linhas de frente do combate à violência contra mulher também deveriam estar na linha de frente das lutas abolicionistas. E as pessoas que se opõem aos crimes policiais deveriam se opor também à violência doméstica – e o que é construído como doméstico. Devemos compreender as conexões entre a violência pública e a violência privada ou privatizada (DAVIS, 2018, p 100).

Sua história pessoal é um exemplo de sororidade e quando *Frank Barat* na introdução da obra *A Liberdade É Uma Luta Constante* Davis (2018) faz uma alusão à colocação da escritora Alice Walker, quando esta se referi à Ângela Davis, a definindo como um milagre:

Ângela é a prova de que é possível sobreviver, resistir e superar a força máxima do poder corporativo e o Estado focado na destruição de alguém importante porque esse alguém inspira a solidariedade coletiva. Ela é a prova de que o poder do povo funciona, de que há alternativa possível e de que a luta pode ser bela e estimulante. Algo que nós, como seres humanos, precisamos vivenciar (DAVIS, 2018, p. 18).

A narrativa que Davis traz é extremamente prudente e potente! De uma política ativa, seus posicionamentos atravessam e contemplam em diversos momentos o lugar de sujeito enquanto produtor e potencializador de mudanças sem, contudo, desmerecer o lugar de vítima que o racismo incute [sem escolha] aos descendentes de etnias escravizadas como a africana.

Abaixo constam reflexões que ela traz em suas obras, que conjecturam os papéis da mulher negra na sociedade desde a escravização até a atualidade, sob sua perspectiva e, alguns atravessamentos relevantes. Trazendo ainda outras expoentes da América do Norte dignas de nota. Em *Mulheres Raça E Classe* de 2016 encontramos algumas menções:

Davis (2016) aponta para as mulheres negras em períodos anteriores a abolição serem utilizadas por seus “proprietários” como corpos que deveriam produzir lucros tal quais os homens, praticamente sem distinções destes, em um período histórico (século XIX) em que as mulheres eram vistas socialmente como as representantes do feminino maternal, dócil, cuidador. Logo, as mulheres negras eram anomalias.

Em outra passagem ela faz uma nota quanto ao corpo negro receber o estigma da expressão de “ser quente” atrelando diretamente este lugar de objeto do sexismo, onde em uma cultura embasada em construções patriarcais, em algum lugar estes homens necessitariam extravasar seus desejos e instintos mais fugazes e, certamente não seria com suas doces esposas burguesas. Assim sendo o receptáculo destas descargas libidinais eram os corpos negros, pois estes já eram vistos como propriedades, logo, que mal poderia haver serem vistos como imorais?! (DAVIS, 2016, p. 5).

Ainda em *mulheres raça e classe* (2016) ela traz o caso de uma mulher que não foi identificada, mas aparenta pela riqueza de detalhes, aparenta se tratar de um caso real e não uma ficção. O caso se passou em uma fazenda na Carolina do Sul onde uma fuga mal sucedida trouxe punições extremamente severas para a escravizada.

Que por anos havia oferecido seus cuidados para a família, era a costureira e ajudadora da família. Ao tentar fugir e ser pega teve como punição açoites que não caberia um dedo sobre as costas de tão dilacerada e, seu castigo seria usar um colar de ferros por tempo integral, onde para se evitar a tentativa de cortá-los, teve os dentes arrancados. E claro, seguiu cumprindo suas funções imediatamente após estes “castigos”. Fazendo a ressalva que, a família que disferiu tal punição era popularmente conhecida na localidade, por ser caridosa e Cristã. (DAVIS, 2016, p. 22- 23).

Fato este que permite correlacionar a dissociação feita entre a condição humana das mulheres negras e, a atribuição inata de objetificação e exploração de seus corpos, equiparados aos tratamentos endereçados aos maquinários ou quaisquer objetos inanimados e desvalorados.

Em caráter etnográfico e etnopsicológico, acredito ser impossível, revirar os baús destas memórias atávicas sem ser afetado, uma vez que em contato com relatos, como o acima narrado, vai-se de encontro com a história de nossas avós, bisavós e tantas outras que, conscientemente nem se tem acesso, mas inconscientemente, estamos atrelados, logo, diz sobre minhas (não) escolhas e afetos [negados ou ressentidos]. E na tentativa de habitar estes afetos, que não se consegue fazer caber nas palavras, posto que o acesso é de outra ordem, capturado pelo sentir, transcrevo assim os poros abertos, a faltar o fôlego, o coração

acelerado, o frio que sobe pelas vertebras; subverto nesta narrativa, os séculos de não lugares de minhas ancestrais!

Davis (2016) traz um relato sobre Margaret Garner, uma escravizada fugitiva que quando pega tirou a vida da própria filha e tentou sem sucesso tirar também a sua. Após o ato proferiu as dolorosas palavras: “A rapariga está morta, agora ela nunca conhecerá o que uma mulher sofre como escrava”. – E contestou para ser julgada por crime. “Eu irei cantando para a forca antes de voltar para a escravatura” (DAVIS, 2016, p.23).

O legado da escravização, por mais cansativo que possa ressoar para quem não se sente envolto, ou que não sofra consequências diretas do racismo estrutural, se faz necessário ser recapitulado e compreendido, incansavelmente, se a pretensão é a ressignificação de suas consequências.

Conforme aponta Silveira e Gordon (2008), sobre os mecanismos manifestos socialmente, com caráter de discurso de ódio, adaptados e endereçados aos negros a serviço do racismo estrutural.

O ódio não é dado, deve ser conquistado a cada instante, tem de ser elevado ao ser em conflito com complexos de culpa mais ou menos conscientes. O ódio pede para existir e aquele que odeia deve manifestar esse ódio através de atos, de um comportamento adequado; em certo sentido, deve tornar-se ódio. É por isso que os americanos substituíram a discriminação pelo linchamento. Cada um do seu lado. (SILVEIRA e GORDON, 2008, p. 61)

E, nesta perspectiva de disseminação de ódio racial, Davis (2016) contextualiza a historicidade dos movimentos feministas negros e traz alguns relatos desta narrativa. Em 1832, foi fundada a primeira sociedade feminina antiescravatura, a *Philadelphia Female Anti-Slavery Society*, formada por mulheres negras em Salem Massachusetts. Um marco registrado nesta mesma obra foi em 1833, uma feminista Branca em *Connecticut*, de nome Prudence Crandall, uma professora que se vinculou ao movimento negro na região, desafiando todo o sistema que a validava, bem como o apoio dos pais de sua escola, aceitou a primeira menina negra da instituição, e como era de se esperar sofreu forte retaliação e posicionamento de animosidade dos pais e dos prestadores de serviço local que em protesto (boicote) a atitude desta não mais a atendia na cidade, nesta lista estavam o médico, o farmacêutico... Mas ela não cedeu e, frente a este posicionamento, em um ato racista e misógino causaram incêndios no prédio em que estava situada a instituição (DAVIS, 2016, p.33).

Ela foi então empregada por uma mulher negra Mrs, Harris, que abriu espaço para mais meninas negras e consternada com a situação apresentou Candall à William Lloyd Garrison, que usou do espaço de seu jornal ante escravatura, o “Libertador” o que movimentou ainda mais a cidade que se posicionou em peso contra tal posicionamento dela.

Conclamando tal pronunciamento publicamente: “O governo dos Estados Unidos, a nação com todas as suas instituições de direito pertence aos homens brancos que as possuem” (DAVIS, 2016, p.34).

Contrariando as expectativas das mais persistentes mulheres, Candall ainda assim, abriu a escola. Recebendo o bravo apoio das meninas negras da cidade que se mantiveram firmes ao seu lado, mesmo sendo também alvo dos mesmos ataques misóginos na cidade. A escola permaneceu em funcionamento até as autoridades de *Connecticut* ordenarem sua prisão. Onde apesar desta prisão seus feitos já ressoavam por toda região e este foi um marco memorável, divisor de águas para aquele ano de 1833. Que marcou o florescer destas lutas sociais. Sua bravura marcou espaço significativo para a união das mulheres brancas ou privilegiadas pelo sistema a aderirem, ou ao menos perceberem as necessidades de acolher as questões de racismo, à luta por igualdade racial com a expressão do jargão: “Deixem os opressores de o sul tremerem – deixem os apologistas de o norte tremerem –deixem todos os inimigos que perseguiram negros tremerem” (DAVIS, 2016, p. 33 -34).

Davis (2016) traz também duas irmãs que perceberam a necessidade em unir à luta de gênero a de raça, são elas as irmãs *Grimke* da Carolina do Sul, (Sarah e Angelina) elas nasceram em uma fazenda de escravos na Carolina do Sul, estarecidas com os regimes da escravização que presenciavam, resolveram quando adultas unificar afinidades com a luta de classe, em conferências em *New England* na Carolina do Norte, o que as fizeram ganhar cada vez mais espaços de fala e, se configura em um momento histórico, pois antes a elas, apenas homens ocupavam este lugar nas tribunas sem serem regularizados. Em 1836 muitos homens já ocupavam as cadeiras para ouvir suas colocações e como grande parte deles eram os autores de tais feitos se sentavam nas últimas cadeiras, envergonhados (DAVIS, 2016, p. 36).

Certamente tal posicionamento incomodou o clero, que se posicionou, com um ataque às colocações feitas por elas, as castigando a lá Cristianismo, por induzirem a um papel que não competiam ao feminino ante as leis de Deus. Em 28 de julho de 1837 o *Council of Congregationalist Ministers of Massachusetts* (conselho congregacionalista de ministros de Massachusetts) conferiu a carta com o seguinte conteúdo: “O poder da mulher é a sua dependência, que escoa da sua consciência que a sua fraqueza que deus lhe deu, serve para a proteger”. E ainda: “Apreciamos as modestas orações da mulher no avanço da causa da religião..., mas quando ela assume o lugar e o tom do homem como reformista público... ela dá o poder que deus lhe deu para a sua proteção, e o carácter fica desnaturalizado/antinatural” (DAVIS, 2016, p. 37).

Esta temática da correlação direta, incisiva e castrativa dos dogmas do sistema Judaico Cristão ir de encontro aos princípios do feminismo, atravessa diretamente a narrativa desta pesquisa, contudo etnopsicologicamente, não irei me ater, a priori, a acrescentar colocações para além das já elaboradas nos capítulos anteriores, quanto às cisões com os aspectos do feminino relacionados ao corpo que, conseqüentemente direcionam para um posicionamento de protagonismo das mulheres, o que as retira das condições de passividade, mas cabem tantos adendos nestas linhas que resultaria em outra dissertação..., Contudo, tal qual nas conferências das irmãs *Grimke*; que para além da tentativa de silenciamento patriarcal, misoginia, machismo e racismo; permaneceram até que as irmãs por conta própria decidiram parar, igualmente permaneceremos até que não se precise mais idealizar um movimento unívoco feminista e, sim, que este possa ser vivenciado no contexto contemporâneo como emancipação.

Para além das condições binárias de gênero, conforme esclarece Davis (2018), pois até mesmo o construto de gênero está implicado nas condições sócio culturais, políticas e ideológicas. Logo, não pode ser compreendido por uma definição única que contemple todas as possibilidades de ser para além das polaridades masculina e feminina, como os trans, intersexuais, entre outras possibilidades que subvertem a lógica da concepção normativa de gênero (DAVIS, 2018, p. 97).

Ângela traz uma narrativa de emancipação em seus construtos teóricos científicos, bem como em sua práxis; acreditava em uma condição reformulada de sociedade, em que se possa conviver sem ser necessário (co) existir, em que para isto, necessita-se (re) pensar as bases estruturais, conforme traz a seguir (2018), quando questionada sobre seu posicionamento quanto à possibilidade de existir sociedades sem prisões, se ela percebia esta pauta como uma utopia ou como uma real possibilidade, responde:

Eu acredito que uma sociedade sem prisões é uma possibilidade futura realista, mas em uma sociedade transformada, na qual a força motriz seja construída pelas necessidades do povo, não pelo lucro. Ao mesmo tempo, o abolicionismo prisional parece uma ideia utópica precisamente porque a prisão e as ideologias que a apoiam estão bastante enraizadas em nosso mundo contemporâneo. Há um número imenso de pessoas atrás das grades nos Estados Unidos – cerca de 2,5 milhões- e o aprisionamento é cada vez mais usado como uma estratégia para desviar dos problemas sociais subjacentes, como racismo, pobreza, desemprego, ausência de educação e assim por diante. Esses temas nunca são abordados com seriedade. É apenas uma questão de tempo até que as pessoas comecem a perceber que a prisão é uma solução enganosa. A pressão abolicionista pode e deve se dar no interior de outros movimentos progressistas de maneira articulada com reivindicações por educação de qualidade, estratégias antirracistas de contratação, sistema de saúde gratuito. Pode ajudar a promover uma crítica

ao capitalismo e movimentos em direção ao socialismo (DAVIS, 2018, p. 23).

Assim sendo, pode-se notar ser sobre isto que a narrativa de Ângela Davis aponta e denuncia. Sobre ser possível fazer de sua trajetória uma luta que abarque outras perspectivas que não apenas as suas singulares ou de seu grupo entorno e, destacar o quanto este olhar de sororidade genuína importa, se faz outra pessoa sofrer por discriminação. A concepção de alteridade permite validar, respeitar e contemplar neste posicionamento pessoal, que antecede ao social, a denotação de valor à vida e faz preencher com sentido, a lacuna que se forma onde há indivíduos vítimas de alguma condição. O posicionamento de Davis permite notar que a alteridade está em consonância com a sororidade e contempla o lugar de ostra que pode haver na atuação da mulher negra na contemporaneidade, que para além das feridas, é capaz de transmutar dor em pérolas, por si, e pelo outro. O lugar que te constitui, de fato, humano!

4.3 Mulher negra em marco na América Central, representada por Audre Lorde

Para representar o movimento feminista negro na América Central, a expoente Audre Lorde, nascida em 18 de fevereiro de 1934, falecida em 12 de novembro de 1992. Onde apesar de ter nascido em (Nova York — EUA), realizou sua trajetória em grande parte da vida e sua maior visibilidade em Cuba. Intitulada caribenha— americana traz em sua militância, através da poesia, de uma maneira sensível, clara e igualmente potente, o peso de diversos estigmas sociais: Racismo, sexismo, machismo e a lesbofobia.

As observações aqui tecidas são extraídas em sua maioria de sua obra autobiográfica intitulada *Irmã Outsider*, (2020) em correlação com o material da entrevista concedida por ela, referenciada nesta pesquisa. Onde em ambas ela traz sua trajetória narrada em detalhes, em sugestivo nome do livro, (irmã estranha) aponta para os fortes atravessamentos em relação com sua autoimagem em meio ao núcleo familiar. Narra fragmentos de sua trajetória, várias questões afetivas, em especial de cunho materno. Filha de Linda Belmar Lorde e Frederick Byron Lorde, caçula de três irmãos, gorda, praticamente cega, de personalidade forte, questionadora, em uma família rígida, suas dificuldades quanto ao sentimento de pertencimento, foi uma questão bem frisada, desde a infância. Foi à primeira aluna negra de *Hunter High Schoole*, onde aos 12 anos publicou no jornal desta escola a primeira poesia de

autoria própria. Intitulada "*Spring*" (primavera), seu *Self* já começara a dar sinais da caminhada que iria trilhar.

Em 1953, Lorde consternada e indignada pelo julgamento e execução dos pais de um amigo, assumiu maior posicionamento político, neste período ela já havia recebido oportunidade de expressar-se literariamente, mas não se sentiu conectada com a intenção ainda, o que a fez não aceitar a proposta, no mesmo ano se mudou solo para o México, onde se assumiu lésbica e engajou em movimentos sociopolíticos. Mas aponta que em diversos momentos sentia os atravessamentos de um ou outro dos seus marcadores sociais²⁵ indo de encontro às causas comuns dos grupos militantes a que pertencia.

Em 1954 retorna para nova York, convicta de suas militâncias, se gradua, em 1963, vários poemas haviam sido publicados. Em 1964 foi incluída em uma antologia, *New Negro Poets, EUA*, editado por *Langston Hughes*. Em 1968, começou a carreira de professora depois de ganhar uma posição como poetisa residente no *Tougaloo College* na *Tougaloo*, ela inspirou e moldou uma nova geração de poetas militantes negros. Com frases neste teor:

Podemos aprender a agir e falar quando temos medo da mesma maneira como aprendemos a agir e falar quando estamos cansadas. Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará (LORDE, 2019, p. 55).

A narrativa de Lorde confronta a todo tempo a condição de identificação e rendição das mulheres com os papéis determinados socialmente, do condicionamento ao silêncio e a postura de conformismo e vitimismo [sem, contudo, desarticular com o fato de reconhecer a existência de opressão] ela faz uma cobrança incisiva a autoanálise e, conseqüentemente há novos posicionamentos, para além dos medos e das aniquilações.

Atravessada por vários marcadores sociais, lésbica, negra, mãe, traz uma visão crítica quanto à homogeneidade nos movimentos feministas e quão excludente estes podem se tornar por adquirir tal postura. Em *Tougaloo*, ela se apaixona e se casa com uma mulher, Frances Clayton, com quem lorde e seus filhos construíram uma vida familiar, esta relação durou 17 anos. Sua primeira coleção, *The First Cities* (1968), foi publicada enquanto ela estava na *Tougaloo* e recebeu muitas críticas devido ao conteúdo ser atribuído ao contexto homossexual, nota-se também nas correlações, que a busca por aceitação e pertencimento junto ao medo de se expor atravessam toda trajetória da poetisa. Devido a esta não conseguir sentir um paralelo dentro dos (sub)grupos em que ela sentia representar, por não se identificar

²⁵Referindo-se aqui ao fato de serem vários, gorda, negra, lésbica (sendo mãe de um menino, o que muda totalmente o quadro, tornando-se um "agravante" ao fato de ser lésbica).

em apenas uma das pautas das militâncias, direcionava suas colocações e escritas tendo em vista aceitação e intersecção das narrativas feministas.

Sua proposta intersecciona todos os estigmas sociais que ela experimentou na pele. E a utilização feita da poesia como ferramenta de militância, passa pela via da integração de conteúdos viscerais e não de superficialidades transcritas em palavras, conforme Lorde (2020) costumava se referir a este ato:

[...] Trata-se da poesia como iluminação, pois é através da poesia que damos nome àquelas ideias que – antes do poema- não tem nome nem forma, que estão para nascer, mas já são sentidas. Esta destilação da qual brota a verdadeira poesia faz nascer o pensamento, tal como o sonho faz nascer o conceito, tal como a sensação faz nascer a ideia, tal como o conhecimento faz nascer (antecede) a compreensão (LORDE, 2020, p.45).

Imersa na experiência/conexão com seu método para militância, para atender ao grupo de feministas negras, ela excluiu um poema abertamente identificado com lésbicas de sua terceira coleção, *From a Lan Where Other People Live* (1973). Coleção esta que a lançou para o mundo como uma feminista radical, a permitindo parcerias e propostas de palestras e conferências. Em 1973, ela saiu publicamente lendo *Poema de Amor*, o poema que ela havia excluído de seu terceiro livro.

Sua quarta coleção, *New York Head Shop and Museum* (1974), iluminou sua crescente raiva contra a desigualdade social. Em busca de seu retorno ancestral fazia consecutivas viagens à África e ao Caribe. Onde após uma destas viagens ela retorna e, em tributo a conexão com a espiritualidade ancestral Africana escreve um ensaio intitulado *Usos do erótico: O erótico como poder*. Onde esta faz um paralelo com sua verdade pessoal e sua conexão com a espiritualidade e autoimagem. Frisando quanto este lugar de autoacolhimento e integração de sua potência erótica à fez mais forte, integrada.

Sobre sua relação com o aspecto erótico inerente ao feminino, que capturado e subvertido por estruturas patriarcais, Lorde (2020) frisa, em consonância com as perspectivas apresentadas nesta pesquisa, sobre haver uma necessidade urgente de integração deste aspecto conforme relata:

Esta rejeição do erótico por parte de algumas das nossas melhores mentes, nossas mulheres mais criativas e inteligentes, é muito preocupante e danosa. Porque não podemos combater o velho poder usando apenas as regras do velho poder. A única forma de dizer isto é criar toda outra estrutura que abarque todos os aspectos da nossa existência, ao mesmo tempo que resistimos (LORDE, 2020, p. 126).

Este posicionamento de Lorde é um convite a se (re)pensar estratégias e possibilidades de intervenção feministas, em uma estrutura patriarcal. Semelhante ao olhar trazido nos capítulos anteriores por Djamila Ribeiro e Lélia Gonzalez, em que mulheres

precisam reconhecer as possibilidades existentes no não lugar e fazer deles pontes. Sobre esta perspectiva Lorde (2020) acresce:

Aquelas de nós que estão fora do círculo do que a sociedade julga como mulheres aceitáveis; aquelas de nós forjadas nos cadinhos da diferença – aquelas de nós que são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas – sabem que a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. É aprender a estar só, a ser impopular e às vezes hostilizada, e a unir forças com outras que também se identifiquem como estando de fora das estruturas vigentes para definir e buscar um mundo em que todas possam florescer. Pois as ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande. Elas podem possibilitar que os vençamos em seu próprio jogo durante um certo tempo, mas nunca permitirão que provoquemos uma mudança autêntica. E isso só é ameaçador para aquelas mulheres que ainda consideram a casa-grande como sua única fonte de apoio (LORDE, 2020, p. 137).

A perspectiva sustentada por Lorde conjectura com o olhar da psicologia Analítica quando se refere a autoconhecer-se e, conseqüentemente se (des)identificar com os papéis sociais — atribuídos por vezes como verdades únicas e, inerentes ao sujeito — e, suportar lidar com seus conteúdos inconscientes por vezes não tão aceitáveis. É permitir que os não lugares, se transmutem em possibilidades de não necessitar de aceitação social em uma estrutura que foi forjada para não reconhecer suas habilidades e competências, se atribuídas a sujeitos dentro dos estereótipos citados acima. A hostilidade social recebida, se bem assentada em um ego fortificado e lúcido, é capaz de se posicionar de modo diferenciado, construir redes de apoio com tantas outras e, se reinventar quantas vezes for necessário.

Em 1978, lorde passa por um fenômeno que muda seu percurso, foi diagnosticada com câncer de mama e este foi outro grande estopim para sua jornada, pois a partir deste fato ela compreende e integra a poesia de outro lugar, não mais apenas como possibilidade de reflexão dos seus temores e injúrias ante a vida, mas como ferramenta potencializadora contra as segregações de raça, classe e gênero pelos quais ela lutava. Conforme ela mesma se referia, sua escrita é como manifestação do silêncio enquanto ferramenta de ação. No mesmo ano co-fundou o *Kitchen Table: Women of Color Press*. Levando ao público sua própria história por meio da autobiografia.

Em 1985 foi novamente acometida por câncer, desta vez no fígado, onde lutou pela vida até 1992, quando o câncer a venceu nesta luta. Uma passagem bem marcante nesta obra citada foi um diálogo dela com a filha, quando interpelada sobre seu posicionamento, se havia medo em se posicionar conforme ela fazia, Lorde (2019) responde:

E é claro que tenho medo, porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo. Mas minha filha, quando contei para ela qual era o nosso tema e falei da minha dificuldade com ele, me respondeu: Fale para elas sobre como você jamais é realmente inteira se ficar em silêncio, porque sempre há

aquele pedacinho dentro de você que quer ser posto para fora, e quanto mais você o ignora, mais ele se irrita e enlouquece, e se você não desembucha um dia ele se revolta e dá um soco na sua cara, por dentro(LORDE, 2019, p.53).

Pelo viés da Psicologia Analítica compreende-se perfeitamente sobre o que se fala em tal passagem. Ela narra claramente a função do complexo quando constelado, conforme explicado no início desta narrativa, os conteúdos contidos na sombra da psique, quando constelados, o ego [corpo enquanto sede da consciência] se torna o receptáculo à deriva frente à tomada de tais conteúdos, o que traz para a consciência toda a sua condição instintiva, bem como a Psique primitiva, que não se deixam mais reprimir através das ações de ilusões ou conteúdos fictícios. E é exatamente neste fato que se instaura o problema que o homem é (JUNG, 1999, OC 16/2, p.87, §106).

Os complexos não se desfazem quando ocultos e/ou negligenciados, de alguma maneira ele sairá, e como o diálogo narra, às vezes como um “soco na cara”, ou uma doença psicossomática, ou a priori como uma projeção. Mas atuará de algum modo para que este conteúdo emergja. Lorde através da poesia decidiu olhar para o medo [enquanto seu conteúdo sombrio] de frente, compreendê-lo e não mais se subordinar a ele.

Stein (2020), analista Junguiano, convida à ilha da subjetividade existente no coletivo ao propor que o movimento de grupo não se sobreponha as singularidades. Coaduna da mesma perspectiva que Lorde quando traz da necessidade de se desidentificar com a persona coletiva e sua força atuante nos grupos para não se perder no caminho ao encontro de si mesmo. Com isto, traz “Se indivíduos que adotaram *personas* leais e firmes assim permanecerem inconscientes de sua verdadeira individualidade, esta mantém desconhecida, e eles se tornam meros porta-vozes para as atividades coletivas com as quais se identificam” (STEIN, 2020, p. 26).

Lorde (2019) elucidada para a reflexão acerca dos movimentos seccionarem causando suas próprias diretrizes excludentes. E fez do seu incômodo um lugar de fala. Sua poesia traz uma perspectiva social de visibilidade negra, homossexual e mãe. E esta soma, pôde se valer como potencializar do lugar de exclusão e usá-lo como ferramenta de encontro das narrativas sociais que os tentam silenciar. Um corpo com três reforçadores estigmatizados socialmente e poetizando seus demônios. Sua narrativa transborda e seus poemas, bem como os textos, são carregados de alma e de um lugar transitante entre medos e sonhos... Talvez este seja o encanto que o tornam tão precisos, tal qual uma flecha lanchada ao alvo. Sobre este lugar transitante Lorde esclarece “A poesia não é apenas sonho e imaginação; ela é o esqueleto que estrutura nossa vida. Ela estabelece os alicerces para um futuro de mudanças, uma ponte que atravessa o medo que sentimos daquilo que nunca existiu” (LORDE, 2020, p. 47).

Sobre este medo de algo que nunca existiu, trazido por lorde, pode-se conjecturar às próprias máximas do feminismo, serem ainda ideologias. E, que o fato de necessitar [ainda] enquanto um movimento reformulador, ocupar-se de o lugar sócio/psíquico/educador ser uma dispersão intencional utilizada pelo sistema patriarcal. Conforme elucida lorde (2020) sobre os movimentos feitos por mulheres para conscientizar aos homens sobre a necessidade desta militância, bem como das necessidades endereçadas a mulheres negras de explicarem para as demais mulheres sobre as especificidades dos preconceitos sofridos, não passarem de estratégias para dispersar as energias e o real foco dos movimentos, tal qual sempre foi feito pelo sistema patriarcal (LORDE, 2020, p. 139).

Lorde (2020) se posiciona em crítica ao ideal de homogeneidade que supostamente abarcaria o ideal da sororidade feminina, quando aponta como um real problema, não as diferenças existentes e sim para a recusa em olhar com criticidade para elas e, para os resultados destas diferenças que, se distorcidos afetam os comportamentos e expectativas (des)humanizadas (LORDE, p. 142).

Lorde (2020) atrela ainda a correlação de uma possível justificativa de exclusão primal para não se posicionar diferente, pautadas por uma norma mítica atrelada ao poder, que em alguma instância, todos têm consciência que não lhe representa, contudo, essa norma mítica, polarizada como aceitável em nossa estrutura social, o homem, branco, hétero, estável, e cristão, em que qualquer antinomia a esta, seria a causa primal de toda opressão sofrida. Nesta perspectiva, pode-se encobrir em um equívoco de não notar as distorções de conceitos, diferenças e expectativas, que muitas vezes somos porta vozes e disseminadores (LORDE, 2020, p. 143).

Ao conjecturar com o viés de que não se pode dissociar racismo, machismo, de sexismo e homofobia e, ao compreender que estas estruturas afetam a todos os sujeitos produtos da estrutura social americana, Lorde (2020) se posiciona a favor, do que se compreende na psicologia Analítica como a integração da sombra, quando faz em uma conferência para mulheres sobre sexualidade, raça, classe e idade, no Instituto de Humanidade da Universidade de Nova York, a seguinte colocação “Rogo a cada uma de nós aqui hoje que mergulhe naquele lugar profundo de conhecimento que há dentro de si e chegue até o terror e a aversão a qualquer diferença que ali habite. Veja que rosto tem. Só aí o pessoal como algo político pode começar a iluminar todas as nossas escolhas” (LORDE, 2020, p. 139).

É deste lugar que Audre Lorde utiliza-se da poesia como ferramenta de ação, enquanto subversão de discursos silenciados, alquimicamente poetizados e, postos ao mundo! Lugar de potencializar e levar à conscientização singular, em primeira instância, sobre a

necessidade de movimentos de insurgências e ressignificações. Lorde compreendia o silêncio como a dor de morte. A irrevogável dor! E em meio a tantos silêncios, o bradar de seus poemas ressoam com profundidade e movimento de ação. Um, em especial, segue abaixo para ilustrar esta potência poética, gorda, negra, lésbica e mãe! Que foi/é Audre Lorde.

PARA CADA UMA DE VOCÊS

*Seja você mesma e aprenda a valorizar
Aquele impetuoso Anjo Negro
Que te eleva num dia
E te põe pra baixo no outro
Protegendo o lugar de onde seu poder emana
Correndo como sangue quente
De onde emana sua dor*

*Quando estiver com fome
Aprenda a comer
Qualquer coisa que te sustente
Até o amanhecer
Mas não se deixe enganar por detalhes
Apenas porque você os vive*

*Não deixe sua cabeça negar
Qualquer memória
Nem seus olhos
Nem seu coração
Tudo pode ser usado
Menos o dispensável
(Você precisará se lembrar disso
Quando acusada de destruição)*

*Mesmo quando forem perigosas, examine o coração das máquinas que você
odeia
Antes de descartá-las
E nunca lamente sua falta de poder
A menos que esteja condenada a atenuá-las
Se você não aprender a odiar
Você nunca estará sozinha o suficiente
Para amar facilmente
Nem será corajosa o suficiente,
Embora isso não surja facilmente*

*Não finja ter crenças convenientes
Mesmo que elas pareçam certas
Você nunca defenderá sua cidade gritando.
Lembre-se de qualquer dor
Que surja do seu sonho
Mas não procure por novos deuses
No mar
Nem em qualquer parte de um arco-íris
Cada vez que amar
Ame profundamente*

*Como se fosse para sempre
Apenas o nada é eterno.*

*Fale com orgulho com suas crianças
Sempre que as encontrar
Diga-lhes que você é descendente de escravos
E que sua mãe foi uma princesa na escuridão.
(LORDE, 2019).*

4.4 Mulher negra em marco na América do Sul, representada por Lélia Gonzalez

A expoente escolhida para representar a militância, dentre tantas outras que caberiam neste lugar a representar o Brasil, é Lélia Gonzalez, por ser uma das pioneiras nos movimentos feministas negros em território brasileiro. Natural de Belo Horizonte, nascida em 01 de fevereiro de 1935, falecera em 10 de julho de 1994 em Cosme Velho no RJ, em sua residência, decorrência de um infarto. Foi historiadora, antropóloga, filósofa e pesquisadora. Penúltima filha de dezoito irmãos, desde pequena interessada pelos livros, sua mãe [indígena] e viúva de seu pai [negro], conseguiu financiamento de seus estudos, o que permitiu que contrariando as expectativas, ela pudesse se graduar na década de cinquenta. Doutora em Antropologia foi uma das pioneiras nos movimentos militantes de gênero e raça no Brasil na década de 1970. Dados disponibilizados na agência o Globo (BRAZIL, 2007, p. 329).

As informações aqui tecidas foram extraídas das seguintes obras: *Por um feminismo afro latino americano* (2020), *Retratos do Brasil Negro* (2010), sua entrevista autobiográfica e, a publicação, *Mulher negra na sociedade brasileira*, dentre outros artigos bibliográficos sobre a militante, devidamente anexados.

Lélia (2020), teve um trabalho pioneiro que impactou diretamente nas vidas de inúmeras mulheres negras e conseqüentemente, implementou grandes marcos em políticas públicas. Inclusive em caráter internacional, conforme na experiência abaixo narrada, sobre um evento em que o Nzinga (coletivo para mulheres negras fundado por ela) foi representado em uma conferência, narrada na obra *Por um feminismo afro latino americano*:

Em meados de julho daquele mesmo ano, a companheira Jurema Batista (fundadora e presidente da Associação de Moradores do Morro do Andaraí) seguia para Lima como delegada do Nzinga para o II Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, juntamente com duas representantes do Grupo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro (e a atuação dessas companheiras foi de tal ordem que conseguiram que se criasse um Comitê Antirracismo no Encontro). Pela primeira vez na história do feminismo negro brasileiro, uma

favelada representava no exterior uma organização específica de mulheres negras. Somos um Coletivo: não aceitamos que a arbitrariedade de uma hierarquia autoritária determine nossas decisões, mas que elas sejam o resultado de discussões democráticas (GONZALEZ, 2020, p. 139-140).

Deste modo sua militância ganhara as frentes de ação prática, a instauração de grupos (redes de apoio), para além dos campos teóricos das academias e congressos. Um posicionamento bem demarcado de Lélia era a idealização por uma sociedade de isonomia e seu reconhecimento da necessidade de políticas públicas e intervenções, urgentes! E, tão breve, se movimentou para contribuir com esta realidade. Conforme traz em uma narrativa explícita de seus ideais:

Somos um Coletivo de Mulheres porque lutamos contra todas as formas de violência, ou seja, lutamos contra o sexismo e a discriminação sexual. Somos um Coletivo de Mulheres Negras: além do sexismo, lutamos contra o racismo e a discriminação racial que fazem de nós o setor mais explorado e mais oprimido da sociedade brasileira [...]. Nosso objetivo é trabalhar com as mulheres negras de baixa renda (mais de oitenta por cento das trabalhadoras negras), que vivem principalmente nas favelas e nos bairros de periferia. E por quê? Porque são discriminadas pelo fato de serem mulheres, negras e pobres (GONZÁLEZ, 2020, p.96).

Pode-se notar que Lélia obteve ascensão social e política, por transcender os assédios e discriminações sofridos em sua vida pessoal, frente às discriminações sofridas e desafios com sua autoimagem, em 1964 ela se casa com um descendente de Espanhol por nome Luiz Carlos Gonzalez, cuja família do conjugue não aceitou a união, Gonzalez (2020) relata o racismo sofrido por parte da família do marido. “Eu era a concubina negra de um jovem rapaz branco, que amanhã vai se casar com uma moça de boa família, no dia seguinte, quando souberam do casamento, daí em diante eu virei negra suja, prostituta, e coisas que tais” (GONZALEZ, 2020, p. 238). E pela pressão sofrida pela família, ele comete suicídio.

Lélia profundamente abalada, em honra [e insurgência] ao esposo, permaneceu levando seu nome e, mais uma vez por ser vítima direta das questões de exclusão racial, bem como das de gênero, se debruça ainda mais sobre as perspectivas políticas Brasileiras. Fortemente influenciada pela ideologia de Freud e Lacan, estes conceitos a permitem abrir nova frente de militância. Professora, palestrante, foi a primeira mulher negra a sair do país como uma representante da causa racial em congressos internacionais.

Em *Retratos do Brasil Negro* Alex Ratts e Flávia Rios (2010) trazem o relato de Lélia ter sido uma das grandes influenciadoras de outros grandes nomes da militância negra no Brasil, tal qual Sueli Carneiro e por trazer uma marca muito singular em sua militância que não se restringia a discutir as bases do racismo e findar sua atuação ali e, sim por sua forte

atuação na práxis política e intervenção social direta em grupos marginalizados (GONZÁLEZ, RATTIS E RIOS, 2010, p. 99).

Com postura firme, presença marcante e fala concisa, levava por onde passasse o lugar de onde falava, nas expressões, trajes e gestos, sua perspectiva de pesquisa, bem como de política era pautada na desconstrução da visão de democracia que impera no Brasil e se choca com o que deveria conter de atuações enquanto nação democrática. – Atualmente, quatro décadas após o movimento de ditadura militar e, infelizmente, o discurso das pautas levantadas por ela ainda são bem atuais ela foi a primeira a articular no Brasil as temáticas do racismo com o sexismo, atuou de frente na militância contra a ditadura militar nos anos (1970-1980). Com textos difundidos por todo mundo como referência sobre a temática no Brasil. Intitulados: *Lugar de negro* e *Racismo por omissão*. Participou da criação do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN-RJ), e foi (co)fundadora do Movimento Negro Unificado (MNU), em nível nacional.

Lélia (2020) explicita sobre a apropriação e aplicabilidade na práxis da sociedade brasileira, sobre os mecanismos sutis e simbólicos das estratégias para disseminar o racismo, o que inviabiliza uma definição a cerca dele, cita sobre o quanto suas primeiras experiências como membro do corpo docente de instituições de nível superior a fizeram refletir e questionar sobre seus incômodos e até então, silêncio, quanto ao posicionamento político. Relata ainda que seu envolvimento com o MNU (movimento negro unificado) foi feito destas inquietações e lugares sociais, que já não a contemplavam em essência. Refere-se ainda ao MNU como um movimento com uma característica ativa de ir até as pessoas enquanto outros movimentos manifestavam o posicionamento passivo de esperar que viessem até ele. (GONZALEZ,2020, p. 264).

Como fruto dos anos de pesquisa de Lélia sobre a força e garra das mulheres Africanas, da resistência ante aos atos de racismo bem como do sexismo, em 1983 surge, fundado por Lélia, entre outras militantes do movimento negro e feminista, o Nzinga²⁶ (Coletivo de Mulheres Negras-RJ, do Olodum-BA). Fundado para acolher mulheres, suas portas foram abertas com o propósito de abarcar o triplo preconceito carregado pelas mulheres; sendo um espaço puramente feminista, tendo como alvo o acolhimento em âmbito

²⁶ Quem foi a Rainha Nzinga: A Rainha Nzinga:Do século XVII, revela a história da guerreira africana e Rainha do Congo/Angola que travou uma guerra de 40 anos contra a presença portuguesa no seu território. Com bravura, perseverança e determinação, houve uma longa batalha para recuperar o trono e depois liderar o seu povo numa batalha intensa contra o exército português pela liberdade nacional do seu reino - Angola e Matamba. (ASSUNÇÃO,1993)

psíquico e físico de mulheres, em especial às mulheres que venham a estar dentro dos quadros mais vulneráveis socialmente, que para ela seriam os fatos de serem mulheres, negras e pertencentes à classe de baixa renda, triplica a desigualdade e preconceitos a que estas estão passíveis a serem vítimas. Tendo enfoque para Lélia o fato de que em média 80% das mulheres de baixa renda são negras, os fatos por si só já o falam, e o foco era trabalhar com estas mulheres (GONZALEZ, 1994). Sobre a escolha do nome do instituto, Lélia faz um esclarecimento.

A escolha do nome Nzinga tem a ver com nossa preocupação de resgatar um passado histórico recalcada por uma “História” que só fala dos nossos opressores. E a famosa rainha Jinga (Nzinga) teve um papel da maior importância na luta contra o opressor português em Angola. E o pássaro que usamos como símbolo tem a ver com a tradição nagô, segundo a qual a ancestralidade feminina é representada por pássaros. E nossas cores têm a ver o amarelo de Oxum, e o roxo com o movimento internacional de mulheres (GONZALEZ, 1994, p. 182).

Sua fluência e cultura possibilitaram a ela um lugar de fala e expressão bem simbólicos, onde através de analogias, esta criou algumas expressões de representatividade/reparação linguística atreladas à influência africana na construção da linguagem brasileira, que foram posteriormente adotadas por outras militantes que a tem como referência. Abaixo estão alguns exemplos:

Axé Muntu = Expressão de saudação misturando as línguas ioruba (axé – poder, força, energia, tudo de bom) e kimbundo (muntu – gente).²⁷ Pretuguês = Uma analogia a influência Africana na construção linguística Brasileira, se interpondo a referência feita no nome dado a língua, que faz menção honrosa à influência dos colonizadores Portugueses e não aos Africanos.²⁸ Dentre inúmeras outras expressões em que destitui, na gênese da palavra, a conotação eurocêntrica da linguagem formal brasileira.

Gonzalez (2020) frisa sobre a necessidade das denúncias sociais do mito da democracia e das estruturas sociais embasadas pelo racismo, bem como da necessidade em não segregar este aspecto, nas frentes de movimentos feministas. Uma vez que o imperialismo cultural, personificado nos movimentos através de posturas dúbias entre os membros, que elegem [determinam] as mulheres de base e as operárias, em posturas elitizadas, reproduzem nos aspectos das políticas dos grupos, os efeitos macro das políticas públicas (GONZÁLEZ, 2020, p.94).

²⁷ Instituto Geledes, Livros e textos de Lélia Gonzalez, em Afro-brasileiros, Mulher Negra

²⁸ Instituto Geledes, Livros e textos de Lélia Gonzalez, em Afro-brasileiros, Mulher Negra

Deste modo, se remete a necessidade em notar os atravessamentos que perpassam o inconsciente feminino negro, nas dinâmicas de grupo, na estrutura social no território brasileiro. Para que, se possa refletir sobre intervenções de equidade, de fato, ante ao quadro do mito da democracia no contemporâneo.

Kimbles, (2014) em um insight, após o contato com uma frase no para-choque de um caminhão, no caminho do trabalho, traz uma reflexão a cerca da relação psíquica individual e o outro [enquanto objeto externo]. Quando não vemos o outro, o outro não pode nos ver. E mesmo quando vemos e somos vistos, nunca é um encontro direto, é sempre mediado por meio de um espelho, das próprias lentes e da subjetividade do outro. Esta realidade trágica [para a reciprocidade de ver e ser visto] é o processo pelo qual observador e observado, eu e o outro, criam um contexto intersubjetivo para a vida psíquica²⁹(Tradução nossa).

Ao refletir sobre a elaboração acima narrada, se podem notar as infinitas possibilidades de resultantes, na soma dos fatores indivíduo e mundo, que o fator lente próprio pode produzir. As relações se mostram deste modo diretamente atravessado pela responsabilização de suas lentes [conscientização dos conteúdos que lhe pertencem], lhe permite retirar ou, ao menos, despotencializar suas projeções sobre o outro.

E, ainda da perspectiva de grupo, a conscientização lhe faculta dissociar-se dos estereótipos pré-estabelecidos aos negros, determinantes estes que consideram apenas seu fenótipo e, paralelamente, desconsidera totalmente sua trajetória singular. Quando não atribuídos ou identificados, servem como mais um elemento segregador e despotencializador do indivíduo, conforme traz Gonzalez (2020):

Enquanto o mito da democracia racial funciona nos níveis público e oficial, o branqueamento define os afro-brasileiros no nível privado e em duas outras esferas. Numa dimensão consciente, ele reproduz aquilo que os brancos dizem entre si a respeito dos negros e constitui um amplo repertório de expressões populares pontuadas por imagens negativas dos negros: “Branco correndo é atleta, negro correndo é ladrão”; “O preto, quando não suja na entrada, suja na saída”; “Branca para se casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar” etc. Essa última expressão aponta para o segundo nível em que atuam os mecanismos do branqueamento: um nível mais inconsciente que corresponde aos papéis e lugares estereotipados atribuídos a um homem ou mulher negros. Assim, ele (ou ela) é representado como um trabalhador braçal, não qualificado, ou como alguém que conseguiu ascender socialmente, mas sempre pelos canais de mobilidade social considerados adequados para ele ou ela. Imagens positivas são aquelas em que os negros

²⁹ The processing of cultural complexes, and the phantom narratives embedded in them that are forever stirring toward new intrusions into our lives, cannot proceed without the even more essential human-making process, available to us all, of mutual recognition—that is, consciousness of the other. To know that where phantoms are threatening our interconnectedness, humans can relate to each other, opens up and motivates human action in a way that transcends the need to emphasize ethnic, racial, and cultural differences. Kimbles, 2014, p. 66

desempenham papéis sociais a eles atribuídos pelo sistema: cantor e/ou compositor de música popular, jogador de futebol, mulata. Em todas essas imagens, há um elemento comum: a pessoa negra é vista como um objeto de entretenimento. Essa tipificação cultural dos negros também assinala outro elemento comum condensado em atributos corporais: força/resistência física, ritmo/sexualidade. Não é preciso dizer aqui que o homem ou mulher negros que não se adequam a esses parâmetros são rejeitados pelo estereótipo (GONZÁLEZ, 2020, p. 154).

E, para complementar o viés de estereótipo trazido por Lélia, pode-se observar que há uma correlação com o negro e a condição de frivolidades sociais de entretenimento, não se atrela a este, a condição inata de capacidade intelectual, bem como de desenvolver-se em meios científicos. Esta colocação é um convite a se refletir sobre os percentuais do IBGE ou trazidos no primeiro capítulo desta pesquisa, sobre as colocações sociais e profissionais do negro no Brasil, sobre os baixíssimos níveis de negros em cargos socialmente reconhecidos. Em que para além das manobras políticas de inserção social [tangíveis] se está a apontar uma descredencia e aniquilação também no campo simbólico do negro, um ataque sutil à autovaloração e capacidades inatas dos sujeitos.

Que ao movimentar esforços em ocupar os estereótipos narrados acima, em busca de pertencimento, encobrem na possibilidade de reforçarem este movimento estereotipado e, quando em busca do outro polo, (o da ascensão social) se depara com o questionamento a cerca de suas potencialidades e capacidades para tal. Capacidades estas, por vezes adormecidas uma vida inteira, e neste viés, os trabalhos de acolhimento, escuta e espaço de protagonismo, fazem toda diferença para estas potências virem à luz da consciência.

Conforme explicita Jung (2016) a cerca da necessidade de correlação entre os conteúdos inconscientes e conscientes para se ter um ego forte o suficiente para seguir em seu processo de individuação:

Consciência e inconsciente não constituem uma totalidade, quando um é reprimido e prejudicado pelo outro. Se eles têm de combater-se, que se trate pelo menos de um combate honesto, com o mesmo direito de ambos os lados. Ambos são aspectos da vida. A consciência deveria defender sua razão e suas possibilidades de autoproteção, e a vida caótica do inconsciente também deveria ter a possibilidade de seguir o seu caminho, na medida em que o suportarmos. Isto significa combate aberto e colaboração aberta ao mesmo tempo. Assim deveria ser evidentemente a vida humana. É o velho jogo do martelo e da bigorna. O ferro que padece entre ambos é forjado num todo indestrutível, isto é, num Individuum (JUNG, 2016, OC 9/1, p.404, §522).

Gonzalez (2020) a seguir, tendo em vista conectar, ressonâncias no contemporâneo, de fragmentos historiográficos à cerca do feminino negro no construto histórico cultural ocidental acresce este olhar Junguiano de potência, quando integrada, ao apontar para as

arestas que necessitam ser aparadas e acolhidas na psique feminina negra, para possibilitar uma individuação:

Não podemos silenciar quanto à violência cotidiana da exploração econômica e da opressão racial a que estão expostas milhares de Glórias Marias, Lecys, Alaetes, Alziras e Reginas da vida. Do fundo do poço do seu anonimato — nas favelas, na periferia, nas prisões, nos manicômios, na prostituição, na “cozinha da madame”, nas frentes de trabalho nordestinas —, talvez nunca tenham ouvido falar de direito de cidadania, mas têm consciência do que significa ser mulher, negra e pobre, ou seja, viver acuada, à espreita do próximo golpe a ser recebido, vigiando-se e “saindo de cena” para não ser mais ferida do que já é quando se trata de diferentes agentes da exploração, da opressão e também da repressão. Significa se jogar inteira no desenvolvimento das chamadas “estratégias de sobrevivência”, dia após dia, hora após hora, sem deixar, no entanto, de apostar na vida. As conhecidas histórias de Carolina Maria de Jesus, Marli Pereira Soares e Francisca Souza da Silva aí estão, enquanto testemunhas comoventes do que significa ser mulher, negra e pobre. Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1984 Axé, muntu! (GONZALEZ, 2020, p. 100).

A narrativa apresentada acima por Lélia é recorrente e bem disseminada entre os cidadãos negros brasileiros de uma maneira mais generalista, todavia, da perspectiva de mulher negra, com nacionalidade brasileira, torna-se um dever frisar este marcador adicional do anonimato e invisibilidade, inerentes à exploração econômica, endereçada às mulheres negras. De este modo estar em contato com esta narrativa possibilita traçar novas rotas para os aspectos que compõem esta militância.

Em todos os campos em que se ocupe uma mulher negra a (re)significar sua colocação no mundo, estará ela a lidar com as esferas simbólicas de suas heranças atávicas, tal qual todo sujeito, todavia ao negro foi negado uma esfera destas heranças, devido ao movimento diásporo, conforme nos elucidou Jung, no início deste capítulo, o que requer um movimento diferenciado de integração neste sentido.

E, sem dúvida, requer estar disposta a integrar uma sombra coletiva e cotidianamente vivenciada nas esferas do inconsciente pessoal. Todavia, ao compreender que as sombras são também recursos a favor de seu processo de individuação, se torna mais suportável — e imprescindível — se relacionar com estas feridas. Conforme traz Jung (2016):

A reação necessária e da qual o inconsciente coletivo precisa se expressa através de representações formadas arquetipicamente. O encontro consigo mesmo significa, inicialmente, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exiguidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. (JUNG, 2016, p.17, § 45).

Habitar os lugares obscuros encarar-se de frente, não é agradável, mas lhe faculta integrar-se. E, as militâncias por feminismo negro está diretamente vinculado à desidentificar-

se com estereótipos, reconhecer suas (des)potências, tanto quanto suas potências para poder de fato denunciar e resistir a todo um sistema, enquanto se forja ferramentas para lidar com seus complexos pessoais na tentativa de lidar com eles, na esfera da consciência[e tudo que implica esta constelação de complexos] conforme nos traz Jung e já amplificado em capítulos anteriores desta pesquisa, por sua característica autônoma, os complexos invadem e dominam e, sem notar, se está a serviço dele.

Assim sendo, ao compreender e lidar com as lacunas existentes no movimento feminista e as especificidades cabíveis apenas ao feminismo negro Lélia, confrontava-se com as sombras não apenas sociais, mas também com as suas subjetivas intransponíveis, contudo, conforme trazem Ratts e Rios (2010) ao esclarecerem sobre o posicionamento político de Gonzalez, acrescentam:

A visão política de Lélia não consistia, portanto, na sectarização do movimento. Ao contrário, relatos ao seu respeito indicaram uma personalidade forte e agregadora. Aliás, como ela gostava de dizer, “[é] preciso ser radical sem ser sectário.” Ou seja, realizar a difícil tarefa de articular possibilidades de transformação e unidade de luta em um contexto no qual a diferenciação dos movimentos sociais era sensivelmente marcante, pois todos queriam afirmar sua singularidade e autonomia. Com isto em mente, Lélia Gonzalez, acreditava que, embora firmado na diferença e na particularidade, era possível construir um discurso do humano sem criar abismos entre pessoas. Foi assim que a crítica e as diversas tentativas de unicidade na luta entre movimentos sociais selaram sua trajetória de vida (GONZALEZ, RATTS e RIOS, 2010, p. 112).

Ao demarcar com precisão, os lugares pelas quais militava, Lélia deixou claro seu legado pela ideologia de mudança nas bases, sua insurgência é contra a estrutura social brasileira! Seu discurso se voltara para a indignação com a falsa democracia exercida no Brasil e o foco era levar à compreensão popular que os ataques e assédios cotidianos vivenciados pela população negra são, estrategicamente, estruturais. E, ela cumpriu com excelência este papel de conscientização!

Conforme se pôde notar, ao correlacionar estas três expoentes, ainda que em um recorte, do que compõe os marcos de suas militâncias e contribuições para a luta antirracista e feminista negra, nota-se a relevância do, tão mencionado lugar de fala, ao que Djamila Ribeiro (2020), em sua obra *Lugar de Fala*, esclarece sobre o contexto desta expressão e sua representatividade para o movimento feminista negro:

Existe neste espaço uma disputa de narrativa, mas ainda alguém do ideal por conta das barreiras institucionais que impedem o acesso de vozes dissonante. Como expressar-se não é um direito garantido a todos e todas – ainda há a necessidade de democratização das mídias e rompimentos de um monopólio –, a discussão sobre liberdade de expressão também não pode ser pautada unicamente no direito – não absoluto – de expressar opiniões. Friso que

mesmo diante dos limites impostos, vozes dissonantes têm conseguido produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica, o que muitas vezes, desonestamente, faz com que essas vozes sejam acusadas de agressivas por lutarem contra a violência do silêncio imposto. O grupo que sempre teve o poder, numa inversão lógica e falsa simetria causada pelo medo de não ser o único, incomoda-se com os levantes de vozes (RIBEIRO, 2020, p. 86).

Deste modo configura-se lugar de fala, para o feminismo negro, todo aquele onde há alguém implicado a não ser conivente com o sexismo, racismo e auto depreciação da imagem da mulher. Utilizando-se das ferramentas que melhor lhe couber, nas referidas rachaduras sociais, cunhadas à força pela ancestralidade feminina negra. Sejam elas pela literatura, ciência, arte e, infinitas outras possibilidades de expressão e práxis. É sobrepor-se, indo ao encontro das singularidades, em nome destas e, por políticas públicas verdadeiramente inclusivas e, de equidade para além de manobras elitizadas de reforço eurocêntrico.

Na obra *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais* (2019) Lorde, Hollanda, *et al.* tecem considerações a cerca da ideologia da sororidade, em uma passagem, lorde ao afinar o olhar macro, do feminismo, ao conteúdo de Paulo Freire em *A Pedagogia Do Oprimido*. Reforça a ideia de que não há uma possibilidade em pensar um feminismo homogêneo [conforme sugere as expressões sororidade e irmandade] sem haver um genuíno confronto de cada mulher consigo mesma em seus aspectos opressores mais profundos, pois a ênfase dos processos opressores está alocada exatamente ali (LORDE, HOLLANDA, *et al.*, 2019, p. 14)

Assim sendo, empoderar o feminismo em território americano, requer um trabalho singular de conexão com sua essência e, conforme foi demonstrado em várias passagens desta pesquisa, ao referenciar-se aos conceitos da psicologia analítica, não há sujeito que possa ser integral, ou individualizar-se, ao acessar apenas a via da consciência e das faculdades que esta gerência, o inconsciente e os conteúdos que nele estão, nos compõem, por vezes em maior representatividade que o arcabouço consciente.

Se pode concluir que estas expoentes desenvolveram recursos para tentar ressarcir a lacuna e equiparar o povo negro ao mesmo patamar das demais culturas. Cada qual ao seu modo, mas em consonância e, sororidade. Esta conexão externa poder-se-ia compreender como a tentativa de integração nestas psiques em acolher estes fatos, se ocorre à mesma conexão em caráter genuíno e em consonância com seu Si Mesmo [seu processo de Individualização] não se poderá afirmar, afinal, individualizar-se é um processo esperado, contudo, nem todos o farão, tendo em vista o papel fundamental em acolhe suas sombras para que este processo se dê, conforme traz Von Franz (1985) haja vista a necessidade de certo grau de autoconhecimento para reconhecer, ou a priori, ao menos identificar suas sombras, que trazem

aspectos de sua jornada singular, tanto quanto de sua jornada coletiva (VON FRANZ, 1985, p.11).

Contudo, ao que remete a possibilidade de lidar com estes traumas ao nível da consciência, a fim de desenvolver novos recursos no ego e, conseqüentemente integrar novas possibilidades de (re)construções políticas e sociais, elas cumpriram seu papel! E, com este reforço na alma, em caráter singular, cabe a cada indivíduo americano, disposto a contribuir para uma sociedade em isonomia, voltar seu olhar para o cotidiano e, ao se observar, inquirir-se: Que recursos tenho movimentado em prol desta militância?

Há infinitas possibilidades de utilizar-se do seu lugar de fala, entretanto, ao se tratar de militância feminista negra, Audre Lorde (2020) frisa sobre a relevância em se reconectar com os princípios de acesso ao feminino sagrado, e às raízes potentes e profundas das estruturas sociais matrilineares, conforme as inerentes ao Continente africano. E sobre esta vertente, Lorde traz:

Quando entramos em contato com nossa ancestralidade, com a consciência não europeia de vida como situações a ser experimentada e com a qual se interage, aprendemos cada vez mais a apreciar nossos sentimentos e a respeitar essas fontes ocultas do nosso poder- é delas que surge o verdadeiro conhecimento e, com ele, as atitudes duradouras (LORDE, 2020, p. 46).

E, pautados nesta possibilidade de conexão com os conteúdos instintivos e arquetípicos inerentes ao princípio do feminino, a serviço da jornada singular do sujeito, se pode compreender que através da condição de acesso ao *numinos um*, pela espiritualização do ser esta conexão pode ser (re)estabelecida.

Segundo denomina Jung (2016) quanto ao contexto do *religere*, em consonância ao pensamento do Teólogo Rudolf Otto na obra *O Sagrado*, conjectura: “Religião é – como diz o vocábulo latino *religere* – uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de “numinoso”, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causado por um ato arbitrário” (JUNG, 2016, OC XI/1, p. 3 § 6).

Ao que Stein (2020) compreende, sobre a aplicabilidade do conceito de *numinosum* por Jung na psicologia, anteriormente atribuído por Otto à religião, o explicita que diferente do conceito atribuído por Otto, em que o era atribuído a condição metafísica (divina). Para Jung, [pela perspectiva de Stein] o objeto da experiência *numinosum* era um conteúdo da psique inconsciente que precisava tornar-se consciente (STEIN, 2020, p. 66).

Deste modo, ao interseccionar estes vieses se compreendem a conexão com o sagrado como transcendente à via da consciência, ou mesmo das condições de serem descritas

e/ou de estarem passivas à receptividade de algo vindo do divino, entretanto, como uma condição de manifestação de conteúdos inerentes ao inconsciente, que se dá no transcendente estado *numinos* um ao/com o cosmos.

Para contemplar e manter, por esta perspectiva do *religere*, em *lócus* às mulheres negras e mulatas, o próximo capítulo abordará esta possibilidade de (re)conexão com a sacralidade feminina, como uma possibilidade e proposta, de equiparar e integrar o feminismo/feminino no contexto contemporâneo.

CAPÍTULO 5 - RETORNO ÀS RAÍZES

5.1 Indivíduoar-se, ser no processo em entrega genuína.

Após todo percurso traçado até aqui, tendo em vista contextualizar através da interseccionalidade da teoria Analítica de Carl Gustav Jung e, outros pós Junguianos, com expoentes do movimento feminista negro, visa-se correlacionar as questões do racismo, misoginia e sexismo, pontuar os atravessadores sociais, que podem vir a ser empecilhos para o processo de individuação de uma mulher negra em uma sociedade estruturalmente patriarcal, que se estabeleceu às sombras da colonização escravocrata e, se tornou o principal foco desta pesquisa.

Para a teoria Analítica o processo de individuação é um dos pontos mais relevantes da teoria (JUNG 2012) parte do princípio que individuar-se é um processo que consiste em tornar-se um ser único. Em contato com nossa singularidade mais íntima. E para tal, nos traz o conceito de processo de individuação como sendo o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. Em que cabe ao sujeito notar-se parte de um todo, em sua natureza espiritual e relacional sentir-se como é no mundo, parte dele, bem como/ou principalmente sentir sintonizar-se com tal realidade e, o pulsar desta conexão. Em uma dinâmica onde as duas polaridades não se segregam e, sim, se agregam. Embora seja uma relação instintiva, não necessariamente se dará, é uma busca, onde o sujeito embora seja implicado inconscientemente, pode vir a individuar-se ou não. Integrar o *Self* [Si Mesmo-enquanto totalidade] e o ego [consciência]. Tendo em vista que não tange um processo teleológico, logo, o acompanhará por toda sua trajetória. (JUNG, 2012, OC6, p.591-592, §854-855).

Deste modo, individuar-se para uma mulher negra, requer juntar os fragmentos deixados por um longo caminho; atropelado, massacrado por séculos; pedaços esses capturados nos batismos cristãos, nos estupros, nas procriações comerciais, nos apartamentos de seus filhos, nos açoites, nas mortes indigentes, nas capturas de sonhos, de vidas que não foram e, permanecem a lutar para serem vistas! Fazer resistência às adequações sociais, aos incalculáveis silenciamentos, é parte de um individuar-se de toda mulher que pretende ir ao encontro de sua essência!

Buscar compreender a dinâmica do eixo *Ego-Self* e trazer a consciência os processos pelos quais se está vivenciando psicologicamente é necessário, para que de fato haja um processo de individuação. Conforme aponta Jean Shinoda Bolen (2015) doutora em medicina, psiquiatra e analista Junguiana, em sua obra, *As Deusas e a mulher*, faz uma correlação direta da vivência dos mitos [enquanto reprodução das imagens arquetípicas e sua potência influenciando as ações humanas] em conjunto ao processo de autoconhecimento e consciência desta vivência, podem contribuir para o processo de individuação em todas as fases da vida da mulher (BOLEN, 2015, p. 14).

A cerca da potência manifesta no arquétipo, Jung (2016) assegura: “O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta” (JUNG, 2016, OC 9/1, p.21, §6) E, este material manifesto que pode sofrer tal modificação compreende-se por imagem arquetípica (JUNG, 2015, p. 56, § 81).

A cerca das identificações com alguns arquétipos e/ou polarizações, Bolen (2015) tece considerações relevantes à compreensão desta atuação na práxis. Em que por se tratar de conteúdos míticos, logo, do inconsciente coletivo, toda mulher traz as forças arquetípicas das deusas, assim como dos deuses, em si e, tal influência tem suas faces positivas e sombrias, onde tendo identificações – que em excesso pode-se ler como polarização - com um arquétipo (ou com vários deles) tende a haver conflitos de valoração e, ou sobreposição entre duas ou mais forças arquetípicas. Aponta-se deste modo, a uma maior inclinação a um determinado núcleo de interesses e, paralelamente, desfalque no polo oposto (BOLEN, 2015, p.14).

Como por exemplo, uma mulher com excesso de Atená³⁰, tende a apresentar características favoráveis a posicionamentos estratégicos e presença significativa em corporações (regências deste arquétipo), contudo isto pode acarretar um distanciamento das características de afetividade calorosa e acolhedoras em um lar, (regências do arquétipo de Héstia), como componentes opostos que necessitam ser equiparados na psique, para um movimento de integração.

Ainda sobre a obra *As deusas e a mulher*, Bolen (2015) faz pertinente colocação de ferramentas à disposição para tal contemplação da experiência mítica, na relação de honra das mulheres com suas deusas interiores através das ferramentas de imaginação ativa dentre

³⁰ Atená pela perspectiva de Junito Brandão: Deusa da sabedoria e da justiça, estrategista que traz a peculiaridade de não ter sido criança (a face arquetípica da puer não é contemplada neste arquétipo). Já nasceu da cabeça de Zeus pronta e armada para guerra, logo, as estratégias, áreas que exigem racionalidade e precisão estão sob o domínio desta deusa. (BRANDÃO 1986. Volume I, p. 71 -73)

outras condutas, como os ritos, tem-se em vista, o diálogo que transcende, pois possibilita trazer a energia arquetípica de maneira consciente para esta mulher ante as suas demandas diárias (BOLEN, 2015, p. 41) cada mulher encontrará sua maneira de se relacionar com seu inconsciente e assim sustentar este diálogo entre o eixo Ego – *Self* em sua relação de autoconhecimento.

Assim sendo, pode-se notar que há em todo sujeito os recursos de que se necessita para sua integração, uma vez que a energia psíquica está direcionada para uma finalidade e leal a sua essência singular. Ainda da perspectiva do símbolo e do mito em sua manifestação no ego, com caráter de integração, Stein (2020) contextualiza: “É a possibilidade de a experiência *numinosa* oferecer um “sinal”: de que a vida humana tem um vínculo com a transcendência e de que o indivíduo é uma “alma” com o potencial de entrar em relação com o espiritual de maneira totalmente natural sem se precipitar na loucura” (STEIN,2020, p.54).

Pode-se notar a alusão feita à natureza do sujeito nesta conexão sem, contudo, vinculá-la a necessidade de dogmas ou identificações associadas na trajetória em nível do inconsciente pessoal, mas sim, de um mecanismo universal disponível a todo sujeito.

Com base nesta narrativa de potencial à individuação, quanto à perspectiva de mulheres negras, o resgate estórico da ancestralidade mítica africana, se faz imprescindível, a fim de propiciar ferramentas de conexão em seu processo de vir—a —ser. E, em caráter etnopsicológico, do lugar de mulher negra, pesquisadora e, implicada em seu processo de individuação, a narrativa deste capítulo mergulha em retorno ao lar e, nossas raízes ancestrais matrilineares.

Em consonância a esta proposta, todavia, a contextualizar o berço das comunidades matrilineares negras, Lélia Gonzalez (2020), contribui com o contexto da ancestralidade mítica e, sua capacidade de ser via de acesso, elo conectivo ao Simbólico:

Os termos “marronage” (francês) e “maroonsociety” (inglês) provêm do espanhol “cimarrón”, todos significando o mesmo que “quilombo” para nós. E o que vamos expor em seguida se baseia em dois textos: o de Lucille Mathurin Mair e o de Kenneth Bilby e Filomina Chioma Steady. Esta última é também grande irmã e companheira africana de Serra Leoa. Na parte leste da Jamaica, precisamente nas Blue Mountains, existe uma comunidade rural que, aparentemente, não difere de qualquer outra, mas que, na verdade, é a maior comunidade maroon da ilha[...] Resultante da expansão de uma comunidade mais antiga, destruída pelos bakras (ingleses), suas origens datam da primeira metade do século XVIII. Nanny Town foi o berço de New Nanny Town, atual Moore Town. A maioria dos escravos que, na Jamaica, se tornaram maroons era africana de origem akan (sobretudo fântis e axântis) e cujas sociedades eram matrilineares. Se se pensa no caráter militar das comunidades maroon, articulado com suas estratégias de sobrevivência, as instituições e os valores mais compatíveis com tais exigências só poderiam

desembocar num tipo de organização matrifocal com uma grande valorização das mulheres. Em termos econômicos, elas tiveram um papel fundamental, na medida em que garantiam a produção agrícola da comunidade. Sua participação cotidiana na luta pela sobrevivência, contribuindo em diferentes níveis, fez delas a principal fonte de estabilidade e continuidade grupais. Sobretudo se pensa que, além da ameaça externa, existiam as tensões internas (entre africanos de procedências diferentes), que só se estabilizaram com a intensa presença dos créoles (americanos), socializados por essas mulheres (responsáveis, portanto, pelo desenvolvimento de uma cultura créole, americana). Assim sendo, a matrifocalidade foi um elemento-chave para a continuidade das maroonsocieties. É no contexto de um grande corpus de história oral maroon da Moore Town de hoje que emerge, como um brilho intenso e único, a figura de Nanny, ou “GrandyNanny”, como a maior heroína de seu povo. Ultrapassando os limites da mera liderança mortal, transformou-se em ancestral mítica originária de quem todos os maroons se consideraram descendentes (também os akans acreditam descender de uma ancestral mítica comum). Dizendo-se pertencentes a uma família ou a um clã, afirmam sua consanguinidade pelo fato de serem Nannyoyo. Este último termo significa progênie, “filhos”, e sinônimo de “maroon” na linguagem secreta das danças kromanti, ritual de possessão cuja figura central deve ser especialista na dança e no conhecimento das ervas medicinais; o fete-man ou a fete-woman é possuído por um espírito ancestral maroon para efeitos de cura. Desnecessário dizer que, entre as fete-women, Nanny foi a maior de todas. (GONZÁLEZ, 2020, p. 139-140).

Esta narrativa traz o legado de todas as expoentes citadas nesta pesquisa e tantas outras que sem serem notificadas fizeram suas revoluções, resistiram e resistem até o contemporâneo, cotidianamente, assim sendo, do lugar de etnógrafa busco cumprir o que me cabe nesta engrenagem, em consonância com a movimentação que o universo me incutiu e, por sortilégio da sincronicidade, ao que explicita à cerca do fenômeno conceituado por Jung como sincronicidade, atrelado ao sentido de *unus mundus*, para além da experiência vivenciada pela consciência e, correspondência ao espaço cronológico. Jung (2012) contextualiza *unus mundi* como:

É a coincidência cheia de sentido que defini como o princípio sincronístico. Este princípio indica que existe uma conexão, ou respectivamente uma unidade, de acontecimentos que não têm entre si nenhuma ligação causal, e desse modo representam um aspecto da unidade do ser, que se pode designar como o "*unus mundus*" (JUNG, 2012, OC 14/1, p.346, § 327).

E assim, com o sentido de ser um com mundo, ao compreender as dimensões e potências desta integração. Isto incluía defrontar-me com minhas sombras e com a relação simbólica do feminismo radical, bem como, da necessidade de adequação de posicionamento político/social enquanto mulher negra militante e pesquisadora sobre processos psicossociais de racismo em corpos femininos uma vez que, segundo conjectura Gonzalez (2020).

[...] de um feminismo erroneamente chamado de radical, quando, na verdade, sua marca é a do sectarismo. Fechado em si mesmo pela

identificação imaginária que o fundamenta, seus critérios são o da reprodução especular (e haja espelho nessa história), caracterizados pelo sexismo extremado. Como lhe falta o impulso necessário para atingir o simbólico, ele não consegue apreender o real ou, como se diz, cair na real. Daí a grande distância que o separa da realidade vivida por milhões de mulheres negras deste país e a sua grande proximidade do modelo ariano de explicação (cujo elemento de sustentação é justamente o racismo). (GONZÁLEZ, 2020, p. 248).

Todavia ser uma mulher em busca de se autoconhecer e ocupar lugar de protagonismo em sua própria história, conforme traz Emma, (2006) é equilibrar-se constantemente na corda bamba de relacionar-se com o *animus*, [princípio masculino inconsciente para a mulher]. Em que relacionar-se implica: ouvir, *a priori*, projetar em terceiros, em outro momento retirar tais projeções, encontrá-la em si e em suas construções com seus princípios de masculinidade e tudo que implica as estruturas sociais, sem com isto se permitir ser tomada por ele (JUNG, 2006, p.15).

A mulher enquanto corpo consciente para se fazer existir em suas potências, visa encontrar a linha tênue de equilíbrio entre seu princípio masculino inconsciente e suas potências arquetípicas e, o que cabe a sua singularidade e desenvolvimentos no tocante das escolhas de caráter pessoal.

E dicotomicamente, mas também como parte do princípio de integração onde tudo no universo é composto de opostos. A mulher apenas conseguir-se-á ser plenamente uma mulher ao integrar seu princípio masculino e não ao negar ou o aniquilar. Ibidem (2006), sustentar ao princípio de natureza feminina é resistir automaticamente às investidas de dominação total do *animus*, onde esta segunda ao obter sucesso, faz-se na mulher aniquiladas suas maiores e mais próprias potências. E quando integrada, a natureza masculina na psique feminina, tem suas potências criativas necessárias acessíveis em prol do desenvolvimento feminino pleno e humano (JUNG, 2006, p. 54).

Posto tais colocações, pode-se refletir, etnograficamente, acerca de qual conduta ou postura se fala. Enquanto mulher preta, atravessada pelo racismo, de que lugar parte minha narrativa? E a serviço de quem tenho ocupado este lugar em caráter pessoal e, consequentemente, social?

Sem dúvida que oferecer possibilidade de repensar os lugares sociais sendo parte deles e, principalmente possibilitar que tais conhecimentos e informações venham a chegar onde precisam [nas massas] é uma dívida social que cada mulher negra, com acesso a informações que deveriam, mas não estão disponíveis a todos, sente reverberar em suas veias, todavia, além de ter desveladas e ter de suportar lidar com tais informações esdrúxulas acerca

de nossos antepassados, pela via da consciência, cabe questionar-se constantemente sobre quais bandeiras feministas estão a ser erguidas, por/ através de mim e como está minha relação com estes conteúdos na díade consciente — inconsciente ante a vida.

A cerca da necessidade de equilíbrio destas potências na mulher para se haver um processo genuíno ao encontro de si mesmo, Jung (2012) contextualiza:

[...] O sol inconsciente da mulher, ainda que escuro, não é niger (preto como carvão), como se diz da Lua, mas é antes como que um eclipse solar permanente, que raríssimas vezes é total. A consciência feminina normalmente está provida tanto de escuridão quanto de luz, de modo a não poder ser inteiramente clara, como também, em oposição, o inconsciente não pode ser completamente escuro. Entretanto onde as fases lunares forem suprimidas por causa de uma influência solar demasiado forte, aí tanto assume a consciência feminina um caráter solar exageradamente claro, como também, em oposição, o inconsciente se torna cada vez mais preto — niger nigrus nigro — e esses dois estados se tornam com o tempo insuportáveis para ambas as partes. (JUNG, 2012, p. 266, § 223)

Deste modo, pode-se compreender que reconectar-se com as fases da Lua para o ego feminino se faz impreterível, para possibilitar sua integração em equilíbrio com os princípios do *animus* e da *anima*. Em passos constantes, ainda que não totalmente claros, mas confiantes de que o Si Mesmo sabe o caminho de se fazer cumprir se me disponibilizo genuinamente para tal.

5.2 Mulheres negras, retorno às raízes em processo de individuação.

Da perspectiva de etnógrafa, enquanto refletia sobre um nome para este capítulo que pudesse representar a dimensão deste processo, surge o retorno às raízes, que representavam, minha descida e recolhimento emocional, meu reconhecer-me negra, minha transição capilar e de fato assumir minhas raízes em todos os âmbitos que me cabiam.

Ao interseccionar as perspectivas biológicas das árvores e seus processos e suas perspectivas simbólicas, pode-se pensar sobre as dimensões suntuosas e ofertas frutíferas de uma árvore. Por vezes não se dá a devida relevância de onde se iniciou este processo e dos mecanismos sutis que foram cuidadosamente selecionados, para que este viesse a se instaurar. Assim sendo, convida-se a denotar os conceitos de seiva bruta e elaborada contextualizados por Glória da Appezzato(2006) que traz a seiva bruta, também conhecida como xilema, como a responsável por levar água e os nutrientes em um processo, contra a gravidade, da raiz até as

folhas e frutos e a seiva elaborada, conhecida também por florema, como a responsável por conduzir da raiz aos frutos os açúcares produzidos na fotossíntese, hormônios, bem como alguns vírus que estejam junto ao solo (APPEZZATO 2006, p.438)

Ao pensar que exatamente todos os elementos que compõe uma árvore são aproveitáveis, bem como necessários e, que sua integralidade não é composta apenas de elementos agradáveis como os nutrientes, mas que as mesmas seivas que nutrem também são as que conduzem vírus. Podem-se notar duas faces de uma mesma moeda. Cabendo aos processos naturais em sua mestria, se encarregar de fazer fluir cada um para seu destino.

E, também não se sabe como ou quem controla as doses exatas de seivas, nutrientes ou vírus que cada árvore posta ao mundo necessita, mas sabe-se e notório se faz ao contemplá-la, que mesmo em adversidades e, não raras vezes, contrariando inúmeras expectativas, elas cumprem com seu destino e se permitem ser no processo de viver o que trouxeram em essência para ser!

Cabe assim, uma alusão aos processos singulares de individuação, em que, assim como às árvores, há inúmeros fatores externos que favorecem ou dificultam a capacidade de desenvolver-se e, igualmente, há recursos internos disponíveis, que dependem apenas delas formarem e conduzirem, quase intuitivamente. E, não se sabe o exato momento ou o click a se acionar que possa conduzir [ou não] a individuação de um sujeito. De todas as referências que foram apontadas nesta narrativa, não há como se concluir que elas experienciaram seus processos de individuação, posto que o termômetro para esta conclusão é interno e singular. Ainda que tenham contribuído, indiscutivelmente, para novos panoramas sociais através de suas condutas.

Não há fórmulas. É conhecer-se, respeitar-se e seguir o seu compasso! E quando se para ouvir o seu pulsar se sente exatamente à que veio. Há ipês que florescem o ano todo, bananeiras que produzem uma única vez em sua existência, árvores que não produzem frutos comestíveis, mas que seus troncos são fonte de antídotos para inúmeras enfermidades humanas. E nenhuma delas deixou de concretizar-se em si mesma pelo fato de terem diferentes funções em seu núcleo. Naturalmente fizeram-se ser quem se é!

Sobre esta perspectiva de compreensão da vida, acresce-nos Jung (2019) a cerca da sua concepção do rizoma:

A vida sempre se me afigurou uma planta que extrai sua vitalidade do rizoma; a vida propriamente dita não é visível, pois jaz no rizoma. O que se tona visível sobre a terra dura um só verão, depois fenece... Aparição efêmera. Quando se pensa no futuro e no desaparecimento infinito da vida e das culturas, não podemos nos furtar a uma impressão de total futilidade; mas nunca perdi o sentimento da perenidade da vida sob a eterna mudança.

O que vemos é a floração – e ela desaparece. Mas o rizoma persiste (JUNG, 2019, p. 26).

Deste modo, etnopsicologicamente, me perceber seiva, contra a gravidade dado o mecanismo de troca e sincronismo em que se está com a árvore [em um aspecto simbólico aqui se lê Cosmos] é se perceber instrumento, via de acesso entre a fonte da vida, *anima* e, os frutos, que funcionam como drenos naturais, em outra leitura, os frutos são o destino dos nutrientes. Assim sendo, ao se notar tornando-se negra, à serviço [na concepção *unus mundi*] neste processo natural de individuação é de uma riqueza imensurável!

Neste sentido de busca por conexão com sua essência, foi preciso descer, aprofundar-me em busca de respostas sobre mim, este era o caminho primal, se eu quisesse entregar qualquer possibilidade de elaboração para o mundo exterior. Conforme elucidada Jung (2019) “quem não sente no conhecimento a responsabilidade ética que comporta, cedo sucumbirá ao princípio do poder” (JUNG, 2019, p. 13).

Deste modo, trarei em um breve recorte, o resultado deste processo e o que surgiu em coadunação de possíveis análises e elaborações da ordem psíquica em correlação a alguns arquétipos e, à narrativa da ancestralidade negra que me cabe, um pouco da minha construção arquetípica e, simultaneamente singular.

Minha bisavó do clã materno, desvalorizada por seu fenótipo e por escolher professar o dogma do candomblé (um estigma até o contemporâneo em meu clã) teve uma vida de exclusões e não possibilidades em todos os aspectos que facultam pertencimento, com tamanha dureza este ego rompeu com a consciência e tornou-se psicótica, vagando sem rumo para o mundo, entregue ao álcool, morreu e não houve sequer um enterro digno para seu ego, nem mesmo em um ultimo momento..., retornou ao *self*, indigente, como sempre foi.

Contudo, como em qualquer mulher com sua face Deméter³¹ ativada, buscava o que acreditava ser o melhor para seus filhos. E vovó, dona Angelina, fruto de uma relação inter-racial, segundo relata minha mãe, (era a filha mais preta e devido a esse fenótipo, tida na família como a mais feia) era ela também a filha caçula, uma menina de na época seus 16 anos e, nada gentilmente, oferecida em matrimônio para meu avô Francisco Antônio (O partido da cidade). Haja vista ser ele um homem loiro de olhos azuis, com propriedades, mesmo sendo este um homem treze anos mais velho que ela, separado do primeiro

³¹ Deméter pela perspectiva de Junito Brandão é a energia arquetípica associada à face maternal, é a deusa da agricultura, em sua face positiva é associada ao cuidado é a mãe abençoadora que nutre e cuida, em sua face sombria é a que ceifa e seca a produção. (BRANDÃO 1986, Volume I p. 48-59)

matrimônio com três filhos o acompanhando... o clássico casamento inter-racial como desejo por melhorar seu valor, ante ao social.

Minha avó já teve uma vida mais digna em oportunidades, pois as condições financeiras do meu avô a possibilitavam, mas a sombra da vida não vivida dos pais dela, a impeliram alguns retornos. Quanto ao conceito mencionado acima, segundo Jung (1972) contextualizou, quanto mais impressionante forem os pais e quanto menos quiser assumir seus próprios problemas (muitas vezes pensando diretamente no bem dos filhos), por um tempo mais longo e de modo mais intenso terão os filhos de carregar o peso da vida que seus pais não viveram, como que forçados a realizar aquilo que eles recalçaram e mantiveram inconsciente. (JUNG, 1972, OC 17, p. 84, §109).

Então a construção desta relação matrimonial foi circundada por mentiras para esconder a manifestação de espiritualidade na expressão religiosa do candomblé, furtos para beneficiar outros membros da família que não gozavam de farturas, vícios por parte dos filhos, abandono emocional, e claro, racismo, muito racismo! Minha mãe era a terceira dos filhos e a primeira mulher descendente deste casal, a tão esperada menininha, a típica, Atená a princesinha de Zeus— meu avô —a quem tudo fazia e o representava em retidão, bravura, desbravamento dos limites locais, a quem ele com orgulho apresentava a todos como filha querida.

Com todas as predileções explícitas, propiciou que se desenvolvesse uma relação de competição inconsciente entre minha avó e mãe, o que ocasionou em um elo entre elas constantemente estremecido e tenso. Ao correlacionar os elementos presentes em sua construção polarizou este *animus*, conforme elucida Emma Jung, quando esclarece a atuação do *animus* pessoal e as aptidões próprias da mulher, atrelando-se a ele a classificação de identidade. (JUNG 2006, p.50) polarizada neste constituir-se em potência masculina unilateralizada, não se permitiu perceber-se nem tão pouco contemplar-se nos atributos da *anima*. Ela se casou com meu pai, (mais um casamento interracial no clã) em que, dos três filhos que tiveram eu, a caçula do clã, fui a única negra entre os irmãos, objeto e personificação das projeções sombrias transgeracionais do seu clã em detrimento do racismo, o que potencializou a face devoradora de minha mãe (do lugar de experimentar a maternagem).

Ainda referenciando a relação de vida não vivida dos pais e esta potencializada face devoradora atuando em minha mãe, não permitiu que eu e meus irmãos tivéssemos boas relações com o feminino e suas faces relacionadas ao acolher e nutrir.

Algumas narrativas circundaram meu desenvolvimento pessoal e social, em que algumas representações cotidianas sexistas, racistas e misóginas bem marcadas de minha mãe na minha construção foram: “suas brincadeiras são de menino”, “você não tem modos para usar vestidos”; “pra que estudar assim, isso é bobagem, somos pobres você precisa procurar um emprego”... estas foram algumas das que mais pode-se fazer correlação com a temática aqui abordada e, com estas dentre inúmeras outras circundando minha construção no e com o mundo, certamente adoeci. No corpo e na alma!

E, ao recapitular memórias, iconografias, histórias do meu clã e equipará-las aos de inúmeras periferias na contemporaneidade, constatei a dolorosa roda do capitalismo escravocrata a ser reforçada, na mesma direção. De vidas negras a dedicar arduamente a ocupar-se em longas horas, em busca incessante pelo mínimo; da ordem da necessidade básica para (sobre)vivência humana; neste mecanismo vil de distrações, construindo ciclos, transgeracionais, de filhos de nada [almas desnutridas de sonhos] em vielas mil, pela América a fora...

Assumir o leme de seu barco, com responsabilidade ética neste mar revolto, há muitos desafios sim, contudo, há igualmente inúmeras paragens acolhedoras e renovadoras. Como por exemplo, saber que poderia ter sido a minha história de oportunidades negadas, mas não foi e, de alguma ou, de muitas maneiras, o universo me possibilitou estar aqui, por mim, por minha bisa, avó e mãe silenciadas e oprimidas. Que elas possam sentir/saber de onde seu sangue hoje fala! E, aquece o coração, por acreditar que meus descendentes terão tantas outras possibilidades, que nunca deveriam ter sido negadas a todas nós!

Então arregacei as mangas e mergulhei, neste oceano paralelo [dentro e fora de mim em simultâneo]. Já bacharel em psicologia, o que também não foi nada fácil, trabalhar exaustivamente durante o dia para custear os estudos e ainda me dedicar às longas jornadas de textos madrugada à dentro..., mas valeu a pena cada um deles! Contribuíram para que hoje eu estivesse aqui. Apaixonada pela psicologia, sedenta por cada vez mais conhecimento, veio ao encontro da minha trajetória a Psicologia Analítica, em um momento ímpar! Então fui capturada por Jung e todo este universo.

Aí, meu universo particular se conectou e então toda trajetória passou a fazer sentido. Imbuída no viés de Von Franz (1988) em que afirma: “Algo em nós, como uma substância psíquica essencial, carrega nossa identidade no decorrer da vida. É isso o rio, esse misterioso fluxo da vida” (VON FRANZ, 1988, p. 72). Em busca de compreender as nuances e composições do meu rio percebem-me a indagar a cerca de meus posicionamentos e, a primeira dissociação feita foi a cerca do feminismo radical.

Quanto às mobilizações psíquicas que estão em voga, do lugar de feminismo negro no contemporâneo necessitar estar duplamente atento quanto a possibilidade de identificar-se às conotações mais acirradas do lado devorador do princípio feminino-arquetípico, visando vingar-se, *a lá* Medéia, em nome da desvalorização sofrida por séculos. Onde a própria tragédia teatralizada traz marcada em um aspecto de Medeia a fala “A paixão é mais forte em mim que a razão” (BRANDÃO, 1987, p. 189).

Este lugar de fala hoje visa ressoar incontáveis gargantas negras silenciadas no decorrer do nosso passado, mas a escolha ética do lugar à que se pretende ocupar é singular. Requer atenção sobre de que lugar se fala e, a serviço de que está sua fala. Kimbles (2014)³²propõe uma reflexão, genuína, quanto ao posicionamento moral a que todo indivíduo que preconize militar em causas coletivas deva ter:

[...] podemos sentir-nos indignados com a loucura genocida expressa na limpeza étnica e no ódio racial e cultural. No entanto, as formas contínuas em que nós participamos do sofrimento injustificado de outros, as colisões envolvidas em privilégios que excluem e/ou explorem outros e os recursos que são corrosivos para a conexão humana, requerem outro tipo de imaginação que possa manter nossa relação com o impacto do "narcisismo de pequenas diferenças" nosso potencial de destrutividade e nossa relação com a sombra do nosso grupo. (tradução nossa).

Em completa convicção, ao atribuir a condição de nação, ao que aqui ele (Kimbles) se remete como grupo, amplifica-se o sentido de valoração, humanização, de fato! O que impele frisar, a potência existente nas ações singulares em contexto cotidiano, se cada um comprometer-se consigo [com suas sombras] e com suas condutas, as condições, lê-se aqui sombras grupais, poderão ser integradas em nível social.

A luta permanece sendo contra a invisibilidade da mulher negra nos contextos sociais o que se correlaciona diretamente ao lugar singular desta, paralelamente! Conforme traz Berth (2019) “[...] não se pode perder a perspectiva histórica de resistência e possibilidades de reexistir a partir da autodefinição” (BERTH, 2019, p. 59). Deste modo, a capacidade de resiliência, sem, contudo, desconectar com sua essência, faculta lhe colocar e direcionar no caminho de sua individuação e um dos fatos impreteríveis a este processo é o acolhimento da sombra, conforme explicita Von Franz (1988):

Quando as pessoas aprendem a reconhecer a sombra e a vivê-la um pouco mais elas se tornam mais acessíveis, mais naturais, mais humanas. As pessoas sem sombra, que se pretendem perfeitas, provocam uma inferioridade no ambiente que irrita os demais. Elas agem de um modo

³² Though I will not attempt to answer all of these questions, I pose them as prods to deepen reflections on intergenerational processes, group traumas, and group shadows. Our ongoing relationship to group life and our experience within it contain vital issues related to our collective and individual survival, vulnerability, and continuity. Kimbles, 2014, p. 90.

superior ao *demasiado humano*. É por isso que ficamos tão aliviados quando algo ruim lhes acontece. Graças a Deus — dizemos — ele também é gente (VON FRANZ, 1988, p. 48).

E, a esta condição de perceber e validar os aspectos da sombra está diretamente vinculado à adesão ao seu processo singular de individuação, posto que, ser Si Mesmo requer integrar aspectos e conteúdos inconscientes, logo, as sombras estão à serviço de conduzir o sujeito ao encontro do seu *Self* no processo de individuação.

Todavia, Woodman, (2003) pontua sobre há necessidade em estar atento aos conteúdos emergentes da sombra e media-los pela consciência civilizada, pois estes conteúdos não se apresentam adaptados para serem simplesmente inseridos no contexto consciente, frisa ainda que o fato de conhecê-la [a sombra] apenas, não significa, necessariamente, integrá-la e, que para integrá-las é necessário ruminar os conteúdos primitivos manifestos à luz da consciência e mesmo após este processo, cuidar para que não sejam liberados impulsivamente. É permitir que os instintos estejam à serviço e sob a decisão da civilidade egóica, com responsabilidade sob os manifestos e rumos do conteúdo outrora sombrio (WOODMAN, 2003, p. 72).

Confiar em seu princípio feminino mais profundo pode vir a ser uma boa alternativa para manusear tal embate de forças. Outra ferramenta disponibilizada é ter consciência que tanto a capacidade destrutiva e devoradora, bem como a face da mãe nutridora estão em nível arquetípico passíveis há quem busca autoconhecimento, mas se tais forças tomam controle total da consciência, pouco se poderá fazer em prol de si mesmo, quiçá em prol de outrem. Logo, ter discernimento e percepção de seu funcionamento singular se faz imprescindível.

Após a desidentificação e lealdade, a sua essência, Henderson (1990) aponta para a necessidade de ocorrer um movimento de retorno aos sistemas sociais:

É ocasionalmente dito que a análise de profundidade promove a autonomia do indivíduo à custa de sua adaptação social. Em relação à política, isso geralmente é verdade. Um estágio do individualismo, mesmo o egoísmo, é inevitável no início de qualquer processo de autodescoberta para quebrar a identidade original com a classe na qual nasceu, ou o tipo de identidade familiar que nos mantém inconscientes. Se, no entanto, o individualismo desta primeira ruptura com a tradição se torna fixo, sua excentricidade narcisista impede qualquer atitude verdadeiramente social. O tipo de desenvolvimento psicológico que vemos durante um período de análise suficientemente longo me convence de que deve vir um momento para uma reativação da dimensão social da vida no próprio processo de individuação. Isso não é como a identificação inconsciente anterior com uma determinada classe de sistema de crenças, mas nasce em resposta a uma necessidade individual (HENDERSON, 1990, pág. 18).

Com base nesta perspectiva, se pode dizer em consonância com a perspectiva da Psicologia Analítica, que a instância psíquica inconsciente se sobrepõe em potência, frente à consciência, sobretudo se o indivíduo se disponibiliza a mergulhar em suas profundezas. E, quando em contato com seus conteúdos mais viscerais, consegue discerni-los das automatizações inerentes a persona.

Deste modo, cabe estar consciente de sua proposta sim! Mas é, sobretudo, etnopsicologicamente estar a serviço do cosmos em permitir-se cumprir em um processo de individuar-se enquanto mulher preta, pesquisadora sobre o racismo em uma sociedade patriarcal situada em um país fortemente influenciado por um complexo cultural de racismo, sexismo e misoginia diretamente relacionado aos construtos Judaico Cristão. É deleitar-se no devir de ser mulher!

5.3 O desafio de viver a ciclicidade feminina em uma estrutura patriarcal

O feminino ativo, adaptado, que se propaga [cooptado pelo sistema] atrelado ao conceito de empoderamento, conforme elucidado no capítulo três desta pesquisa, é disseminado nos meios corporativos, de forma que, mulheres, para serem reconhecidas e integradas neste universo corporativo, precisam estar aptas a atender ao crivo machista, sexista e misógino de uma dinâmica cotidiana equiparada à masculina, contudo sobreposta com os atributos [determinados pela mesma sociedade patriarcal] como inerentes ao feminino, em caráter cumulativo, atribuem tarefas relacionadas aos cuidados com a prole, afazeres domésticos, acolhimento dos membros do clã, dentre inúmeros outros ideais e, como todo ideal, inatingível!

Em caráter cotidiano de contexto patriarcal, a cerca da capacidade de (re)conexão com o pulsar lento, receptivo e natural da feminilidade, pode-se questionar quaisquer mulheres: Quais são as exigências mercadológicas e/ou corporativas à que tenho me sujeito em prol de ocupar um lugar social [persona] em que preciso agradar e atingir expectativas de

produção semelhantes às estabelecidas aos homens? Quando, no cotidiano, posso dedicar-me a ouvir os desígnios de minhas fases internas, minha ciclicidade³³?

O preço a se pagar, pela polarização em acolher as exigências da ordem da produtividade externa, tende a ser o da escassez e distanciamento interno com seu princípio de vida em mulheres nesta estrutura social, notório e não raras vezes, o sentimento de incapacidade, inadequação, culpabilização e adoecimento [o que cabe frisar, é largamente reforçado pela necessidade de validação externa, quase sempre, da ordem do *animus*] é constante. O que se associa igualmente, no outro polo, pela desconexão com sua ciclicidade e com seu sentir a um desequilíbrio generalizado, conforme elucida Jung no capítulo anterior a cerca do excesso de atribuições na perspectiva de contemplar os aspectos do sol [enquanto princípio masculino] e suas consequências.

Baleiro (2020) analista Junguiana e idealizadora de núcleos de trabalhos com mulheres sobre o despertar da consciência [integração] de aspectos da *anima* subvertidos pelas regências patriarcais. Traz na obra *O Legado Das Deusas*², atribuições aos mitos brasileiros como o de Jacy³⁴ e coaduna aos pressupostos apontados nesta pesquisa quando frisa que: “Todos nós, seres que habitam a terra, humanos e não humanos, somos filhos do sol que nos traz luz e calor. Mas nós mulheres somos também filhas da lua. De Deusas Lua como Jacy, e delas “herdamos” características.” (BALEIRO, 2020, p 67).

Ibidem (2020) frisa sobre os fluxos e refluxos, bem como das inconstâncias da psique e, conseqüentemente, do corpo feminino, que regido pelo ciclo lunar apresenta mutação diária com estimativa de conclusão dos ciclos de aproximadamente 29 dias, em que afastar-se deste princípio, sem respeitar as necessidades de seu sistema próprio ocasiona em adoecer e isto se dá pela necessidade de adaptar-se ao sistema solar de 24 horas apenas, vivendo longe da ciclicidade e dos desígnios da lua. Acresce ainda que compreender e aceitar que a ciclicidade não configura fraqueza ou uma desvantagem frente aos homens e, que se bem usada, pode crescer e amplificar as perspectivas de possibilidades (IBIDEM, 2020, p. 67- 69).

³³Ciclicidade feminina: Fala de a mulher não ser linear ou estável e sim cíclica e passível as influências lunares siderais e seus arquétipos correspondentes em nós. (GRAY 2019, p. 52)

³⁴Jacy era a Deusa Lua criada para trazer luz ao povo enquanto Guarani (o deus sol) dormia e, de tão linda Guarani se apaixonou por ela. Jacy rege os amantes e a reprodução, tem ainda a função de despertar a saudade no coração dos guerreiros e caçadores para que regressassem às suas amadas. É a mãe dos frutos e foi ela a ensinar ao primeiro pajé como apaziguar os espíritos malignos e conversar com as almas dos antepassados. (BALEIRO, 2020, p. 67).

Para acrescer a este viés Lorde (2020) relata que é a estratégia mais antiga de dominação [a distração], porém adaptada/cooptada a uma necessidade real e nobre de emancipação feminina em frentes corporativas (LORDE, 2020, p. 139).

Compreender esta lógica de funcionamento é o primeiro passo para poder se posicionar de outra perspectiva. Faz-se necessário em caráter singular, a priori, se notar e dialogar com seus próprios ritmos e limites, em primazia às exigências externas. Assim sendo, uma mulher que consegue nesta estrutura, notar o que vem a ser o seu natural, sua medida de espontaneidade e seu tempo; se conectou consigo! E, consegue notar-se disponível a movimentar-se para o universo, sem sucumbir aos assédios midiáticos e, consciente que faz o melhor que pode com a dinâmica cotidiana que lhe compete, e, sem dúvidas esta é uma revolução e, uma luta em que o pessoal se faz também político!

Haja vista, que a conscientização singular, faculta desorganizar estruturas metricamente formuladas para produzir as margens; o corpo feminino gordo, o preto, o trans, o deficiente, dentre tantos outros. E, sua postura cotidiana, fomenta haver reorganizações sociais em que incluam o que até então era margem, segregado, relegado ao obsoleto. A conscientização sobre as manobras patriarcais, articulada às novas condutas, é um ato político de insurgência!

Vivenciar a ciclicidade natural feminina na América, em um contexto geral e, cultuá-la em honras de sacralidade se torna profano. Ao passo que vivenciar tais símbolos coloca esses corpos em lugar de demonização! A bruxa da idade média, hoje é queimada em estruturas mais sofisticadas! Os meios outrora utilizados no cotidiano que propiciavam aproximação do sujeito com o princípio elementar natural, como a utilização dos grãos, ervas e inúmeras outras soluções, foram cooptados pelo sistema patriarcal, em nome de uma facilitação e otimização do tempo cronológico, como por exemplo, a utilização de uma cafeteira expressa, enaltecida como uma evolução em prol da mulher que se movimenta ininterruptamente, [intencionalmente distraída] dificilmente se percebe ferramenta ativa na roda do capitalismo.

Woodman (2003) discorre acerca da inconsciência, nos meios patriarcais, sobre a feminilidade consciente que não permite ao sujeito, reconhecer sua própria fúria inconsciente. E, conectados à Grande Mãe (representada por vezes pelo Estado, igreja, corporações, academia...) tem subvertidos os valores de sua própria alma. Aponta para este distanciamento de Si, como o espaço propício para projeções intensas de suas sombras mais aterrorizantes. E, mesmo compreendendo esta probabilidade, não subestima o sujeito a tais condições como

destinados a esta sorte. Contudo frisa sobre a necessidade em transpor os abismos inconscientes em busca de si (WOODMAN, 2003, p. 11).

E, com isto, sutil e constantemente, tem sua conexão ritualística com os princípios elementares enfraquecidos, distanciados. Von Franz (1988) acresce a cerca dos ritos e sua relação direta com a integração de feridas psíquicas: “Todos os rituais humanos são, portanto, gestos de cura. Trata-se de desempenhos simbólicos que curam as feridas psíquicas e nos ajudam a efetivar as grandes transições da vida” (VON FRANZ, 1988, p. 59).

Não há tempo cronológico para se permitir tomar um chá em ritual de conexão e ativação de um arquetípico que esteja em defasagem na sua vivência cotidiana e, conjecturar a hipótese de que por esta falta de conexão com sua essência sagrada seu corpo pode estar adoecendo. Cultivar a erva então é impensável para grande parte das mulheres do contemporâneo, se perguntar a uma menina de dez anos residente de alguma grande metrópole, o que é e, onde em seu organismo atua o princípio ativo da camomila, provavelmente ela não saberá do que você fala.

E não é sem propósito tal desconexão. Uma mulher que nunca teve oportunidade de ouvir falar em sua natureza instintiva, de sua ciclicidade, pois possivelmente esta mulher será bem mais adepta de ter uma dipirona na carteira para sanar a consequência de seus desequilíbrios internos e, suas somatizações no físico, para continuar sua produção sem longas interrupções em seu rendimento cotidiano que, silenciar-se em auto-observação para compreender o porquê de tal sintoma. E para uma sociedade de estrutura capitalista, é sugestionado e, produtivo que ela proceda assim!

Onde o chazinho que vovó usava *sic* dizem não surtir mais efeito..., ao menos não com a rapidez que o sempre apressado cotidiano capitalista exige. E, cabe frisar que ao aprofundar no contexto de “vovó” para ancestralidade dos amefricanos, pode-se referenciar as ancestrais indígenas, às benzedeiras, curandeiras das florestas, e seus conhecimentos transgeracionais riquíssimos, em título de conexão com a *anima*. Conhecimento este que a cultura do patriarcado tenta silenciar, contudo, se pode saber/sentir, que estes recursos estão latentes em todos nós.

Hooks (2018) correlaciona a militância feminina à espiritualidade feminina, ao que se denomina como o sagrado feminino, que embora possa se manifestar através de diferentes vertentes, como Wicca, New Paganismos, Druídas, dentre inúmeras outras frentes de manifestação. Contudo, em todas elas há como núcleo, o culto a natureza e o politeísmo. Em que para as mulheres é uma possibilidade de reinserção do que a muito foi capturado e relegado à sombra do inconsciente coletivo ocidental. Atribui ainda à novos modos de

permitir-se conhecer e se conectar com seu próprio corpo e com o universo para além dos dogmas estabelecidos pelo modelo Judaico-cristão. Sobre isto Hooks traz:

Enquanto hoje existem em abundância maravilhosas tradições espirituais que afirmam o feminismo, há uma multidão de pessoas sem acesso ao conhecimento dessas práticas. Elas frequentemente sentem que a religião patriarcal é o único lugar em que qualquer pessoa cuida de seu bem-estar espiritual. As religiões patriarcais foram bem-sucedidas no uso da mídia de massa, particularmente a televisão, para espalhar essa mensagem. Caminhos espirituais alternativos devem fazer o mesmo, se quisermos nos opor à noção de que a religião patriarcal é o único caminho. A espiritualidade feminista criou um espaço para todo mundo questionar antiquados sistemas de crenças e criar caminhos. Representar deus de diversas maneiras, restaurar nosso respeito pelo sagrado feminino tem nos ajudado a encontrar maneiras de afirmar e/ou reafirmar a importância da vida espiritual. Identificar a libertação de qualquer forma de dominação e opressão como uma tarefa essencialmente espiritual nos leva de volta a uma espiritualidade que une a prática espiritual com nossas lutas por justiça e libertação. Uma visão feminista de realização espiritual é naturalmente a fundação de uma vida espiritual autêntica (HOOKS, 2018, p. 115).

Em consonância ao pensamento de Hooks, se compreende que uma vez que as práticas/conexões com a espiritualidade podem estar a serviço de integrar conteúdos psíquicos inconscientes, nota-se que quando estas práticas são assimiladas pela via do respeito aos princípios femininos, (sem a intencionalidade de subversão, como estratégia de dominação) há a possibilidade de integração do feminino, ainda que em estruturas patriarcais.

Todavia, até mesmo em vias de acesso espirituais sobre pressupostos, a priori, de enaltecer os aspectos do feminino primordial, necessita-se estar atenta quanto aos seus dogmas e aos possíveis cooptações a serviço do sistema patriarcal, como por exemplo, em algumas denominações new pagãs, [desenvolvida e fundamentada por homens inclusive] podem vir a sofrer atualizações em seus ritos, com adequações favoráveis as estruturas sociais vigentes.

O que se frisa com esta elucidação é quanto a necessidade de buscar inteirar-se corporativamente, dos pressupostos e diretrizes das instituições que disseminam; o que Hooks menciona acima como espiritualidade feminista; para além das ações dogmáticas institucionalmente executadas. Contudo, se faz fundamental a possibilidade de (re) pensar o lugar da espiritualidade no cotidiano como uma possibilidade de retorno ao lar, frase esta utilizada com muita frequência em círculos de mulheres e proposta de (re)conexão com o feminino sagrado.

Baleiro (2020) aponta também para os rituais contidos nesta e em qualquer prática cotidiana, como possíveis fontes de conexão com os arquétipos e instintos, uma vez que

“rituais são sempre bem vindos para nossa psique que fala a linguagem simbólica”
(BALEIRO, 2020, p. 69).

Resgatar estes preceitos ancestrais e feministas é dar voz aos arquétipos do feminino sagrado que habitam em nós. Foi negado, com a disseminação eurocêntrica de estruturação social e, permanece sendo negado à mulher o direito a ser, a pertencer-se em todas as suas faces e isto inclui as faces sombrias, representadas mitologicamente por muitas deusas ctônicas como Lilith, Hécate ou Kali...Estas, dentre outras em diversos panteões, contudo, referindo-se a mesma potência arquetípica. Representam o lado escuro do princípio feminino com suas potências para destruição bem como para renovação a partir da integração desse princípio (FAUR 2017, p. 220, 311,327).

Sem integrar esta face, permanece a mulher polarizada, alguns exemplos destas polarizações são bem comuns e notórios. Ao ser elucidadas as narrativas obtidas em seu fazer analítico por várias autoras aqui contempladas, como Bolen, Baleiro, Woodman, Pinkola... Se contextualizadas em dinâmicas cotidianas, poder-se-ia defrontar-se com a ativação de determinados arquétipos, bem como, na defasagem de outros em detrimento da polarização. Como por exemplo, na atitude da vizinha com crise de ansiedade por não suportar a rotina da dinâmica cotidiana de sustentabilidade de uma casa, bem como de todos os seus membros, agora integral por vivenciar uma pandemia, se analisada profundamente nos contextos apropriados, como no *setting* terapêutico, possivelmente se depararia com uma defasagem da relação desta mulher com o arquétipo de Héstia³⁵.

Outro exemplo, uma mulher que em um ímpeto de ira expulsa de casa o marido que não respeitava suas escolhas sexuais, exigindo soberania e reverência no ato sexual, ao não se permitir mais ignorar tais atitudes [validadas socialmente inclusive] em nome de uma relação em que ela deveria prestar submissão, possivelmente ativou, conectou-se a energia arquetípica de Lilith. Em que não raras vezes, não lhe foi apresentada conscientemente, atribuindo-se este posicionamento de transgressão à representação da traição ao perfeito símbolo de sacralidade, atribuído este último, a representação de Eva³⁶ como a responsável por introduzir o peso do

³⁵Héstia: Sob o olhar de Junito Brandão, é a deusa devotada aos cuidados da lareira que simbolicamente não deveria se apagar nunca para manter aquecido, aconchegante o lar. (1986 volume I, p. 157 /200)

³⁶ Eva: Segundo a bíblia cristã, a mulher que foi feita da costela do primeiro homem- Adão- e eles seriam uma só carne após este ato de criação, onde ela foi criada para acompanhá-lo. Contudo, o traiu ao comer da maçã após ser tentada pela serpente e o induziu a comê-la. (CROSS, 2016, p. 5 §21-24)

pecado no mundo, em um viés generalizado, o que representa uma mulher nas sociedades patriarcais e potencialmente judaico-cristã.

Campbell (1990) na obra *O Poder Do Mito* relata como a imagem da mulher foi atrelada pelo cristianismo ao pecado, à morte e ao ser profano.

Existe, na realidade, uma explicação histórica baseada na chegada dos hebreus a Canaã e na subjugação do povo de Canaã. A principal divindade desse povo era a Deusa, e, associada à Deusa, estava a serpente. Este é o símbolo do mistério da vida. Os hebreus, orientados na direção do deus masculino, rejeitaram isso. Em outras palavras, existe uma rejeição histórica da Deusa Mãe, implícita na história do jardim do Éden (CAMPBELL, 1990, p. 57-58).

Infindáveis seriam os exemplos de despotencialização e desconexão com o princípio do feminino no contemporâneo, somados a defasagem das vivências femininas e do que representa relacionar-se com a alma em uma sociedade propositalmente patriarcal.

Von Franz (1988) Traz uma passagem em que aponta precisamente para a subversão dos valores da *anima* que ocorreu na Idade Média, no ocidente, sob a intervenção da igreja.

[...]A Igreja não gostava dessa novidade, pois levava a vários tipos de complicação e tornava as pessoas um pouco independentes demais, e assim a suprimiu. É de se notar que, quando as *cours d'amour* (curso de amor) foram extintas e os cavaleiros viram-se forçados a cultuar a Virgem Maria em lugar de suas idealizadas senhoras, começou a caça às bruxas. O feminino tornou-se negativo e mulheres atraentes e interessantes foram perseguidas como bruxas em razão de ter sido suprimido o despontar do desenvolvimento do amor. Agora que nos defrontamos com a questão de renovar a relação entre os sexos e encontrar novas formas de relacionamento entre homem e mulher, temos que voltar à Idade Média, ao ponto em que o problema foi deixado, nesse castelo com seu gramado. Aí o problema foi abandonado, dando lugar ao desenvolvimento unilateral masculino e racional do Ocidente. Nós, portanto, precisamos retornar (VON FRANZ, 1988, p. 72).

A expressão utilizada por Von Franz, retomar, dialoga diretamente com o posicionamento adotado nesta pesquisa desde o primeiro capítulo, em que houve a explicitação da influência direta do Sistema de crenças Judaico-cristão ao designo do patriarcado nas construções — para esta pesquisa, abordada apenas no contexto americano — em que aponta diretamente para a necessidade de integração da sombra coletiva da colonização, contudo, sem que haja outra cisão.

Para isto pensar formas de ser e ocupar-se da feminilidade em caráter autônomo sem deixar de acolher suas singularidades, contudo, ainda configura pertencer a um sistema dominante e excludentemente patriarcal. Repensar práticas singulares se faz, deste modo, uma insurgência às origens deste sistema.

Ainda sobre as cisões sofridas pelo feminino acresce Cristina Baleiro (2020) coadunações sobre: “[...] descobertas arqueológicas, feitas por mulheres, durante o século XX, de que a Crença na Grande Mãe foi a primeira vivência religiosa a existir para vários povos em diferentes regiões do planeta” (BALEIRO, 2020, p. 17).

Baleiro (2020) acrescenta ainda que a Deusa que reinava soberana e só, em contra ponto ao contexto monoteísta Judaico-cristão de um deus unilateralizado na bondade suprema, ela era integral, continha as polaridades do bem e do mal, da luz e da sombra, da abundância e da escassez, da amorosidade e da ira (BALEIRO, 2020, p. 15).

Ao conjecturar desta perspectiva, Marion Woodman (2002) corrobora, ainda a cerca das cisões ocorridas com o princípio feminino e da ortodoxia judaica cristã, diz sobre as potências que pode haver ao poder integrá-las sem arroubos ou novas cisões e exclusões:

São judaico-cristãs nossas raízes, raízes que remontam a vários séculos atrás, chegando até a absorver as primeiras deusas e cultos lunares. Nossas vidas, no entanto, têm transcorrido sob o influxo da literatura, da música e da arte da grande tradição cristã e, a energia arcaica que ecoa em nós quando estamos experimentando o plenilúnio, não ousa se separar da energia espiritual que ecoa quando ouvimos o coro inteiro e a orquestra entoando o “Messias” de Handel, na Catedral de São Paulo. Se o fizesse, estaria criando outra cisão. Se o conceito da virgem, ou do lado feminino de Deus (ou de Cristo) pode ser vivenciado de um novo modo, então as algemas da ortodoxia podem ser removidas; uma fé nova e viva pode ressoar em nossas veias, oferecendo novas dimensões à nossa realidade física e espiritual, de tal sorte que, em vez de sermos separados de nossa herança cultural, reunimo-nos com ela. O que pareciam imagens mortas e versos decorados podem se tornar vivos, carregados de uma profunda verdade interior e energia dinâmica (WOODMAN, 2002 p. 66).

O que Woodman, captura e propõe nesta passagem é o fato de haver uma possibilidade de resgate da capacidade de simbolização nos ritos, uma vez que, os capturar é estar disponível ao seu deleite para novas associações sem necessitar rechaçá-lo, como se possível fosse, dar uma finalidade aos instintos, através das atualizações ritualísticas, outrora subvertidas às finalidades da ortodoxia. E, dar este passo enquanto corpo consciente feminino se faz possibilidade de retorno ao lar (de conexão com o princípio do feminino), ainda que imbuído nos conceitos patriarcais, para de fato transmutá-los e (re)inseri-los.

Ao conjecturar possíveis pontes para se integrar estas rupturas na práxis, fez-se recordar que há em sociedades matrilineares, respeito e reconhecimento da necessidade de recolhimento das mulheres em seus períodos pré-menstruais, cabe um adendo quanto a distância estrutural, quando se compara aos conceitos das sociedades matrilineares, contudo, visa explicitar outras possibilidades de vir—a—ser, no para além de, em uma estrutura patriarcal. De mulheres permitirem-se acolher-se!

Pode-se compreender também, que a abertura a estes processos de percepções se dará de modo direcionado e, conseqüentemente os resultados também o serão, haja vista a demanda do tempo e modo [paralelos, se comparadas as estruturas matrilineares e patriarcais] como se lida com eles em ambas as estruturas sociais, logo, recursos e resultados serão distintos mesmo utilizando das mesmas ferramentas nos construtos das atividades de autoconhecimento, integração e autocuidado.

Contudo, mesmo guardando a distância de realidades estruturais, é possível receber uma resposta de proximidade com a essência feminina e com os frutos desse respeito para consigo e, conseqüentemente para a coletividade.

Ao pensar a estrutura psíquica, enquanto potência dual e, instaurar tais comportamentos, por vezes vivenciados de maneira polarizada, pode-se compreender tamanha força de compensação que tal organismo terá de lançar mão para estabilizar o sujeito. Logo, se assim não ocorre por incapacidade de conscientização, ou outros fatores como o ego ou alguma parte da psique não suportar tal processo, esta não se cumprirá. E esta estagnação em nível de atender apenas a uma polaridade do eixo Ego- *Self* tem conseqüências danosas para o sujeito, conforme mencionado em algumas passagens acima.

Segundo Stein (2020) em uma releitura aprofundada do processo de individuação no contexto Junguiano, explicita que este processo demanda dois movimentos, que seriam: O primeiro equivalente ao processo de desintegração das cristalizações de imagens externas e internas como sendo propriamente seus, em que este passo permite lucidez ante ao que de fato o constitui singular. E o segundo movimento compete à capacidade de integração à consciência, de conteúdos emergentes do inconsciente coletivo, em imagens arquetípicas, nos sonhos e imaginações ativas. Onde estas duas etapas seriam imprescindíveis e de igual relevância, para se ocorrer o processo de individuação (STEIN, 2020, p 19).

E cabem as mulheres a busca pela conexão com seu princípio feminino em consonância e equilíbrio com seu princípio inconsciente masculino, em uma relação conforme já apontadas acima em expressões universais e generalizadas da condição de sujeito. Mas também e, em igual proporção em seu caráter singular, em suas buscas pessoais no fazer cotidiano em sua jornada pessoal.

Bolen (2015) esclarece tal processo com a analogia da saga da heroína e de seus estágios não lineares, bem como, da necessidade em se acolher cada estágio. Os associa ainda, aos enredos encontrados nos mitos. Frisa que de alguma maneira seu inconsciente irá te sinalizar em cada momento deste processo, fornecendo meios e recursos necessários, caso a

mulher decida manter-se em movimento e não se permitir sucumbir em estagnação improdutiva (BOLEN, 2015 p. 124).

Seja por movimentos no universo, aos quais não se tem controle; tais quais as sincronicidades; seja pela ativação de símbolos e imagens em acesso ao inconsciente coletivo, pessoal ou pelo complexo cultural, contudo, haverá recursos neste eixo Ego-*Self* para atender a cada sujeito que vise buscar este processo de individuar-se em sua jornada pela vida.

O exercício de autoconhecimento; constante e infundável; é uma ferramenta a serviço desta jornada. Jung (2013) nos propõe que ao acessar conteúdos sombrios, inerentes da função inferior de cada sujeito [referente às condições que compõem a estrutura psíquica] acessar esta função diretamente não é saudável, pois se encobre no risco de enantiodromia, o que Jung compreende como a força geralmente em contraponto a uma postura polarizada na consciente, o que forma, em igual proporção de força, uma contraposição no inconsciente (JUNG 2013, OC 6, p.562, § 790-793), todavia, ao acessar a função transcendente, a qual, segundo Jung (2013) vem a ser a resultante da união de conteúdos consciente e inconscientes, e que ambos os elementos não atuam de maneira paralela, mas sim complementar, esta cumpre a função de mediadora entre os conteúdos, os permitindo serem integrados de maneira gradual (JUNG, 2013, OC 6, p. 493, §907-908). Assim sendo, possibilita as ferramentas de que se necessita para acessar os conteúdos sombrios de maneira salutar, visando possibilitar todas as ressignificações e revoluções necessárias à integração.

A analista Junguiana Clarissa Pinkola Estés (1994) após uma jornada de profunda imersão e estudo à cerca do comportamento de alcateias, traz um estudo riquíssimo em similaridades aos conteúdos simbólicos encontrados nos comportamentos das lobas aos conteúdos pertencentes à psique humana e deste projeto, surge a clássica e igualmente divisora de opiniões, *Mulheres que correm com os lobos*.

Onde ela vai tratar através de contos e, a posteriori, de assimilações analíticas da psique feminina e suas facetas. Uma destas mencionadas por ela é o arquétipo da Mulher Selvagem. A este é referenciado pela autora como a representação, com a devida força arquetípica e, a possibilidade de vivenciar a natureza instintiva da mulher.

Nesta obra ele é referenciado pela autora como La Loba, sob diferentes perspectivas, panteões e culturas, este arquétipo sobre alterações na nomenclatura, contudo, a potência arquetípica à que se refere traz alguns atributos específicos, Pinkola (1994) cita alguns deles: profundidade de acesso a natureza sábia; conhecedora, hostil, rude, à deusa que detém o poder da criação e da morte, a personificada bruxa anciã; sem ela, a mulher não se conecta com o ritmo e pulsar de sua alma (ESTES, 1994, p.11).

Woodman (2003) Frisa “Na parte feminina de nosso ser encontra-se um lado muito mais lento, menos racional, que se movimenta de modo mais espontâneo, natural, receptivo, uma parte que aceita a vida sem julgá-la” (WOODMAN, 2003, p. 31).

Do lugar de etnógrafa, com todas as sobreposições e subjugações implícitas em ocupar o lugar de mulher negra e militante, massivamente exemplificadas nesta obra, questionei-me: Mas de que lugar passivo atrelado ao feminino esta autora se refere? Não representa às guerreiras quilombolas que conheço das narrativas historiográficas, nem as militantes que diálogo; todavia, ao observar mais minuciosamente este conceito e o correlacionar com as narrativas das militantes negras que mencionei, foi possível notar que a mansidão à que Woodman se refere, esteve presente em todas elas!

Diz de uma condição inata do arquétipo do feminino, depositada em um aspecto diretamente associado a uma essência profunda, escura e oculta, que todas elas em algum momento de sua trajetória relatam se deparar. Lorde (2020) relata com clareza a potência existente nesta conexão na seguinte passagem:

Esse nosso lugar interior de possibilidades é escuro porque antigo e oculto, sobreviveu e se fortaleceu com sua escuridão. Dentro deste local profundo, cada uma de nós mantém uma reserva incrível de criatividade e poder, de emoções e de sentimentos que ainda não foram examinados e registrados. O lugar de poder da mulher dentro de cada uma de nós não é claro nem superficial; é escuro, é antigo e é profundo (LORDE, 2020, 46).

Pode-se associar esta conexão/poder à condição de consonância com o universo e o reconhecimento de seu modo sincrônico de atuação, em que nada passa por despercebido, nem muito menos está passível ao controle. É um convite ao imperativo, sim, mas do lugar de percepção, conexão e confiança em si mesma, em contraponto a sobreposição aos movimentos imperativos, constantes, atribuídos ao *animus*.

Mediante a todas as colocações e aspectos apresentados até o momento, pode-se dizer que imensuráveis são os danos da experiência vivencial de uma mulher sem este acesso, conforme supracitados por todos os capítulos acima. Não há integração onde opera a cisão, ou se pertence a uma face ou a outra. Este foi o lugar delegado ao feminino na estrutura Americana desde a colonização. Capturar esta natureza e transmutá-la ao lugar de algo desprezível, inaceitável, animalizada, sem utilidade, primeva, são subterfúgios sociais utilizadas há séculos em direção ao feminino. Como tentativa e, incalculáveis vezes obtendo sucesso, de silenciamento da natureza instintiva da mulher, assim buscar-se calar sua potência.

Os estigmas sociais de inadequação, repressão, associados louca, bruxa, feiticeira e toda sorte de rejeição e subjugação, são impressos automaticamente à mulher que, em oposição a este sistema, escolhe vivenciar sua ciclicidade e conexão com os elementos siderais lunares; que acolhe sua potência intuitiva no ato de pressentir e não saber concretamente o porquê, ou mesmo o que sente, mas ainda assim validar-se; é reconhecer/compreender sua também condição de portadora de sentimentos vis, sagazes tão potentes quanto sua sensibilidade e capacidade de manipular elementos naturais, como reconhecer a força e toda movimentação instintiva físico /psico /emocional que envolve o momento de parir... é desta energia arquetípica que se refere a mulher Selvagem, atemporal e natural, tal qual é!

Assim sendo, conforme traz Emma (2006) ao se referir à força dos arquétipos, entrarem em embate com esta energia e tentar silenciar a força da imagem arquetípica é lutar com algo que possui um impulso para tornar-se consciente e que está sempre em prol de um objetivo e, que a natureza para o gatilho de tal manifestação da psique ainda é um mistério da vida não desvelado em pesquisas (EMMA, 2006, p. 91-92). Logo, quando sujeita a tais opressões, contrárias à sua natureza, o princípio instintivo da mulher entra em embate, uma vez que realizar-se em Si Mesma requer lutar com tais forças contrárias repressoras que atuam sobre o ego. Todavia esse impulso, a priori latente, é visceral em toda mulher, reforçando o acima citado estado de pressão para se fazer consciente, Estés (1994) confirma tal potência com a seguinte colocação:

A mulher selvagem é a saúde para todas as mulheres. Sem ela, a psicologia feminina não faz sentido... Esta mulher não-domesticada é o protótipo de mulher... [...] Seus ciclos mudam, sua representação simbólica muda, mas na sua essência, ela não muda. Ela é o que é; e é um ser inteiro. [...] Felizmente, por mais que seja humilhada, ela sempre volta à posição natural. Por mais que seja proibida, silenciada, podada, enfraquecida, torturada, rotulada de perigosa, louca e de outros depreciativos, ela sempre volta à superfície nas mulheres, de tal forma que mesmo a mulher mais tranquila, mais contida, guarda um canto secreto para a Mulher Selvagem. Mesmo a mulher mais reprimida tem uma vida secreta, com pensamentos e sentimentos ocultos que são exuberantes e selvagens, ou seja, naturais. Mesmo a mulher presa com a máxima segurança reserva um lugar para seu self selvagem, pois ela intuitivamente sabe que um dia haverá uma saída, uma abertura, uma oportunidade, e ela poderá escapar (ESTÉS, 1994, p 12).

Tal qual uma loba, há dentro de cada mulher os recursos necessários para o *devoir* de plenamente ser. Onde se compreende por *devoir*, na perspectiva de Heráclito, segundo aponta

Vieira (2001) ao conjecturar o conceito filosófico do temo à ideia de individuação enquanto processo, sem destino e, sim em constante transformação—no seu compasso—em unicidade consigo e com o todo. Onde está métrica é de inteira singularidade de cada sujeito (VIEIRA, 2001 p. 67). É acessar tal estágio, sem caráter teleológico, em cunho subjetivo, apenas sendo!

Enquanto mulher negra, nos infundáveis processos de vida-morte-vida. Individuar-se por vezes, na estrutura social vigente, se faz desafio e, em sua jornada, a heroína é tentada a desistir de seu processo como se lhe faltasse recursos para lidar com os desafios. E neste momento, necessita-se correlacionar recursos psíquicos, físicos, interseccionar saberes, conforme citado acima por Jung acerca da função transcendente enquanto recurso disponível para não ocorrer a enantiodromia, os recursos disponíveis e necessários em prol da individuação estão disponíveis. E, a análise é um meio de autoconhecimento, contudo, não o único. Estar disponível para acessar seus conteúdos mais sombrios —e os mais potentes e criativos que lá se encontram — cabe suportar e/ou integrar tais conteúdos para se poder gozar deste caminho de plenitude.

5.4 Individuar-se enquanto movimento *unus mundi*

Da perspectiva etnopsicológica, se pode observar em consonância Kimbles (2014) que a proposta desta pesquisa se filia à sua, quando este afirma a cerca das novas possibilidades de vir — a — ser, a partir de ressignificações de conteúdos inconscientes, em movimentos genuínos de amor ao coletivo, ainda que em estrutura patriarcal vigente, deste modo contextualiza a riqueza dos estágios de luto e melancolia [culturais] quando bem elaborados e integrados:

luto cultural e melancolia são atitudes diferentes que identificam a relação individual e grupal com o sofrimento social. Uma atitude de Eros em direção ao sofrimento social é aquela que liga análise, profissões de ajuda, religiões, movimentos políticos e políticas sociais de uma forma que possa levar à criação de uma alma cultural – (KIMBLES, 2014, p. 89).

Esta concepção por mais utópica que possa parecer ser, a priori, traz o germinar de sementes outrora cuidadosa e insistentemente plantadas por inúmeras feministas, dentre elas, várias do movimento negro. Neste sentido, do lugar de etnógrafa, enquanto feminista, psicóloga e negra, compreendo a conotação de valoração e pertença universal/cosmogônica [associada ao princípio de retorno às concepções matrilineares] como transcendente e primal,

em relação às ideologias. Uma vez que alcança, tal qual flecha, a opus do feminino(nismo). E, se este contexto de integração e possibilidade de (co)criação em genuína sororidade, não for uma personificação de criação de novas possibilidades da anima cultural, falta-me, em alguma instância, arcabouço que permita compreender o que seja!

E o emergir destas potências, que se pode metaforizar, à busca por sentido, movimenta todo indivíduo após os processos de imersão em seu universo interno. É a experiência consciente que permite compreender que não somos (em conhecimento, saberes, potências...) para nós! Tudo que me compõe, só encontra razão de ser se for ao encontro do outro, deste modo, a quebra do espelho narcísico, se torna possível apenas quando entrego ao mundo as elaborações efetuadas em meus processos íntimos. E ao contemplar este paradoxo, se pode apreender que, de fato, em alguma instância cosmogônica eu e o outro somos um! O que permite subverter a busca incessante, de ideal de felicidade, em força propulsora para movimentar o cotidiano com sentido, no real! Com os recursos que se têm disponíveis no momento, tendo em vista construir novos panorâmicos próprios e, em consequência, sociais/políticos.

Em uma sociedade tendenciosamente polarizada a aniquilação das potências inerentes ao feminino, somatizada ao sexismo e à discriminação racial como fator estrutural, cabe frisar que fazer-se no caminho requer estar aberto aos embates, às perdas, às vulnerabilidades. Nem somente de apropriações, somas e potências se dá a caminhada, pois é exatamente fora da zona de conforto que o indivíduo se depara com o que necessita para se pertencer.

CONCLUSÃO

Para tecer minhas escrevivências e considerações a cerca desta pesquisa a etnopsicóloga e etnógrafa toma o lugar de fala para contextualizar a conclusão desta pesquisa e todas suas reverberações em meu ser.

Pude compreender que não há caminho de individuação na reclusão, na exclusão do outro, posto serem nas relações que nos constituímos. E assim o co-criar se transfigura, toma forma de se autocriar e constantemente se ressignificar. Sem receitas ou metas, está no sutil permitir-se! Que por vezes se apresenta no ato de habitar o vazio, de respeitar os silêncios. Acolher esse lugar não nos afasta de nossa caminhada. Pelo contrário, por vezes estas esquinas sombrias por um tempo [tempo este que também é singular] é o que nos permite não nos perder em meio à identificação com as personas coletivas, um grande risco quando se está mergulhada em um movimento de massa.

Habitar o oco, o lugar da vulnerabilidade é também experienciar o poder de retomar àsi. Para após este recolhimento, em um posterior movimento, poder voltar-se para os processos externos, nos encontros e embates. E seu foco neste instante já não é uma militância apenas coletiva, sim e, em primeira instância, de sua própria jornada! E algo em nós sabe quando se está a cumprir seu caminho.

Quando se nega algum designo do seu Self, seja em nome de uma conduta social, pessoal, em nome de um pertencimento, de sustentar-se polarizado, ou seja, lá por que questão for..., se faz uma escolha [consciente ou não] em fugir de si mesmo! Em não sustentar este processo, que por inúmeras vezes não é bonito, linear ou agradável, como se relata nos veículos de mídia contemporaneamente, como sendo a imagem de autoconhecimento como caminho das flores para felicidade constante, plena e imutável.

O processo de individuação exige o desejo em transgredir, de sair da zona de conforto. E este ato tem um preço. Aliás, Jung nos assegura isso, conforme se pode constatar pelos conceitos dele apresentados, que é um caminho de sustentar e acolher o fato de que somos em toda instância duais, e que o processo de individuação se dá exatamente no caminho do meio! Sem critérios de valores, vou polarizações ao que melhor convier. E, exatamente quando se sustenta a dor se pode dar conta também de sua máxima potência.

Ironicamente, é deste lugar de se reconhecer e de se ver consigo, respeitando os compassos da sua singularidade que de fato se pode ver o/no outro. Dá-se conta neste momento então, de que o sujeito não possui sequer sua própria vida e sim que está posto a ela!

É deste lugar próprio, político e, nada neutro, que concluí o compilado de vieses que geraram a pesquisa: Desconstrução e reconstrução da negritude feminina, no território americano.

Ao propor uma perspectiva frente à compreensão do que é o feminino em uma sociedade, direcionada em instâncias — consciente e inconsciente — patriarcais, exalando seus estigmas por toda parte. Pode-se notar a dificuldade em dissociar o ideal do real quanto a perspectiva de sororidade e militância feminista.

Com os elementos desta pesquisa pude compreender que habitar este feminino na estrutura social patriarcal, exigirá sempre, manter a consciência desperta. Ainda que, tal ativação em alerta constante possa soar como sinônimo de ameaça! Consciência e posicionamento sobre os sistemas a que se está envolto é arma engatilhada a transgredir! E este lugar requer muita coragem. Assumir postura ativa em sua trajetória exige estar disponível a tecer na trama cotidiana novos nuances para as incessantes tentativas de acinzentar os tons vibrantes e aconchegantes do feminino. Tudo isso enquanto se cura as próprias feridas.

É dançar com suas sombras —transgeracionais— em um tango ofegante que exige precisão! É encontrar-se com todas as versões de si aos rodopios no salão da vida. E quando uma dessas versões não mais lhe couber, não hesite em soltar, de certo ela já cumpriu o que necessitava e na próxima nota talvez haja outro aspecto pronto à sua espera para ser integrado. Sujeitos que somos em constante construção.

Esta pesquisa paciente e detalhadamente, propôs encaixar as peças que, ocupam pretensamente os lugares sociais e simbólicos, que enaltecem as consequências sócio estruturais de uma economia que permanece escravista. Aliar-se na militância contra o racismo requer compreender muito além do que o código civil compreende por ato racista inafiançável. O real e desmedido algóz social que caminha de encontro ao racismo todos os dias é a perversidade e sutileza com que se aceita o racismo estrutural, transvestido de naturalidade e subvertido em supremacia branca, para justificar o etnocentrismo, classista, sexista, polígamo, misógino e dominante racista.

Deste modo, na tentativa de montar um cenário panorâmico, com os fragmentos de histórias que foram recortados de uma educação erudita e, pretensamente, dita Laica, as peças pretas em conotação dúbia, em uma perspectiva apontam um aspecto que goteja sangue, igualmente por outro aspecto, permanecem a exalar o aroma de ervas frescas, a capturar os olhares com o vibrante dos seus tons, a aquecer de vida em seus jongos, ao dançar as amarguras da vida que lhe coube e, ainda assim, trazer cura em seus tambores!

Destes tantos acertos, potências, exaustões e procuras; há igualmente os desacertos, impotências, diminuições e desespero, que facultam, por vezes, em renunciar ao processo e depara-se deste modo com uma tendência a fugir do real, pra um lugar seguro do ideal, o sonho futuro. Uma vez que, se agora sei, posso compreender e, principalmente posso escolher não ocupar. Posso então dizer-me livre, não?!pois no território do ideal/(i)real, tudo é mais belo afinal.

Todavia, se o ideal por hora salva do caos, o mesmo — se prolongado — te deixa inerte e, no campo confortável da inércia, não há transmutação! A dança entre o sonhar e o habitar o real, por mais duro que ainda possa ser, é o que permite a composição dos acordes singulares de sua existência. É o que preenche com vida, o peito amargo da existência feminina negra na América.

O *devoir* de ser mulher, especialmente, de ser mulher negra em uma estrutura social além de misógina e racista; que se utiliza de insígnias da escravatura, fomentando a chaga do estigma da subserviência e diminuição da etnia africana; com o propósito de subjugar e conservar os moldes secularmente reforçados nesta estrutura. Lidar com a sombra da síndrome da escrava requer estar consciente do que se é! Uma vez que este lugar de consciência lhe permite perceber, quando as violações naturalizadas, invadem seus muros com os dois pés contra seu peito.

Pude então compreender que dentre tantos, um dos maiores desafios do contemporâneo de uma mulher negra é encontrar no para além de..., as forças que emergem de suas entranhas e a impelem a permanecer rumo à luta por equidade e respeito! Que manter-se fiel ao seu Self, habitando um corpo feminino é estar em ressonância em uma cadeia imensurável de sororidade que permite sentir e afirmar com toda certeza de que sim, podemos vir—a — ser uma!

Como estes passos são lentos..., e por vezes, ante a tantos ataques psicossociais, o desespero e autossabotagem tendem a tomar lugar. O capitalismo, a cultura patriarcal, os estigmas Judaico- cristão e suas condutas segregadoras, tendem a silenciar mais uma vez tais vozes e, nesta hora se pode sentir o pulsar arquetípico da ancestralidade africana em algum lugar desta psique, reverberando em meu corpo preto e, pode-se notar/sentir Joanas, Marias, Dandaras, pisando junto aos meus pés! Porque sim! Esses passos vêm de longe e não irão parar por aqui!

E não se está a fazer uma especulação utópica ou de expectativas inacessíveis e sim de atitudes possíveis a qualquer pessoa no cotidiano. A proposta não se inclinou em fornecer

um manual ou *checklist* de possibilidades e validações de atividades relacionadas ao estereótipo do feminino e sim favorecer com esclarecimentos e possibilidades de se repensar ações, muitas vezes, já executadas no cotidiano sem consciência de suas dimensões e ressonâncias, ritualizar o cotidiano e, deste modo, amplificar a consciência.

Sigo no meu ritmo, respeitando meus ciclos e as necessidades de cada estação. E quando penso na possibilidade de não resistir a algum período mais desafiador, lembro-me de onde vem a minha essência! Então me coloco a respeitar os meus processos e meu tempo próprio e deste modo, me faço seiva, imbuída entre mundos, pois a final o que seria o processo de individuação de um sujeito se não seu permitir-se ser ponte entre a fonte da vida[rizoma] e os frutos postos ao mundo?!

Às vésperas de concluir a dissertação, de fato a partir esta pesquisa tão simbólica e importante em minha trajetória. Meu coração estava angustiado, com o peso ético da minha verdade tecida em cada página e de tantos complexos que constelei durante este processo. Somatizando esta angústia e inúmeros afetos que tomaram meu corpo. Após uma noite de febre alta tive um sonho, realmente um divisor de águas em minha caminhada neste processo.

Sonho que estou em uma cachoeira, que no contexto real, é muito importante para mim, pois em minhas memórias pessoais, pois foi onde passei os melhores momentos de minha infância e, onde aprendi a nadar. E foi exatamente ela a responsável por me ensinar simbolicamente, através do sonho, a mergulhar após todo o processo alquímico de minha dissertação e extrair o ouro, o produto final. Minha entrega ao universo e minha conexão *unus mundi*, uma vez que a água é um dos símbolos representantes do inconsciente coletivo.

O ouro, elemento este referenciado à Orixá Oxum — na perspectiva das matrizes Africanas e híbridas como no Candomblé e Umbanda, ela é a mãe e guardiã dos domínios das águas doces, rios e cachoeiras — tem o espelho, como um dos objetos de seus domínios. Outro símbolo diretamente associado aos meandros de uma pesquisa etnopsicológica. Filha de Oxum de sou, não poderia vir de outra perspectiva a conclusão desta pesquisa, pois na/da água doce é onde sei/sinto o que sou e para que sou no cosmos!

O sonho retratava uma cena em que eu resgato um corpo feminino muito branco, caucasiano e nu, do fundo da cachoeira (o inconsciente) e o levo para margem (minha consciência) tudo isto enquanto minha cunhada (uma mulher negra) me observa da pedra. Ali, sobre a pedra, quando me disponho a olhar este corpo face —a—face, noto detalhadamente todas as projeções do que eu um dia compreendi ser uma mulher bela; branquíssima, magra de nariz muito afinado, lábios finos e cabelos lisos castanhos, (tudo que eu nunca fui, mas

projetei ser) e junto deste corpo retiro um saquinho de filó preto com uma buchinha de cabelo, ao qual eu sabia que a pertencia. E coloco sobre ela.

Seu corpo está nu, a persona (seria representada pelas roupas) e, o fato dela estar despida traz o simbolismo deste aspecto da minha psique estar posto, apenas com o que ele de fato é, sem esperar ser forjada socialmente.

Surpreendentemente esta mulher que eu pensava estar morta, começa a colocar água para fora da boca, na tentativa de tomar vida novamente, eu (a representação de meu ego vigente) corro direcionada por minha cunhada (a mulher que representa um aspecto sombrio do meu lado negro) com medo e, assuntada, eu olhava para traz e em um determinado momento eu escolho parar, contemplar sua morte. Eu escolho deixá-la morrer! As margens da cachoeira eu a vi morrer. Após esta constatação segui descendo a enorme pedra e entrando pelo caminho de volta à estrada principal, logo atrás da mulher negra e, esta era a última cena do sonho. Na psicologia Analítica se compreende que na última cena, contém os elementos necessários para a resolutividade do conflito e integração do conteúdo na consciência.

Ao levar este conteúdo para análise e amplificá-lo em terapia, concluímos que esta mulher branca com fenótipo europeu, idealizada pela cultura do embranquecimento, citado nesta obra, precisava sair das águas do inconsciente e vir para a superfície, trazida por meu ego, precisava ser olhada de frente! Entregar o saquinho com o elástico de prender os cabelos a ela foi um dos simbolismos mais representativos para mim, pois prender, alinhar e esconder os cabelos, não cabia mais ao meu ego. A representante do que foi o belo para minha vida, podia levar aquele prendedor que cabia a ela!

O cabelo, às minhas raízes crespas foram, ao nível do corpo, um dos elos conectivos mais fortes e representativos com minha ancestralidade negra. Minha transição capilar foi uma ferramenta de honra e representatividade a elas, minhas ancestrais, que precisaram esconder-se detrás de cabelos alisados suas vidas todas, para sentirem-se mais dignas de receberem um tratamento humanizado e direcionado a cooptação de beleza limpa, distantes do cabelo crespo e seus estigmas de sujeira, feiura e inferioridade!

Então desde o momento em que, percebi-me negra e, decidi pesquisar sobre mulheres negras, fiz uma promessa a mim mesma. Que nunca mais esconderia minhas raízes, que meus cachos, meu crespo, seriam a representação personificada da força delas em mim!

E, por fim, ao escolher seguir no sonho atrás da mulher negra, ainda que inicialmente com medo do que poderia vir a ser de nossos corpos, sem a representação

aceitável europeia, em uma sociedade ainda adoecida e exterminadora. Ainda assim decidi partir, algo em mim sabia que era preciso deixá-la morrer!

E, pude compreender que, a última olhada para traz, escolhendo não a salvar e certificando-me de sua morte, era meu passaporte para minha caminhada comigo mesma. Era a conclusão da minha jornada da heroína, para então iniciar outra e outra...

Concluir esta dissertação é um fechamento de ciclo em minha trajetória! E, a descrição deste sonho no corpo desta pesquisa é para contextualizar o conteúdo elucidado em toda narrativa sobre a possibilidade em se (re)conectar consigo, enquanto corpo feminino negro, para além de todos os empecilhos encontrados pelo caminho. Que deixar morrer este aspecto da mulher branca não configura uma cisão, com o outro aspecto de nossa herança ancestral, posto que ela foi sobreposta e nunca equiparada aos aspectos da nossa herança africana. A morte desta mulher não se deu em ignorá-la submersa no inconsciente (dentro da cachoeira) ela foi aceita, compreendida à luz da consciência, foi devolvido o que lhe cabia e aí sim, ela pode ser integrada, lembrada, reconhecida, para que se pudesse fazer cumprir em minha caminhada consciente. Mulher negra, amefricana que sou!

E, o *Self*, que sempre sabe o caminho, mais uma vez fez-se cumprir. Porque diferente de escolher ser negra, eu decidi ser negra! E, há uma distância considerável entre as duas colocações. Escolher implicaria renunciar ao outro aspecto (cindi-lo), decidir conjectura-se à movimentação de forças internas profundas necessárias para sustentar tal posicionamento. E, este lugar da decisão não cabe dúvidas, pois ele caminha acompanhado das verdades da sua alma. É, quando a vida pode ser de fato vivida e gozada. O medo então sede lugar à oportunidade, que talvez seus ancestrais, idealizaram receber. Hoje, decidi por todas elas e, de algum ou de muitos modos, elas decidem com/através de mim!

Quando em conexão com a *anima* se está disponível o acesso à vida. Com um toque sutil, humanizar, preencher com aquecimento qualquer conteúdo! Por mais vil, opressor e atroz que chegue; o feminino é capaz de transmutar simbolicamente qualquer conteúdo, tal qual um colo acalentador a ninar.

É contemplar o Vir — a — ser, com a díade intrínseca do feminino: transitar escorrendo, dançando; entre a força e a delicadeza, a impetuosidade e a calma, o estrondoso grito e o misterioso silêncio mais profundo. É sentir cada vez mais pulsante, ao habitar o singular, seu simultâneo pertencimento ao todo! E, com isto, ser/ter vida!

Ao se permitir fluir, faz-se rio dentro desta estrutura simbólica ancestral e, em seus afetos para além dos temores, permite-se constituir mutável, potente, fazer-se e (re) fazer-se

quantas vezes necessite, modular-se de/nas encostas de cada encontro que a vida lhe ofereça e estar posta ao mundo tal qual seiva, que mesmo contra a gravidade segue seu processo a cumprir seu *devoir*. Seu processo de individuação, a nutrir e gerar vida, por onde passar, até onde sua essência lhe conduzir!

Rememorar que as heranças atávicas, histórico simbólica de resiliência é construção é reunião de séculos de lutas conjuntas da ancestralidade negra de nosso povo escravizado, que iniciaram, todas, em caráter singular! E não se pode perder este sentido de pertencimento e resistência coletiva que ancora nossa jornada.

Não! Não! Infinitos não ecoam nos atravessamentos do cotidiano de mulheres, em especial as pretas amefricanas na contemporaneidade. Qualquer uma delas é capaz de reconhecer as palavras e, os não ditos, que pairam sobre as linhas do narrado poema abaixo. E precisa-se falar sobre eles!

As minhas raízes atávicas trazem comigo não apenas as heranças de dores e perdas, mas também das potências de resiliência que há em cada corpo preto que hoje se firma no chão com os dois pés, impunha sua voz e de peito aberto as ressignificações brada:

- *Não! Meu corpo não é objeto para satisfazer o desejo alheio!*
- *Não! Não preciso alisar meu cabelo para me sentir bonita!*
- *Não! Não vou me sentar ao fundo para a recepção ser das "mais clarinhas".*
- *Não! Não vou prender a gargalhada porque mulher precisa sorrir baixo e discreta para ser aceita.*

- *Não! Não vou deixar de usar minissaias para não ser violentada!*
- *Não! Meu lugar não é apenas na cozinha!*
- *Não! Não mereço receber menos que um homem após oferecer pelo mesmo trabalho!*
- *Não! Não é um desperdício optar por relações que transcendem a héteronormatividade.*

- *Não! Não sou obrigada a me prostituir por não ter tido a oportunidade de acessar e dominar os melhores aplicativos multimídia!*
- *Não! Não tenho que passar pano e servir cafezinho porque foi o destino que coube às matriarcas da minha família!*
- *Não! Não preciso cumprir a expectativa de me casar e ter 2 filhos aos 20, para "optar" exclusivamente pela maternagem e, assim poder ocupar o status de mulher digna de família!*

- *Não! Não tenho a cor do pecado, nem o compromisso de ser entretenimento para deleite dos privilegiados da sociedade.*
- *Não! Não paro de falar, pois mesmo esta luta sendo cotidiana, mesmo ante aos imensuráveis assédios; morais, físicos e psíquicos...*
- *Não! Eu não me curvarei, nem me calarei, nunca mais!!!*
- *Porque cada não desses é, um sim por mim e, por todas as outras que não puderam e, pelas que ainda não podem dizê-los,*
- *Sou todas elas e elas são em mim!!!*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, M. V. **The multicultural imagination: Race, Color, Unconscious**. London: Routledge, 1996. p. 46.

AKBAR, N. **Akbar Papers in African psycology**. Tallahassee: Mind Productions & Associates, 2004.

ANGELA, A. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ANGELOU, M. **“Pehenomenal Woman”**. Phenomenal Woman: Four Poems Celebrating Woman. Nova York: Random House, 1995.

APPEZZATO, G. B. & Carmello-Guerreiro, S.M. **Anatomia Vegetal**. Viçosa: UFV, 2006. p.438.

ARRUDA, A. *et al.* **Pensamento feminista no brasil: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 23 - 111.

ASSUNÇÃO, G. **Narrativas dos povos de Angola. Luanda: União dos Escritores Angolanos**. 1993.

BAIRRÃO, H, M, J; COELHO, D, Á, T, M. **Etnopsicologia no Brasil: teorias, procedimentos, resultados**. Salvador: EDUFBA, 2015.p. 465-468. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18029>.

BARRETO, R. A. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela DaviseLéliaGonzalez**. Orientador: Marco Antonio Villela Pamplona, Dissertação de Mestrado (História Social da Cultura), Departamento de História da PUC – Rio: Rio de Janeiro, 2005.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019. p. 19-91.

BOLEN, S, J. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. São Paulo: Paulus, 2015. p. 14-131.

BOECHAT, W. **A alma brasileira: luzes e sombra**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014. p. 11-184.

BRANDÃO, S, J. **Mitologia Grega**. Vol. I. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986, p. 28-200.

BRASIL. **Lei do Direito à Educação e do Dever do Estado**. LBD: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 3ª edição. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições técnicas, 2019. p. 9.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 20-57.

CATANEO, G; VIEIRA, A. **As lágrimas de Heráclito**. São Paulo- SP: Editora 34, 2001, p. 67.

CROSS, K. **A bíblia sagrada**: Vila Hamburguesia – São Paulo. 2016, p. 5 §21-24.

CEGALLA, D. P. **Dicionário de língua portuguesa**. São Paulo – SP: Companhia Editora Nacional, 2005. p. 308 – 782.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e Classe**. São Paulo: Boi Tempo, 2016, p. 3 - 47.

DAVIS, A. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boi Tempo, 2016, p. 2-37.

DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo-SP: Boi Tempo, 2018. p. 18-100.

DIAS, L. GAMBINI, R. **Outros500. Uma conversa sobre a alma brasileira**. São Paulo: Senac, 1999.

ESTÉS, P, C. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 11- 27.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon**; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUR, M. **As faces escuras da grande mãe**: Como usar o poder da sombra da cura da mulher. Lua negra, esteroides e Deusas. São Paulo: Alfabeto. 2016. p. 220 - 327

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005. p. 33.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p.29.

FREIRE, G. **Casa grande e senzala**: Introdução à História da sociedade patriarcal no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.39-365.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra. 1986, p. 105-106.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1987.

FREITAS, G.V. **Feminismos na Imprensa Alternativa Brasileira**. Quatro décadas de lutas por direitos. Jundiaí- SP: Paco editorial, 2018. p. 23.

GELEDÉS, I. **Instituto de apoio à cultura e mulher negra**. Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/xenofobia-definicao-fatores-de-risco-e-prevencao> [acessado em 24/09/2020]

GELEDÉS, I. Livros e textos de Lélia Gonzalez. Em Afro-brasileiros, Mulher Negra. Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/xenofobia-definicao-fatores-de-risco-e-prevencao> [acessado em 21/12/2019]

GOMES, L. **Escravidão: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares.** Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. p. 13-32.

GONZALEZ, L. **O papel da mulher na sociedade brasileira.** Apresentado no Spring Symposium the Political Economy of the Black World, Los Angeles, Center for Afro-American Studies: UCLA, 1979.

GONZALEZ, L. **A categoria político cultural de Amefricanidade.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988. p. 92-93.

GONZALEZ, L. **A Mulher Negra na Sociedade Brasileira** (Uma abordagem político-econômica). In: MADEL, Luz. (org.). “O lugar da Mulher (Estudos sobre a condição feminina na sociedade atual)”. Rio de Janeiro: Graal, 1982, (Coleção Tendências). p. 182.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro latino americano: Ensaio, intervenções e diálogos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.p.34-312.

GRAY, M. **O despertar da energia feminina: o caminho da benção do útero. De volta à natureza autêntica da mulher.** São Paulo: Gaia, 2019. p. 53.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.p 13-119.

HENDERSON, J. **The cultural unconscious. In Shadow and Self: Selected papers in analytical psychology.** Wilmette, IL: ChironPress.1990.

HOUAISS, A. **Dicionário De Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAMES, Carl E. **Perspectives on Racism and the Human Services Sector: A Case for Change** 2nd Revised ed. [S.l.]: University of Toronto Press. 1996. p. 27.

JUNG, E. **Animus e anima.** São Paulo- SP: Cultrix, 2006. p.50 - 91.

JUNG, G, C. **Estudos Sobre psicologia Analítica.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

JUNG, C. G **Estudos experimentais.** OC. 2, Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JUNG, G, C. **Psicogênese das doenças mentais.** OC 3, Petrópolis: Vozes, 2012a.

JUNG, G, C. **Tipos Psicológicos.** OC 6, Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, G, C. **O eu e o inconsciente.** OC 7/2, Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, G, C. **A dinâmica do inconsciente.** OC 8/2 Petrópolis: Vozes, 1984.

JUNG, G, C. **A natureza da psique.** OC 8/2, Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, G, C. **Sincronicidade.** OC 8/3 Petrópolis: Vozes, 1991.

- JUNG, G. C. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. OC 9/1, Petrópolis: Vozes, 2002.
- JUNG, G. C. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. OC 9/1, Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- JUNG, G. C. **Civilização em transição**. OC 10/3, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.
- JUNG, G. C. **Mysterium coniunctionis**. OC 14/1, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.
- JUNG, G. C. **Ab-reação, análise de sonhos, transferência**. OC 16/2, Petrópolis: Vozes, 1999.
- JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**, OC 17, Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- JUNG, G. C. **Vida simbólica**. OC 18/1, Petrópolis, RJ: Vozes, 2015a.
- JUNG, G. C. **Sobre sentimentos e a sombra**: sessão de perguntas de Winterthur, Petrópolis: Vozes, 2015.
- JUNG, G. C. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p 13 -26.
- KIMBLES, S. The Cultural Complex and the Myth of Invisibility. In: SINGER, T. (Org) **The Vision Thing Myth, politics and psyche in the word**. New York: Routledg, 2000, p. 157.
- KIMBLES, S. From Jung's Complex Theory to Cultural Complex in S. Kimbles, **Phantom narratives**: The unseen contributions of culture to psyche. Rowman & Littlefield. 2014.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 1-2.
- KLACEWICZ, C. **Narrativas com forte apelo traditivo**. Valori. Rio de Janeiro, 2009.
- LORDE, A **Irmã outsider**, Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 5-55.
- LORDE, A. HOLLANDA, B, H. *Et al.* **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 14.
- MORAES, R, J. **O inconsciente sem fronteiras**. Petrópolis: Idéias & letras, 2007. p.96.
- NOGUEIRA, S, G. **Libertação, descolonização e africanização da psicologia**: Breve introdução à psicologia africana. São Carlos: EdUFSCar, 2020. p 27-28.
- NEUMANN, E. **O medo do feminino**: e outros ensaios sobre a psicologia feminina. São Paulo: Paulus, 2000. p. 37-56.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal EST, 2007.
- PLATÃO, **Fédon**. São Paulo: Nova Cultura, 1996. p. 141.

RATTS, A; RIOS, F. **Retratos do Brasil negro**. São Paulo: Selo Negro, 2010. p. 99-112.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995, p. 120.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra, 2020, p. 68-86.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018. p. 13-30.

RIBEIRO, I. **Racismo estrutural: um olhar sobre a justiça criminal e as políticas de drogas após a abolição**. 2018. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Faculdade Nacional de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. p.43.

RUBEDO, S, A. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro - RJ: Imago, 1988. p. 16-21. Edição Eletrônica disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/listaver.htm>

RODRIGUES, N. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Madras, 2008.

SILVA, V. G. **Entre a poesia e o raio x**. Uma introdução à tendência pós-moderna na antropologia. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, A. M. (Org.). **O Pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 145-158.

SCHUMAHER, S; BRAZIL, V, E. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio de Janeiro-RJ: Senac Nacional, 2007. p. 15 - 487.

SOUSA, S, N. **O mito em Ernst Cassirer e Cal Gustav Jung: uma compreensão do ser do humano**. Rio de Janeiro: Litteris, 2002. p. 74.

STEIN, M. **Jung e o caminho da individuação: uma introdução concisa**. São Paulo: Cultrix, 2020.p.19-66.

VIANA, E. **Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990**. Dissertação (Mestrado em História Comparada), Departamento de História, CFCH/IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

VIDEIRA, L, P; FERREIRA, N, I, B; FONSÊCA, K. **Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos**. Amapá: UNIFAP, 2019.

VON FRANZ, M, L. **A sombra e o mal nos contos de fadas**. Paulus: Rio de Janeiro, 1985, p. 11.

VON FRANZ, M, L. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cultrix. 1988. p. 48-76.

WIKIPEDIA, **Imagem de destaque: Audre Lorde, 2020**. Disponível em: <http://www.poetryfoundation.org/poem/240144> reprodução web. [Acessado em 24/08/2020; 15h48min.]

WOODMAN, Marion. **O vício da perfeição:** compreendendo a relação entre distúrbio alimentares e desenvolvimento psíquico. São Paulo: Summus, 2002. p. 66-77.

WOODMAN, Marion. **A feminilidade consciente.** São Paulo: Paulus, 2003. p. 10-72.